

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MÁRCIA IZABEL DOS SANTOS**

***IN SION FIRMATA SUM: A FORMAÇÃO DE MENINAS E MOÇAS NO  
COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION DE CURITIBA***

**CURITIBA**

**2016**

**MÁRCIA IZABEL DOS SANTOS**

***IN SION FIRMATA SUM: A FORMAÇÃO DE MENINAS E MOÇAS NO  
COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION DE CURITIBA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: História da Educação, da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História da Educação.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Evelyn de Almeida Orlando

**CURITIBA**

**2016**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

S237s  
2016 Santos, Márcia Izabel dos  
*In Sion Firmata Sum* : a formação de meninas e moças no Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba / Márcia Izabel dos Santos; orientadora, Evelyn de Almeida Orlando. – 2016.  
147 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2016  
Bibliografia: f. 124-132

1. Educação feminina – Curitiba (PR). 2. Colégio Nossa Senhora de Sion.  
3. Educação – História. 4. Escolas Católicas. I. Orlando, Evelyn de Almeida.  
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação  
em Educação. III. Título.

CDD 20. ed. – 376



Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Escola de Educação e Humanidades  
Programa de Pós-Graduação em Educação

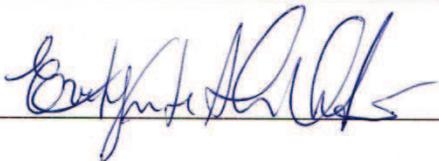
**PUCPR**  
GRUPO MARISTA

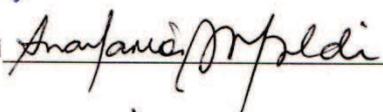
**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 776  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

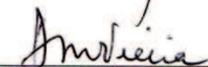
**Márcia Izabel dos Santos**

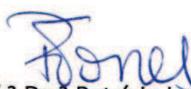
Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezesseis, reuniu-se na Sala 7 da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelas professoras: Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando, Prof.ª Dr.ª Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi e Prof.ª Dr.ª Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira para examinar a Dissertação da candidata **Márcia Izabel dos Santos**, ano de ingresso 2014, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Políticas da Educação. A mestranda apresentou a dissertação intitulada "IN SION FIRMATA SUM: A FORMAÇÃO DE MENINAS E MOÇAS NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION DE CURITIBA ", que, após a defesa foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16:15h. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Presidente:  
Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando \_\_\_\_\_  


Convidado Externo:  
Prof.ª Dr.ª Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi \_\_\_\_\_  


Convidado Interno:  
Prof.ª Dr.ª Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira \_\_\_\_\_  




**Prof.ª Dr.ª Patrícia Lupion Torres**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação  
*Stricto Sensu*

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas à minha família em especial Vitor Gabriel, filho amado, meu maior e melhor presente que me ensinou o verdadeiro significado da palavra amor.

## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é para a Professora Evelyn de Almeida Orlando, querida orientadora que não apenas desempenhou sua função de orientar, como também várias outras funções, especialmente nos momentos de aflição, quando pôs-se ao meu lado ouvindo e norteando. Agradeço o incentivo e a confiança.

Agradeço também as professoras Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi, Alboni Marisa Pianovski Dudeque Vieira e Rosa Lydia Teixeira Corrêa por terem aceito tão carinhosamente compor a banca examinadora. Em especial as professoras Alboni e Rosa por compartilharem seus conhecimentos nas disciplinas e por suas contribuições na discussão de projeto e banca de qualificação. Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Educação meu agradecimento, também, pelas valiosas contribuições.

Aos meus familiares pelo incentivo, paciência e compreensão, nos momentos em que estive ausente, especialmente a minha querida mãe Aparecida Ribeiro dos Santos, por ter sido o melhor exemplo de dignidade, amor e perseverança a seguir, por todos seus ensinamentos e pelos momentos de dificuldades pelos quais passamos, meu eterno agradecimento.

Agradeço ao meu esposo Murilo dos Santos pelo incentivo, paciência, apoio e pelas renúncias. Por sempre acreditar em meu potencial e me ajudar na correria de cada dia.

Não posso deixar de agradecer também aos amigos e parceiros Mara Francieli Motin e Rodolfo Knesebeck pelos bons momentos compartilhados, por fazerem parte desta história dividindo as angústias e também as alegrias, pelo incentivo e oportunidade de aprender também com vocês.

Aos meus muitos amigos, também pelo apoio incondicional, por estarem sempre comigo, próximos ou mais distantes fazendo com a vida ser mais leve.

As Irmãs da congregação Nossa Senhora de Sion, assim como as bibliotecárias Vicentina Focaccia Ruela e Magali Leindorf Müller que sempre se mostraram dispostas a auxiliar nas pesquisas e entrevistas, indicando as pessoas certas. Também por disponibilizarem o acervo e me permitirem analisar os arquivos da biblioteca, sem restrições.

As ex-alunas entrevistadas por tão carinhosamente cederem seu tempo e rememorarem seus dias transcorridos no Colégio Sion dividindo conosco suas vivências.

Ao ex-professor Luiz Gonzaga Paul pela gentileza com que me recebeu e a atenção com os detalhes da entrevista que cedeu.

À CAPES pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa, garantindo assim a conclusão do curso.

À Pontifícia Universidade Católica do Paraná pela oportunidade de consolidar uma formação pautada em princípios éticos e morais indispensáveis à formação humana.

“Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.”

Érico Veríssimo

## RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é a formação de meninas e moças curitibanas no Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba nos anos de 1906 a 1969 e tem como objetivo analisar os múltiplos elementos que contribuíram para essa formação. A pesquisa em questão se enquadra ao campo da História Cultural que nos apresenta uma significativa mudança na maneira de se fazer e pensar a História. Nesse sentido, teóricos como Roger Chartier (1990) e Pierre Bourdieu (2003) fundamentam o estudo. Outro fator de grande importância a ser analisado, por estar intimamente relacionado com a própria escola, é a contribuição das congregações católicas, que colaboraram de forma bastante significativa na educação da sociedade brasileira. Devido às condições adversas que a Europa vinha sofrendo em meados do século XIX, várias congregações oriundas de diversas regiões do mundo se instalaram no Brasil, contribuindo para o fenômeno de imigração. Essas congregações tinham como objetivo, na maioria das vezes, o trabalho educativo e também voluntário em hospitais, asilos, ou instituições filantrópicas. Sendo o colégio estudado fruto de uma congregação católica francesa faz-se necessário também compreender a contribuição dessa congregação para a educação e formação das alunas do colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba. O recorte temporal para a efetivação da pesquisa está demarcado entre os anos de 1906, ano da chegada do colégio Sion em Curitiba a 1969, último ano em que o ensino foi pautado exclusivamente no método Montessori-Lubienska. De forma geral, entre os teóricos que embasam tal pesquisa, além dos já citados, destacam-se ainda: Paula Leonardi (2002, 2008, 2013), cujas pesquisas englobam a chegada e atuação das congregações religiosas no Brasil, Maria Alzira da Cruz Colombo (2013), para pensar as congregações francesas no Brasil, Maí Nascimento Mendonça e Maria Tereza de Brito Lacerda (2009), as quais contribuem para pensar a imigração francesa e o legado de suas tradições em solo paranaense, dentre tantos outros que contribuem de forma essencial para ancorar esta pesquisa no campo da História da Educação.

**Palavras-chave:** Colégio Nossa Senhora de Sion, educação de meninas e moças, congregações católicas, congregação Nossa Senhora de Sion.

## ABSTRACT

The object of study of this research is the education of girls and young ladies at *Colégio Nossa Senhora de Sion* in Curitiba from 1906 to 1969 and it aims to analyze the multiple elements that contributed for this education. The present research falls within the field of cultural History which gives us a significant change in the way of doing and thinking History. This way, theorists such as Roger Chartier (1990) and Pierre Bourdieu (2003) founded the study. Another major factor to be analyzed, for being closely related to the school itself, is the contribution from the Catholic congregations that contributed quite significantly in the education of the Brazilian society. Due to the harsh conditions that Europe was suffering in the mid-nineteenth century, several congregations from various areas in the world settled in Brazil, contributing to the immigration phenomenon. These congregations had as their aim, in most cases, the educational and volunteer work in hospitals, nursing homes, or charities. As the school being studied is a result of a French Catholic congregation it is also necessary to understand the contribution of this congregation in the education and training of the students from *Nossa Senhora de Sion* School in Curitiba. The time frame for the research done is delimited from 1906, the year that *Sion* school arrived in Curitiba to 1969, the last year in which teaching was exclusively guided by the Montessori-Lubienska method. Overall, among the theorists who support such research, besides those already mentioned, there are also: Paula Leonardi (2002, 2008, 2013), whose research include the arrival and activities of the religious congregations in Brazil, Maria Alzira da Cruz Colombo (2013), to think on the French congregations in Brazil, Maí Nascimento Mendonça and Maria Tereza de Brito Lacerda (2009), who contribute in thinking the French immigration and the legacy of their traditions in the state of Parana, among many others who contribute in a critical way to anchor this research in the field of History of Education.

**Key words:** Colégio Nossa Senhora de Sion, girls and young ladies' education, Catholic congregations, Nossa Senhora de Sion congregation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fachada da segunda sede do C.N.S.de Sion .....	44
Figura 2: Catedral de Curitiba na Praça Tiradentes década de 1930.....	45
Figura 3: O portão francês do passeio público de Curitiba, 1992.....	46
Figura 4: Castelo do Batel.....	48
Figura 5: Fachada do C. N. S. de Sion.....	48
Figura 6: Imagem de Curitiba do ano de 1827.....	52
Figura 7: Carta de Marie Alda de Sion à Adaline.....	85
Figura 8: Menção de bom procedimento.....	86
Figura 9: Menção de bom procedimento.....	87
Figura 10: Jantar de formatura da turma de 1961.....	88
Figura 11: Relação de alunas no ano de 1947.....	90
Figura 12: Capa do livro metodologia da linguagem.....	112
Figura 13: Atividade da disciplina didática da matemática.....	117
Figura 14: Atividades.....	118
Figura 15: Atividades disciplina Didática da Matemática .....	119
Figura 16: Caderno de Geometria.....	120

## LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Estabelecimentos tipos e localização .....	34
Quadro 2: Chegada das Congregações no Brasil.....	39
Quadro 3: Chegada das Congregações em Curitiba.....	42
Quadro 4: Atuação das Congregações religiosas em 1955.....	61
Quadro 5: Atuação das Congregações religiosas em 1957.....	62
Quadro 6: Atuação das Congregações religiosas em diversas modalidades no ano de 1964 e número de alunos.....	64
Quadro 7: Resumo da atuação das Congregações religiosas em Curitiba no ano de 1968.....	66
Quadro 8: Aquisições da biblioteca.....	69
Quadro 9: Projetos de vida das alunas do C. N.S. de Sion.....	90
Quadro 10: Distribuição em unidades didáticas.....	109
Quadro 11: Obras sugeridas no livro Metodologia da Linguagem para estudos do Curso Normal.....	112
Quadro 12: Divisão e unidades temáticas.....	113

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.B.E.....Associação Brasileira de Educação

A.E.C.....Associação dos Educadores católicos

C.N.S. ....Colégio Nossa Senhora de Sion

N. S de Sion.....Nossa Senhora de Sion

J.U.C: .....Juventude Universitária Católica

N.D.S. ....Notre Dame de Sion

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
<b>1. A CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DE SION EM MEIO A PROJETOS DE CUNHO CATÓLICO DESTINADOS À EDUCAÇÃO DE MOÇAS</b>	
1.1 A congregação Nossa Senhora de Sion: conhecendo sua história e seus fundadores .....	27
1.2 O colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba: uma escola confessional católica feminina .....	43
<b>2. O COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION NA CIDADE DE CURITIBA NO INICIO DO SÉCULO XX E A ATUAÇÃO DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO EDUCACIONAL</b>	
2.1 Os sujeitos atuantes e suas ações desenvolvidas no colégio.....	67
<b>3. MODELOS DE FORMAÇÃO FEMININA A PARTIR DO COLÉGIO – EDUCAÇÃO FEMININA / FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO</b>	
3.1 Os objetivos da formação feminina no contexto curitibano.....	94
3.2 Os métodos Montessori e Lubienska como contribuição para a formação das alunas do Sion.....	101
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>121</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>124</b>
<b>6. APÊNDICES.....</b>	<b>133</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>141</b>

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa<sup>1</sup> é a formação de meninas e moças curitibanas no Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba nos anos de 1906 a 1969 e tem como objetivo analisar os múltiplos elementos que contribuíram para a formação das mesmas e a atuação do referido colégio no cenário educacional curitibano. A pesquisa em questão se enquadra ao campo da História Cultural que nos apresenta uma significativa mudança na maneira de se fazer e pensar a História.

Sabemos que o Brasil é um país que possui uma imensa variedade cultural e muitas vezes nos indagamos sobre o conceito de cultura, como ela se expressa e se reflete em nossa sociedade. Embora, talvez, não possamos encontrar uma resposta para estes questionamentos, alguns teóricos podem nos esclarecer alguns pontos proeminentes para estas questões, não no sentido de definir o que é de fato a cultura, mas sim buscando compreender como ela interfere nas questões sociais.

Nesse sentido, teóricos como Roger Chartier (1990) e Pierre Bourdieu (2003) fundamentam o estudo. Chartier por meio dos conceitos de apropriação e representação, que nos permitem compreender a interpretação de eventos, as práticas e a expressão dessas representações na sociedade. Já Bourdieu (2003) nos permite compreender o conceito de capital simbólico, importante para entendermos a classificação coletiva e individual a qual os indivíduos classificam a si e aos outros.

Para Orlando & Dantas (2008, p.1) “as pesquisas em História da Educação tem manifestado uma preferência por objetos que revelam as práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos”; neste sentido nos apropriamos dos conceitos de Dominique Julia (2001, p. 9) que nos ajuda a compreender questões sobre as práticas que permitem a “transmissão dos conhecimentos e a incorporação de comportamentos e saberes ordenadas de acordo com as finalidades religiosas, sociopolíticas, ou simplesmente de socialização”. Para o autor:

---

<sup>1</sup> *In Sion Firmata Sum: A Essência da formação Sionense.*

A cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular (JULIA, 2001, p, 10).

Quando a escola torna-se objeto de estudo, muitos são os enfoques a serem analisados: políticas educacionais, práticas pedagógicas, estrutura, etc. Para Silva (2006):

Um elemento está sempre presente quando o objeto de estudo é a escola, qual seja o reconhecimento da existência de uma cultura própria dessa instituição. Cultura que a conforma de uma maneira muito particular, com uma prática social própria e única (SILVA, 2006, p.202).

As atribuições das escolas e seus comportamentos são bastante semelhantes, assim como as características que as diferenciam. Entretanto, ainda na concepção de Silva (2006) “parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria”. Segundo Faria Filho *et al* (2004):

No que tange a historiografia educacional, há aproximadamente dez anos, a categoria cultura escolar vem subsidiando as análises históricas e assumindo visibilidade na estruturação propriamente dita de eventos do campo<sup>2</sup> (FARIA FILHO *et al*, 2004, p. 142).

Neste sentido, busquei utilizar nesta pesquisa fontes diversas como os diários e cadernos na perspectiva de entender essa cultura escolar e qual papel ela desempenha na formação destas moças e meninas curitibanas.

Segundo Faria Filho (2004) “as culturas escolares não são passíveis de reforma, de mudanças e intervenções bruscas, justamente porque precisam ser construídas nas experiências e nas práticas escolares (p.201)”. Desta forma, buscamos reconhecer estas práticas existentes no colégio estudado e entender como configuravam o processo de escolarização daquelas alunas. O autor observa que:

---

<sup>2</sup> Os autores citam como exemplos eventos de grande visibilidade que abordavam a temática da cultura escolar, entre eles destacamos: a Conferência de Encerramento do XV ISCHE (International Standing Conference for History of Education) realizado em Lisboa em 1993, o III Congresso Luso-brasileiro ocorrido em Coimbra em 2000, o periódico Cadernos Cedex nº 52, editado em 2000 o qual também foi dedicado à temática cultura escolar, sob o título “cultura escolar: história, práticas e representações”, XII Jornadas Argentinas de História da Educação, ocorrida em Rosário em 2001. Além destes eventos citados, também o II CBHE em 2002 organizou a mesa redonda “cultura escolar: questões de historiografia” e em 2003 foi organizado o 1º seminário sobre cultura escolar organizado por Rosa Fátima de Souza e Vera Valdemarim.

Pensar a cultura escolar é pensar também as formas como os sujeitos escolares se apropriam das tradições, das culturas em que estavam imersos nos diversos momentos da história do processo de escolarização (FARIA FILHO, 2004, p. 201).

De acordo com Frago, “a transmissão das diferentes ideologias e valores no meio escolar, aspecto no qual os cadernos garantem, frente ao livro de texto, uma aproximação mais fidedigna à realidade” (2008, p.17), pode ser incidida também sobre os diários estudados, pois mesmo quando escritos de forma cautelosa, alguns indícios dos fatos analisados podem ser facilmente encontrados.

Por outro lado, Jacques Le Goff (1996) afirma que todo documento é fruto das intenções e também das escolhas de quem o elabora, produzindo assim, um ponto de vista apenas parcial da história. Para ele:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1996, p.545).

Nesta pesquisa, entendo como documento fontes como atas, diários, cartas e relatos. Nessa perspectiva, a análise dos diários foi cautelosa, buscando evidenciar eventos de forma genérica, observando-os subjetivamente.

Sendo assim, ao analisar a formação das alunas do Colégio Sion, buscou-se também compreender como foi construído o capital cultural<sup>3</sup> destas estudantes, valorizando as possíveis variações culturais, os hábitos e valores da época a que o estudo se refere, buscando compreender a teia de significados de sua formação, humana e profissional, por meio de seus relatos e outras fontes,

---

<sup>3</sup> O conceito de *capital cultural* é entendido neste trabalho na perspectiva de Bourdieu (2007). Trata-se de uma categoria utilizada pelo autor para analisar diferenças de classes na sociedade. O capital cultural, serve de certa forma, para caracterizar subculturas de setores de classes ou mesmo as próprias classes sociais. O autor analisa também a cultura, num sentido amplo de valores, estruturas psicológicas, gostos, estilo, etc. que provém do estilo de vida específicas dessas diferentes classes, moldando suas principais características e hábitos. Para o autor “o gosto é o princípio de tudo o que temos (pessoas e coisas), de tudo o que somos para os outros e é através dele que classificamos e somos classificados”. (BOURDIEU, P. 2007. p.59).

como os diários das Irmãs, entrevistas<sup>4</sup> com ex-alunas e ex-professores, notícias publicadas em jornais, etc.

Outro fator de grande importância analisado foi a contribuição das congregações católicas, que colaboraram de forma bastante significativa na educação da sociedade brasileira, especialmente a Congregação Nossa Senhora de Sion.

Várias congregações oriundas de diversas regiões do mundo se instalaram no Brasil. As condições adversas da Europa em meados do século XIX, contribuíram para o fenômeno de imigração dessas congregações que tinham como objetivo, na maioria das vezes, o trabalho educativo e por vezes voluntário em hospitais, asilos, ou instituições filantrópicas. Sendo o colégio estudado fruto de uma congregação católica francesa, faz-se necessário também compreender esta relação e a contribuição dessa congregação para a educação e formação das alunas do colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba.

O recorte temporal para a efetivação da pesquisa está demarcado entre os anos de 1906, ano da abertura do colégio em Curitiba a 1969, último ano em que utilizou-se exclusivamente o método Montessori-Lubienska<sup>5</sup>, passando então a instituir também o método Romain<sup>6</sup> de ensino.

No conjunto das produções no campo da História da Educação, esta pesquisa mostra-se relevante, pois nos revela elementos importantes para a compreensão da formação das alunas do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba. O colégio em questão refere-se a uma instituição de grande representação na sociedade curitibana e se faz presente também em diversas regiões do mundo. Junto com outras instituições de ensino de origem francesa, o Colégio Sion contribuiu para disseminar e instituir elementos da cultura francesa como marcas de distinção social, símbolos da modernidade e da civilização.

---

<sup>4</sup> Este trabalho faz parte de um projeto maior intitulado "Igreja Católica e circulação de saberes pedagógicos: intelectuais, impressos e práticas educativas (1916-1970), aprovado pelo Comitê de Ética, sob o número de protocolo 1.247.267.

<sup>5</sup> Junção dos métodos criados por Maria Montessori e Helene Lubienska de Lenval.

<sup>6</sup> O Método Romain, criado pela francesa, Simonne Romain, daí o nome dos exercícios, foi elaborado no início do século XX, e consiste no desenvolvimento de atividades psicomotoras. O Romain pode significar a percepção das diferentes atitudes e do movimento que faz a pessoa. Toda essa proposta é feita em grupo. Ele reúne o aspecto intelectual, afetivo e motor de quem o pratica. (N. D. S. Sion Curitiba, 2015).

No Brasil, especificamente, a instituição de ensino conta atualmente com cinco sedes: Curitiba (Batel e Solitude), São Paulo (Higienópolis e Vila Maria) e Sion Rio de Janeiro. Além do Brasil, o colégio está presente em outros sete países: Austrália, Canadá, Costa Rica, Estados Unidos, França, Reino Unido e Turquia.

Desde a chegada da Congregação Notre Dame de Sion no Rio de Janeiro, no ano de 1889, as Irmãs de Sion desenvolvem um trabalho de cunho educativo voltado para a elite, e um trabalho social proporcionando educação também às meninas pobres e/ou órfãs chamadas de “Martinhas”<sup>7</sup>, o que coloca o colégio em uma condição favorável perante a sociedade devido a preocupação e o trabalho efetivado com os “menos favorecidos”.

Há vários estudos contemplando a formação de alunas do colégio Nossa Senhora de Sion ou atuação da Congregação Nossa Senhora de Sion referentes a outras sedes, entretanto, em relação à sede curitibana não foram localizados até o momento quaisquer trabalhos que tenham tido como objeto de estudo o Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba.

Dessa forma, devido à inexistência de uma pesquisa histórica acerca do colégio Sion, esta se faz necessária, pois o estudo desta instituição de ensino tradicional na cidade pode nos revelar muito sobre a formação ali empreendida assim como nos dá a ver rebatimentos dessa formação no exercício da profissão, mas também, na própria sociedade em seus hábitos e costumes, registros de acontecimentos que se tornaram representativos na sociedade e que tiveram sua origem na escola, como campanhas, eventos sociais, etc. A construção dessa história pode servir para futuros estudos e como registro da história e memórias do colégio.

Alguns trabalhos efetuados sobre o Colégio Nossa Senhora de Sion, assim como os estudos efetuados sobre a Congregação Nossa Senhora de Sion foram utilizados como referenciais basilares para a efetivação desta pesquisa, pois nos revelam elementos importantes que complementam e ampliam a análise. Dentre esses trabalhos destacam-se artigos de Ângela Xavier Brito, “*Trajetórias e fabricação dos destinos das meninas do Colégio Sion*” (2011) que nos apresenta

---

<sup>7</sup> Alunas de origem humilde, que viviam também internas no Sion, geralmente oriundas de regiões longínquas que, como uma espécie de pagamento pelo ensino que recebiam colaboravam com a organização e limpeza do colégio.

os percursos das alunas do Colégio Sion do Rio de Janeiro, no momento em que elas deixam o ambiente protegido da escola e são levadas a definir um projeto que confirme seu *status* de adultas e que dê sentido às suas vidas como seres autônomos. Este trabalho chama atenção para a trajetória das alunas após sua formação na escola, momento em que elas precisam decidir suas escolhas: casamento, acesso à universidade ou vida profissional. Ângela destaca ainda o peso da formação nessas carreiras que elas terão que escolher.

Sônia Alves Achnitz também nos apresenta valiosos trabalhos efetivados sobre o colégio Sion em outras sedes. “*Catolicismo ultramontano e educação feminina: o Colégio Nossa Senhora de Sion em São Paulo*” (2006) refere-se ao estudo da implantação dos colégios confessionais católicos femininos enfatizando a relação entre a Igreja e o Estado no século XIX. A dissertação “*Violetas de Sion: memórias de Normalistas*” (2008) da mesma autora aprofunda esta temática.

Ana Cristina Pereira Lage (2007) nos apresenta um estudo semelhante em seu artigo “*Escolas confessionais femininas na segunda metade do século IX e início do século XX: um estudo acerca do Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha (MG)*”<sup>8</sup>, sede hoje inexistente.

Maria Alzira da Cruz Colombo em “*Sion da Belle Époque aos nossos dias*” (2013) realiza um estudo acerca do colégio Sion de São Paulo e a Congregação Nossa Senhora de Sion, sendo assim indispensável à pesquisa.

A obra de Claude Móndevert “*As religiosas de Nossa Senhora de Sion*” (1956) apresenta um panorama da origem e a história da fundação da congregação Nossa Senhora de Sion, também relevante a esta pesquisa.

Em relação especificamente ao estudo das congregações destacamos Paula Leonardi com várias obras (artigos, dissertação e tese) que são indispensáveis para a efetivação desta pesquisa, pois são determinantes para a compreensão da chegada e atuação das congregações no Brasil. Dentre seus trabalhos escolhemos para esta pesquisa: “*Além dos espelhos. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo*” (2008), “*Puríssimo coração: um colégio de elite em Rio Claro*” (2002), “*Congregações católicas docentes no Estado de São Paulo e a educação feminina – segunda metade do século XIX*” (2006).

---

<sup>8</sup> Esta sede do colégio Sion foi extinta no ano de 1965.

Do ponto de vista documental, há um conjunto de fontes importantes para a pesquisa como os diários e atas das reuniões. Trata-se de anotações relevantes de acontecimentos do cotidiano e também comentários de fatos específicos relativos ao processo educativo, ou por vezes, acontecimentos que foram destaque de alguma maneira na sociedade.

Há outros documentos com registros da época estudada relacionados à instituição, localizados na Casa da Memória de Curitiba e em arquivos públicos, igualmente relevantes, dentre eles destacamos o Relatório do Antigo Sion (2002), um livro composto de fotos, depoimentos, cartas escritas por alunas e Irmãs, menção de bom comportamento, cartões postais e mensagens.

Destacamos, ainda, sobre o estudo da congregação Nossa Senhora de Sion, documentos da própria congregação nos quais são elencadas principalmente a finalidade da mesma e as orientações para o cumprimento de suas normas.

A pesquisa em questão refere-se a um colégio confessional católico feminino, sendo assim, o estudo da educação feminina também se faz necessário. Destacamos alguns dos trabalhos que foram utilizados como aporte nesta temática: *“Mulher e família burguesa”* (2013) de Maria Angela D’Incao, *“Mulheres na sala de aula”* (2013) de Guacira Lopes Louro, *“Mulheres dos anos dourados”* (2013) de Carla Bassanezi Pinsky, *“Mulheres na história: Paraná séculos 19 e 20”* (1997) de Etelvina Maria de Castro Trindade e Ana Paula Vosne Martins, este apresenta um panorama da história das mulheres paranaenses por meio de uma coletânea que reflete sobre a presença feminina na história, em um recorte cronológico compatível com a formação da sociedade paranaense. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república* (1996) também da autoria de Etelvina Maria de Castro Trindade, apresenta um retrato da interação entre a mulher e a cidade curitibana na Primeira República.

Também foi relevante o trabalho de Carla Zottolo Villanova Souza (2007) *“O mundo das normalistas: as representações da futura professora nas páginas das revistas Instituto e Normalista (1941-1953)”*, por trazer uma reflexão sobre a construção de sentidos acerca do “ser professora” nos idos dos anos 1940 e 1950.

No tocante ao estudo da importância da cultura e das tradições francesas temos a obra de Maí Nascimento Mendonça e Maria Thereza Brito de Lacerda “*Os franceses no Paraná*” (2009) que refere-se a um estudo bastante amplo e necessário para a pesquisa por dar visibilidade a relação educação/sociedade. Nessa mesma direção, também contamos com a obra “*Os franceses*” (2013) de Ricardo Corrêa Coelho e ainda “*França: grandes civilizações do passado*” (2007) de John Ardagh e Colin Jones.

Para a efetivação da pesquisa em questão foi necessário considerar a historiografia da educação como campo de produção da pesquisa e da fundamentação teórica e também efetivar um trabalho laborioso com as fontes encontradas. Para Nunes & Carvalho (1992, p.10) “os historiadores da educação dependem, nas suas investigações, não apenas das questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas, mas também dos materiais históricos com que podem contar”.

Segundo as autoras, é justamente no manuseio crítico dessas fontes, na maioria das vezes fontes impressas e arquivísticas danificadas, lacunares, parcelares e residuais, que ganhamos a distância necessária para olhar de uma nova maneira a pedagogia, tornando-se pela sua prática e pelo seu projeto, um historiador. Dessa forma, por meio de documentos, memórias colhidas de ex-alunas, relatos e entrevistas, busca-se compreender como efetivou-se a formação destas meninas e moças do Sion.

Para um melhor entendimento sobre o papel da História Cultural e a investigação de estudos relacionados a questões educacionais, Nunes & Carvalho (1992) apresentam a seguinte reflexão:

Esta ocupação de território tem-se dado de diversas formas. Primeiramente, como expressão de um interesse pela escola, enquanto uma das “instituições mediadoras” que são objetos de estudo privilegiados pela nova história cultural. Em segundo lugar, pela importância que adquire, para estudos sobre os usos dos bens culturais, a determinação rigorosa dos níveis de alfabetização e escolarização. Em terceiro lugar, pela produção maciça de informações sobre história do impresso e da leitura, estudos cujos resultados não podem ser ignorados pelos investigadores de história da educação. Finalmente, como consequência da adoção de referenciais teóricos que, privilegiando o conceito de prática cultural (construído de forma a realçar as práticas investigadas nas suas diferenças e

interseções), acaba por traduzir-se em desafios metodológicos para a pesquisa em história da educação, especialmente no campo da história das instituições escolares. Sob todas essas formas, os estudos de história cultural, na medida em que configuram como investigações de ponta na historiografia contemporânea, tem posto novas exigências de trabalho para o estudo de objetos que anteriormente eram domínio exclusivo da história da educação (NUNES; CARVALHO, 1992, p. 23).

Fonseca (2008) também nos esclarece que “a busca por novos objetos e novas abordagens tem orientado a realização das pesquisas”. Em suas palavras:

Entre os indícios desse processo de renovação estão a recorrência das referências a determinados autores considerados basilares na História Cultural – principalmente Roger Chartier e seus conceitos de representação e apropriações – e a diversificação temática em consonância com os avanços de alguns campos específicos da historiografia contemporânea. Nota-se, por exemplo, que a história da leitura e dos impressos (sugestivamente o campo de atuação predominante de Chartier) tem concentrado parte significativa dos estudos apresentados em congressos e desenvolvidos como dissertações e teses (FONSECA, 2008, p. 60).

Destaca-se nesse âmbito as contribuições de Roger Chartier, que teria marcado a renovação dos estudos histórico-educacionais. É evidente a mudança no perfil das pesquisas em História da Educação diante do advento da História Cultural. Fonseca (2008) enfatiza que entre os denominados novos objetos de estudo preponderam basicamente “a história da leitura e dos impressos, sobretudo os escolares, a história da profissão docente, os processos de escolarização, a cultura escolar e as práticas educativas e pedagógicas (FONSECA, 2008, p. 61). Ademais, os chamados antigos objetos “ressurgem” apresentando novas releituras, agora, à luz de pressupostos da História Cultural, na visão da autora, como é o caso das ideias pedagógicas e do sistema escolar.

Esses pressupostos são destacados na pesquisa, que busca enfatizar questões pertinentes em vários âmbitos: educacional, social, político e religioso, destacando a importância de cada elemento, desde a chegada da Congregação Notre Dame de Sion ao Brasil, à efetivação e funcionamento do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba.

Nesta perspectiva, é importante referenciar as noções de representação e de apropriação (CHARTIER, 1990), das práticas culturais, para que desta forma possamos conhecê-las e identificá-las presentes em nossa sociedade, e, principalmente entender a maneira como elas se manifestam. Para Fonseca (2008):

Práticas docentes, processos de escolarização, práticas educativas e ideias pedagógicas não podem ser pensadas em si, nem somente em sua relação com o que podemos chamar de universo escolar, como uma instância autônoma (que na verdade não é). Estão impregnados da pluralidade de aspectos presentes nas relações estabelecidas cotidianamente entre grupos e indivíduos, o que obriga o historiador a considerar que, quando se fala em representação e em apropriações, essas noções só podem ser compreendidas neste movimento confluyente (FONSECA, 2008, p. 63).

Assim, entendemos a importância das relações estabelecidas entre determinados grupos e a pluralidade cultural. Para a autora, é comum encontrar trabalhos que suprimem tais relações e omitem o processo de construção das representações:

Não é incomum encontrarmos trabalhos que propõe análise de representações presentes, por exemplo, nas práticas docentes, mas que negligenciam, quando não omitem por completo, os processos de construção dessas representações envolvendo diferentes sujeitos e diferentes referências culturais. A análise das apropriações corre frequentemente o risco de ser tratada como uma análise de discurso simplista, sem a verticalização necessária para a compreensão dos sentidos atribuídos às representações e, em última instância, de seus efeitos (FONSECA, 2008, p. 63).

A História Cultural nos revela uma mudança na maneira de fazer história. Nessa corrente, a realidade social é culturalmente construída e há uma preocupação com os diferentes objetos que a configuram. Leva em conta, ainda, as variações culturais, põe em cheque a questão da objetividade admitindo problemas de definição de método e de fontes, por exemplo. Chartier (1990) apresenta as características da História Cultural:

A História Cultural tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz

respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real. (CHARTIER, 1990, p. 17)

O conceito de representação de Chartier também é fundamental para entendermos as relações e os mecanismos pelos quais os grupos se impõem:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, p. 17, 1990)

A partir desses conceitos, buscou-se desenvolver uma análise que contemplasse a história cotidiana do fazer escolar, as simbologias presentes, os modos de pensar, bem como significados de ideias compartilhadas, o conjunto de características do modo de ser e de viver tipicamente envolvendo a dimensão das práticas e do cotidiano escolar.

Através do conceito de apropriação de Chartier analisou-se a forma pela qual os indivíduos reinterpretem e utilizam-se de modelos culturais impostos em circulação em um determinado momento.

Como base para uma melhor compreensão usamos, ainda, como aporte o conceito de Cultura Escolar, de Dominique Julia (2001), englobando as relações existentes com o objeto de estudo. A cultura escolar pode ser entendida como “um conjunto de regras que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar” (p.09). Dessa forma, por meio dos relatos e registros buscamos identificar elementos que evidenciam a história do Colégio Nossa Senhora de Sion, as normas e finalidades deste estabelecimento de ensino e também as práticas escolares.

A pesquisa buscou abranger âmbitos distintos da formação das alunas do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba. O primeiro capítulo intitulado: *A Congregação Nossa Senhora de Sion em meio a projetos de cunho católico destinados à educação das moças*, tem como objetivo conhecer o trabalho desta congregação católica e sua relação com o ensino, suas influências, seus fundadores, os motivos que culminaram na sua vinda para o Brasil e o trabalho desenvolvido em terras curitibanas, assim como a representação que a religião

católica possuía perante a sociedade reproduzida por meio do colégio. Vários vestígios desta representação foram encontrados em notícias e notas de jornais referentes ao período estudado.

Documentos encontrados no Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba sustentam as informações e dialogam com os dados do próprio colégio, apresentando datas, número de alunos e estatísticas. Entre esses documentos encontramos os boletins eclesiásticos da Arquidiocese de Curitiba. Neles constam informações importantes como o número de congregações, número de estabelecimentos católicos de ensino na Arquidiocese (ensino superior, escolas normais, escolas técnicas, cursos ginasiais e científicos).

O segundo capítulo intitulado: *O Colégio Nossa Senhora de Sion na cidade de Curitiba no início do século XX e o lugar ocupado pela mulher nessa sociedade*, apresenta elementos peculiares referentes aos sujeitos atuantes no colégio, desde análise dos diários e atas de reuniões registrados pelas Irmãs, depoimentos registrados por ex-alunas em momentos distintos e também por meio de outras publicações como notícias de jornais ou artigos publicados em revistas e também entrevistas.

Para Ribeiro (2008) a entrevista é a técnica “mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações sobre o seu objeto”, uma vez que se apresenta mais vantajosa que métodos como questionários, formulários ou outras formas “menos diretas” de contato. Segundo Alberti (2004):

Ao lado das perguntas abertas, há outras formas de incentivar o depoimento, por exemplo, procurar ancorar as questões a documentos de época (fotos, artigos de jornal, etc.) e a fatos específicos. Uma referência a um fato concreto pode ajudar a recordá-lo e permite o desdobramento da resposta por meio de associação com outros fatos (ALBERTI, 2004, p. 121).

Enfatiza-se neste capítulo entender como a formação conduzida pelo colégio atende as expectativas da sociedade, quais localidades eram atendidas e também considerar a cidade como um contexto de transformações urbanas, culturais, políticas e sociais. O lugar da formação feminina neste contexto amplo também ganha destaque.

Para a efetivação das entrevistas optou-se pela modalidade semiestruturada, por ser mais flexível, oportunizando a possibilidade de esclarecer a tempo determinadas questões, assim como digressões, observações e análises que não seriam possíveis em outras modalidades como questionários, por exemplo.

O terceiro capítulo intitulado: *Modelos de formação feminina a partir do Colégio – educação feminina / formação para o magistério* apresenta os pressupostos da formação das alunas por meio das práticas aplicadas, material teórico utilizado e a metodologia de ensino do Curso Normal do colégio Nossa Senhora de Sion. Também são destacados, neste capítulo, outros cursos do colégio, indicando aspectos em comum e distinções entre ambos. Abordo também os métodos pedagógicos utilizados na formação das alunas do Colégio Nossa Senhora de Sion, traçando uma linha de discussão entre os métodos tradicionais e renovadores, discutindo o “escolanovismo católico” e sua influência na formação das alunas de Sion.

## 1. A CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DE SION EM MEIO A PROJETOS DE CUNHO CATÓLICO DESTINADOS À EDUCAÇÃO DE MOÇAS

### 1.1 A congregação Nossa Senhora de Sion: sua história e seus fundadores

Neste primeiro capítulo apresento a Congregação Nossa Senhora de Sion e seu surgimento, contextualizando sua chegada no Brasil. Posteriormente exponho também o trabalho desenvolvido por esta congregação no âmbito educacional, especialmente no que se refere aos projetos católicos para a formação das meninas e moças curitibanas.

A Congregação Nossa Senhora de Sion foi fundada na França, no ano de 1843. O nome Sion foi escolhido por ser o nome bíblico da cidade de Jerusalém e é derivado da palavra Sião que é o nome dado ao monte situado a 765 metros de altura, símbolo da cidade e do povo de Israel.

Segundo Colombo (2013, p. 59) “a fundação da Congregação Notre Dame de Sion ocorreu em um período de grandes crescimentos das congregações religiosas. Entre 1800 e 1880, quatrocentas novas congregações apareceram na França”. A missão da congregação Nossa Senhora de Sion caracteriza-se pelo seu carisma que “propõe a educação global do homem consciente. E as reflexões bíblicas são a base para a formação cristã que o Sion oferece” (N.D.S. 2015).

A congregação é a realização da visão de seus fundadores, dois irmãos: Théodore Ratisbonne e Marie-Alphonse Ratisbonne. Théodore vivia com sua família, em meados do século XIX, em uma comunidade judaica de Estrasburgo, na França, e eram por parte de mãe, bisnetos de Théodore Cerfbeer (1726-1794), personalidade judaica de grande projeção na Alsácia, que se notabilizou como um dos líderes da luta pelos direitos civis e políticos dos judeus na França. O ilustre antepassado, Théodore Cerfbeer, bisavô de Théodore Ratisbonne, não era um homem qualquer, segundo Mondésert (1956):

Nascido no Palatinado, no tempo em que essa província era francesa, ocupava aos 25 anos o cargo de Conselheiro Ordinário do Comércio, junto à diversas côrtes da Alemanha, sendo, pouco depois, Diretor Geral do Abastecimento da Cavalaria na Alsácia e Lorena. Em 1771, Teodoro (*sic*) Cerfbeer salvou Estrasburgo da fome, obtendo, como privilégio único naquela cidade livre, a

autorização de ali permanecer, ao menos durante o inverno: até então, todos os judeus que entravam diariamente na cidade, deviam retirar-se antes do anoitecer, mas não sem terem pago uma taxa importante, um pedágio pessoal. Em 1772 Cerfbeer já era a personalidade judia de maior projeção na Alsácia e mesmo em todo o reino. (MONDÉSERT, 1956, p. 13).

O trabalho social desenvolvido por Théodore Cerfbeer foi muito significativo para o povo nessa época. A este respeito, o autor esclarece que:

Apesar de dirigir múltiplas emprêsas comerciais, ocupava-se ainda em levar o nível moral e intelectual de seus correligionários, criando-lhes para os filhos, escolas, centros de aprendizagem, mandando copiar por sua conta, os livros santos e as respectivas obras de literatura religiosa empreendendo múltiplas diligências, quer em Estrasburgo, quer em Versalhes, para obter um estatuto legal para os judeus. Os documentos oficiais do tempo deram-lhe o título de Síndico Geral da Nação Judia, na Alsácia. Se ele não tinha domicílio legal em Estrasburgo obteve, pelo menos, o direito, por privilégio real, de possuir ali propriedades e, mais tarde, veio a receber cartas da nobreza. Aliás, gostava de lembrar que morava em Paris, na rua de Cléry, paróquia de Santo Eustáquio (MODÉRSER, 1956, p. 13-14).

Théodore Cerfbeer morreu em 20 de setembro de 1794, e pode antes de sua morte ver a constituição votar a emancipação dos judeus, na Alsácia, em 27 de Setembro de 1791.

Théodore Ratisbonne (1802-1888) pertencia a um grupo minoritário dentro da sociedade, por algum tempo seguiu os caminhos de seu bisavô. Ao finalizar seus estudos, foi encarregado da direção de escolas judias de Estrasburgo:

Dedicou-se inteiramente aquela obra criada 'para a regeneração dos judeus' da classe popular, cuja situação miserável era o resultado de muitos séculos de opressão e de isolamento da vida dos "ghettos". Não resta dúvida que, ocupando-se de tal modo da educação dos filhos de seu povo, ele tenha examinado os problemas religiosos e morais que surgiam para os Israelitas, mergulhados numa população cristã e recentemente postos em contato com o mundo moderno. Pouco a pouco se aproximou do cristianismo, porém, ao mesmo tempo, sua situação tornou-se mais delicada. Depois de três anos, não podendo mais ocultar que se tornara cristão, resignou o cargo. (MONDÉSERT, 1956, p. 14).

A conversão de Théodore Ratisbonne não foi algo muito simples, dois traços caracterizam sua evolução religiosa: a insatisfação até entrar na Igreja

Católica e a profundidade do senso religioso (MONDÉSERT, 1956, p. 15). Segundo relatos, algo místico fazia parte da existência de Ratisbonne:

Havia uma aspiração intensa para as cousas divinas que marcava aquela criança: “Uma extrema atração levava-me ao recolhimento e, muitas vezes, fui tomado por um profundo espírito de oração”. Bem jovem, seu pensamento estava absorto por uma série de cousas que nem êle podia definir (MONDÉSERT, 1956, p. 15)

Houve um desejo por parte de Théodore de isolar-se do mundo, de viver na solidão:

Favorecido na própria família por educação aprimorada e por instrução geral peculiar a todo membro da grande burguesia daquela época, Teodoro não encontrava, entretanto, junto aos seus, uma prática religiosa exata e fervorosa: ‘As observâncias e cerimônias talmúdicas ocupavam lugar muito pequeno nos hábitos da família’. E esta pequenina parte, êle ao crescer, reduziu dentro em pouco, a nada; além disso, cousa alguma o interessava, em tôda parte se sentia a contra-gôsto, sem saber definir seu mal-estar (MONDÉSERT, 1956, p.15).

De acordo com os registros, a família buscava incentivá-lo a participar de seus negócios, porém sem sucesso, “duas estadas em Paris, onde seu pai determinara que se familiarizasse com os negócios bancários, não mudaram as disposições de seu espírito” (MONDÉSERT, 1956, p. 15). A morte de sua mãe que o atingiu profundamente, despertou mais um desejo de se aproximar de Deus. Entretanto, havia uma descrença por parte de Théodore:

Eu não conhecia pessoa alguma, nenhum livro que me pudesse instruir nas cousas divinas. Teria fugido com aversão de quem me houvesse falado do cristianismo, que eu considerava como idolatria. Quanto ao judaísmo, dêle já estava saciado e a Sinagoga me parecia uma barreira entre Deus e mim (MONDÉSERT, 1956, p. 16).

Os episódios com preconceitos e discriminação religiosa, o fizeram refletir e decidir converter-se ao catolicismo. A partir desta decisão, Théodore formou-se padre, juntamente com seu irmão Alphonse, e juntos foram responsáveis pelo estabelecimento de uma nova congregação: A Congregação Nossa Senhora de Sion, que teve como missão manter viva na igreja e no mundo a consciência

particular da dimensão judia, na tradição judaico-cristã<sup>9</sup>. Os aspectos religiosos e tradicionais desta cultura são observados por meio da formação rígida que as alunas receberiam nesta instituição. Colombo (2013) nos esclarece que:

Ele havia recebido uma educação plena de justiça e de afeição, porém, segundo ele mesmo, carente de formação religiosa. *‘La religion m’ était em dégoût, écri-il, mienne comme toutes les autres’* [Desenvolvi uma aversão à religião, tanto a minha como a todas as outras]. (COLOMBO, 2013, p. 59-60).

O processo de conversão Théodore foi gradual. Pouco a pouco, ele foi se aproximando do cristianismo, e após um “longo processo de estudo e reflexão, decidiu aceitar o catolicismo e converteu-se” (N.D.S. 2015). Isso se deu especialmente após contato com Louis Bautain professor de Filosofia, posteriormente foi catequizado e convertido pela educadora Louise Humman.

Ao cursar as aulas de filosofia religiosa de Bautain, Théodore recebeu, do mesmo modo, influência de Louise Humann, descobrindo, então, o Deus do Velho e do Novo Testamento. Após dois anos de reflexão, solicitou o batismo em 14 de abril de 1827, aos 27 anos de idade. A partir daí, Théodore:

Escolheu livremente o compromisso com Deus, através da Igreja Católica, e passou sua vida expressando-o. Ensinava as irmãs da congregação a respeitarem a cultura e a crença religiosa de todos aqueles com quem entrassem em contato (N.D.S. 2015, p. 01)

A criação de um catecumenato<sup>10</sup> iniciou as atividades da Congregação, em 1843, na Rue Plumet, em Paris, com o objetivo principal de educar meninas judias à luz da filosofia cristã.

Havia um número considerável de famílias estrangeiras, sem recursos, especialmente famílias israelitas, que necessitavam de encaminhar suas filhas

---

<sup>9</sup> O judaísmo é considerado a primeira religião monoteísta a aparecer na história. Tem como principal crença a existência de apenas um Deus. Na concepção dos judeus, Deus fez um acordo com os hebreus, fazendo com que eles se tornassem o povo escolhido e prometendo-lhes a terra prometida. Atualmente a fé judaica é praticada em várias regiões do mundo, porém é no estado de Israel que se concentra um grande número de praticantes. Segundo Galinkin (2008) atualmente o judaísmo é pensado tanto como uma religião quanto como ideologia, tanto como tradição quanto estilo de vida. Mas não é apenas o mito de origem narrado nas Escrituras que traz o sentimento de uma origem comum e de comunidade. Há uma história reconhecida e partilhada de buscas, conquistas, vitórias, derrotas e desterros nas quais heróis, homens comuns e populações inteiras, persistiram em manter a unidade e o sentimento de pertença a um povo, preservando o sentimento de comunidade. Uma história antiga e recente de colonizações, migrações, perseguições, cativos e recuperação (GALINKIN, 2008, p. 89).

<sup>10</sup>. Preparação para o batismo aos discípulos iniciantes no conhecimento religioso.

para o caminho da boa formação com preceitos morais, éticos e religiosos. A necessidade de uma casa religiosa para educá-las se fazia necessário e veio ao encontro dos ideais e vocação do então padre Théodore. A aceitação da proposta da nova congregação logo foi aceita pelas famílias que viam nela uma alternativa plausível para a educação de suas filhas.

Por meio da colaboração de duas senhoras da alta sociedade alsaciana – Sophie Stouhlen e Louise Weywada - o projeto de Ratisbonne pôde efetivar-se; ambas possuíam uma renomada experiência na área educacional e haviam seguido Théodore, seu confessor, em direção a Paris (COLOMBO, 2013, p. 62).

A Congregação continuou crescendo e o número de catecúmenas também aumentou. Logo, surgiu a necessidade de mudança para instalações mais adequadas e uma casa na Rue de Regard, nº 9-11 foi o endereço escolhido para a consagração da casa Notre Dame de Sion. Segundo Colombo:

O ano de 1847 é considerado o ano chave para o estabelecimento definitivo da Congregação. Em 15 de janeiro, um breve apostólico de Pio IX aprovou a 'Comunidade das Senhoras regularmente estabelecidas em Paris, sobre a denominação de Notre Dame de Sion'. Outras pessoas de valor vieram juntar-se ao mesmo grupo: Louise Hortense Foulon e a futura soeur Louise Marie Humann (COLOMBO, 2013, p. 62).

No ano de 1853 foi fundado, em Paris, na Rue Notre Dame des Champs, outro colégio que viria a ser a sede da Congregação. Já em 1855, a Congregação Notre Dame de Sion fundou uma seção masculina, a Congregação dos Religiosos de Notre Dame de Sion. Neste momento, Pe. Théodore traçava às noviças as linhas de sua vocação apostólica:

“Vós dais ao mesmo tempo, uma das mãos ao povo de Israel e a outra ao povo cristão... Levais a semente a todas as cidades do mundo uma vez que os restos de Israel se dispersaram e que em cada lugar deveis estar prontas para os acolher e instruir e lhes franquear as portas da Igreja...Nosso Senhor dera aos Apóstolos a missão especial de pregar o Evangelho ao povo judeu: *Ite potius ad oves quae perierunt domus Israel* (MONDÉSERT, 1956, p. 25).

Segundo as anotações<sup>11</sup> do Relatório do Antigo Sion de Curitiba, o padre Théodore inovou quando ainda não haviam sido introduzidos métodos

---

<sup>11</sup> Segundo análise contida no relatório, ele teria superado o seu próprio tempo, sendo o seu método pedagógico de ensino considerado avançado demais para a sua época.

pedagógicos baseados no entendimento da psicologia da criança. Algumas dessas inovações constam no referido Relatório, entre elas destacamos:

- Os avisos: alguns minutos de palestras espirituais onde a mestra traça o sentido moral do dia;
- As notas: cada aluno ao término de suas aulas deverá fazer a própria avaliação do seu dia e dizê-lo a mestra de classe em voz alta. Forma o poder de autoanálise e da autoconscientização;
- A oração: a oração que abria as aulas não era fórmula vã. Exigia recolhimento e aproveitava destes curtos instantes para falar sobre a presença de Deus ou qualquer outro assunto de piedade (RELATÓRIO DO ANTIGO SION DE CURITIBA, 2002, p. 17).

Percebo que esse “suposto” avanço, o qual o relatório destaca se dá pelo fato de seu método envolver a autoanálise, autoconscientização e reflexão do aluno. As teorias de Johann Friederich Herbart possivelmente contribuíram para esse avanço no sentido de evidenciar a psicologia e a pedagogia como ciências da educação.

Nos chama atenção o fato de a congregação ancorada em princípios filosóficos e religiosos não manter resistência a tais métodos. Para Nascimento (2003):

Johann Friederich Herbart, além de ter proposto bases para uma pedagogia científica voltada para uma metodologia sistemática de ensino, também vislumbrou um modelo psicológico dinâmico da mente do aluno. Procurando compreender a atividade mental do aprendiz diante da realidade, para melhor instruí-la, Herbart ultrapassou o modelo clássico das faculdades mentais, ao ver o conhecimento como resultante de um processo mental dinâmico, baseado num fluxo de ideias em constante movimento e interação, juntamente com a vontade (querer) do indivíduo (NASCIMENTO, 2003, p. 44).

Marie-Alphonse Ratisbonne, irmão mais jovem era hostil a toda forma de religião. Nas palavras de Biscaia (2006):

O padre Maria Afonso Ratisbonne, irmão de Teodoro converteu-se de modo muito diverso do irmão. Membro da família Ratisbonne era o último dos rapazes e foi muito mimado – jovial, espirituoso, expansivo, gozava a vida em todas as suas oportunidades. A Divina Providência, no entanto, encaminhou ao jovem Afonso um amigo, o Barão de Bussièrre, que o levou à Igreja de Santo André Delle Frate em Roma, no dia 20 de Janeiro de 1842. Nesse dia e nessa Igreja Afonso teve a visão da Virgem Maria, a partir daí, renunciou a sua vida mundana, rompeu um noivado com uma

jovem judia, separou-se de sua família e entrou para a Companhia de Jesus como um noviço. Permaneceu por 10 anos jesuíta, ordenado padre em 23 de Setembro de 1848. Desligou-se dos jesuítas em 1852 e foi unir-se ao seu irmão e ao grupo de padres do Sion. Afonso recebeu o nome de Maria Afonso em homenagem a Maria, mãe de Jesus (BISCAIA, 2006, p. 15-16).

Segundo a tradição *Ain Karen* teria sido o lugar em que se deu a visitação e a virgem cantou seu “*Magnificat*”<sup>12</sup>. A devoção de Afonso a Maria lhe serviu com inspiração para a fundação da segunda sede do colégio:

Afonso, sempre inspirado pela mãe de Deus, fundou em S. João in Montana o segundo colégio Sion. E foi nesse mesmo local que pela segunda vez encontrou aquela que havia com o seu toque operado toda a obra de Sion. Nos últimos minutos de sua vida ficou em êxtase diante da mesma aparição de Roma e morreu suavemente como se sua alma entoasse o “*Magnificat*” (RELATÓRIO DO ANTIGO SION, 2002, P. 34).

Consta neste relatório que poucos dias antes de sua morte Afonso havia dito: “Deus é testemunha de que ofereço minha vida pela salvação de Israel (p. 34). Leonardi (2013) pontua que a virgem vista por Alphonse era “a mesma da medalha milagrosa de Catherine Labouré, irmã de caridade que, a partir de uma série de visões de Maria ocorridas em 1830, ditou como a medalha deveria ser cunhada com símbolos e frases específicas” (LEONARDI, 2013, p.304).

Père Marie Aphonse morreu no dia 06 de maio de 1884, e está enterrado no cemitério das religiosas de Sion, em frente ao local onde a virgem entoou o *Magnificat*, em cima a sepultura cuja inscrição reza: Padre Marie – 06 de maio de 1884. Ó Maria, lembrai-vos do vosso filho – doce e gloriosa conquista de vosso amor (RELATÓRIO DO ANTIGO SION, 2002, p. 34).

---

<sup>12</sup> Também conhecido como *Canção de Maria* ou *Canto de Maria*, é um cântico entoado (ou recitado) frequentemente na liturgia dos serviços eclesiais cristãos. O texto do cântico vem diretamente do Evangelho segundo Lucas (LUCAS 1:46-55) onde é recitado pela Virgem Maria na ocasião da visitação a sua prima Isabel, grávida de São João Batista: “*Magnificat*: a minha alma engrandece o Senhor, exulta meu espírito em Deus, meu salvador! Porque olhou para a humildade de sua serva, doravante as gerações hão de chamar-me de bendita! O Poderoso fez em mim maravilhas, e santo é seu nome! Seu amor para sempre se estende, sobre aqueles que o temem! Manifesta o poder de seu braço, dispersa os soberbos, derruba os poderosos de seus tronos e leva os humildes, sacia de bens os famintos, despede os ricos sem nada, acolhe Israel, seu servidor, fiel ao seu amor, como havia prometido a nossos pais em favor de Abraão e de seus filhos para sempre! Glória ao pai, ao filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém”. (<http://www.ens.org.br/novo/liturgia/oracao-magnificat>).

O corpo de Pére Marie Aphonse encontra-se na Basílica do “Ecce Homo”. Como fundador da congregação suas contribuições foram muitas, destacando principalmente as ações com o povo judeu.

Em 8 de Setembro de 1863, Pio IX aprova oficialmente a instituição Notre Dame de Sion e suas constituições foram sancionadas em 14 de Dezembro de 1874 (COLOMBO, 2013, p. 63) <sup>13</sup>. No final do século XIX a Congregação expandiu-se mundialmente:

Em 1856 a comunidade de Sion fundou um colégio em Istambul, sob a direção da Mère Louise Weywada. As alunas pertenciam a etnias diversas, assim como possuíam diferentes religiões<sup>14</sup>, sendo a maioria mulçumana e algumas cristãs e israelitas. Essa casa, que teve mais de 150 anos de existência, foi o primeiro liceu de jovens na Istambul do império Otomano. Durante a primeira Guerra Mundial, as irmãs foram obrigadas a partir e o colégio foi fechado até o final do conflito (COLOMBO, 2013, p. 64).

A Congregação espalhou-se também por outras regiões: Inglaterra, Armênia, Romênia, Espanha, Itália e países da África; já em terras brasileiras, segundo Mendonça & Lacerda (2009)

As primeiras religiosas chegaram ao Brasil em 9 de Outubro de 1888, convidadas pela condessa Cecília Monteiro de Barros, da sociedade carioca. Em Curitiba, a história começou em 11 de junho de 1906, com a chegada de M. M. Agathe e um pequeno grupo de irmãs, cuja tarefa era de iniciar um novo apostolado, fundando a Casa de Curitiba (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 91-92).

De lá pra cá, temos os estabelecimentos Notre Dame de Sion, segundo o tipo e localização, com base na publicação anual da Congregação Nossa Senhora de Sion referente ao ano de 2012:

*Quadro 1 : estabelecimentos, tipos e localização*

<b>GRUPOS DE COMUNIDADE</b>	<b>CASAS</b>	<b>COLÉGIOS</b>	<b>CENTROS</b>	<b>TOTAL</b>
América Central	6	2	1	9
Austrália/ Filipinas	13	3	1	17

<sup>13</sup> A autora nos apresenta ainda um quadro destacando as madres superiores gerais desde a fundação da Congregação Nossa Senhora de Sion até os dias atuais. Ver anexo B.

<sup>14</sup> Entendo a junção destas religiões em um mesmo espaço como uma possibilidade de diálogo entre as mesmas, agindo também como ferramenta facilitadora para a conversão das mesmas à religião católica.

Brasil / Argentina	14	5	2	21
Canadá / EUA	30	3	-	33
Europa	30	6	-	36
Mediterrâneo	15	3	1	19
Romênia	12	-	1	13
Reino Unido / Irlanda	15	1	-	16
<b>TOTAL</b>	<b>135</b>	<b>23</b>	<b>6</b>	<b>164</b>

Fonte: COLOMBO, 2013, p. 71.

A ata<sup>15</sup> das sessões capitulares, que estipula as regras a serem seguidas, pelos componentes da congregação, apresenta algumas considerações importantes. Enfatiza, por exemplo, a formação espiritual das noviças, comparando-as a uma árvore frutífera:

A noviça é uma árvore frutífera que ainda não tem frutos, mas que um dia os terá. A questão é saber como cultivar esta árvore para que ela dê frutos; pois se ela não dá frutos, ela será apenas madeira a ser queimada. – O que é necessário fazer para que a macieira tenha maçãs? Primeiro, quando a macieira é ainda jovem e flexível, nós a apoiamos a um bastão que chamamos *tutor*, e assim amarrada por laços fortes, a mantemos direita, e impedimos que ela caia (ATA DAS SESSÕES CAPITULARES, 18/08/1946, p 03).

Sobre as dificuldades e tentações que incidem sobre as pessoas, este mesmo documento faz remissão à passagem bíblica na qual Jesus é tentado pelo demônio no deserto:

Toda a vida cristã corre dentro das alternativas e dos balanços entre o bem e o mal, entre o céu e a terra; a conduta a adotar nestes momentos de dificuldades não é indiferente, e devemos nos lembrar, para permanecer fortes, do exemplo de Jesus Cristo no deserto, tentado pelo demônio, e que saiu vitorioso da luta. Nosso Senhor vinha receber o Batismo das mãos do santo João Batista; o Céu o céu estava aberto sobre sua cabeça, e sua glória foi manifestada diante de todas as pessoas pela voz de Deus: Vós sois meu filho amado, em quem eu me comprazo (ATA DAS SESSÕES CAPITULARES, 18/08/1946, p. 05).

Não obstante esse forte apelo ao mundo espiritual, a organização da Congregação segue os ditames da vida terrena. Percebe-se aqui princípios de

<sup>15</sup> Originais no idioma francês, optando-se pela livre tradução efetuado pela autora.

democracia visíveis no processo de eleição, subordinados, contudo, à hierarquia religiosa. A Ata também nos informa sobre a eleição da madre superiora. A eleição é realizada na matriz de Paris, presidida pelo Cardeal e o resultado deve ser confirmado por Roma. Neste caso, nota-se que a Revm<sup>a</sup> Madre Marie Amédée foi eleita por três vezes consecutivas, e na última eleição com unanimidade de votos, o que é indicativo do êxito de seu trabalho à frente da Congregação.

O Capítulo Geral da Congregação de Nossa S. De Sião, convocado regularmente, se reuniu em nossa matriz, em Paris, em 17 de agosto sob a presidência de V. Em.<sup>a</sup> o Cardeal Suhard, para proceder à eleição da Revm<sup>a</sup> Madre Superiora Geral. A Revm<sup>a</sup> Madre Marie Amédée, já eleita pelo Capítulo de 1931, e reeleita pelo Capítulo de 1937, foi novamente proclamada Madre Superiora Geral, por unanimidade de votos, a postulação necessária para uma terceira eleição já foi confirmada por Roma, e promulgada por Sua Eminência (ATA DA SESSÃO CAPITULAR DO XIV CAPITULO GERAL, 17 DE AGOSTO DE 1946, p.18).

Em relação às Conselheiras, o que se apreende é que o processo também se dava por eleição, desta vez presidida pela Madre Superiora:

As capitulantes reuniram-se sob a presidência da V. Revm<sup>a</sup> Madre Superiora Geral, Madre Marie Amédée de Sion, esta última nomeou : V. Revm<sup>a</sup> Madre Marie Alice, Assistente Geral. V. Revm<sup>a</sup> Madre Marie Scholastique, Mestra das Noviças. Em seguida as Capitulantes procederam à eleição de quatro outras Conselheiras. Foram eleitas por unanimidade de votos: Madre Marie Borromée, Madre Marie Paul, Madre Marie Fidelis, Madre Marie Pascal (ATA DAS SESSÕES CAPITULARES, 18/08/1946, p.19).

O papel da Congregação no mundo também fica muito bem especificado nesse documento, o qual além de definir os objetivos da Congregação, também explica os meios e as obras que contribuem para o seu alcance:

- A Congregação de Nossa Senhora de Sião é uma família religiosa que tem por objetivo geral a glória de Deus, a santificação dos membros que a compõem e a santificação do próximo pela observância dos três votos simples que são os de pobreza, de caridade e obediência das presentes Constituições.

- Seu objetivo especial é a santificação das crianças<sup>16</sup> da casa de Israel. É sobretudo em vista desta obra de caridade que as religiosas de Sião oferecem suas orações, seus trabalhos, seus sacrifícios, e que elas se consagram com uma fidelidade inabalável a Jesus e Maria (ATA DA SESSÃO CAPITULAR, CAPITULO 1, 17/08/1946, p 01).

Também são definidos os meios para a santificação pessoal, conforme os preceitos da congregação, e alguns conselhos evangélicos:

– A Comunidade das Filhas de Sião abraça os conselhos evangélicos e aspira santificar-se por uma fé forte, pelo distanciamento das coisas da terra, pela oração e comunhão frequente, por uma submissão inviolável ao sucessor de Santo Pierre, o príncipe dos Apóstolos. Mas o seu caráter distintivo é a caridade, para que possamos testemunhar que todas as religiosas juntas são um só coração e uma só alma.

– É dentro deste espírito e para atrair sobre seus trabalhos as graças mais abundantes, que as religiosas, após o seu noviciado, se consagram ao Senhor pelos votos de pobreza, castidade e obediência, na Congregação de Nossa Senhora de Sião (ATA DA SESSÃO CAPITULAR, CAPÍTULO 10, 17/08/1946, p 08).

As citações anteriores constituem uma gama de normas e conselhos da congregação para a efetivação de um trabalho pautado em seu carisma<sup>17</sup> - acolhimento, diálogo, escuta e atitude de discípulo.

São normas bastante rígidas, que não poderiam ser transgredidas. Muitas vezes percebemos a finalidade da instituição como a santificação e glorificação a Deus por meios de suas ações. Entretanto, em outros momentos percebemos a submissão e obediência às regras impostas, por meio dos votos de pobreza, castidade, obediência, etc.

As congregações católicas que chegaram ao Brasil desenvolveram um papel significativo na formação dos jovens, especialmente em relação à educação feminina. A Igreja Católica se encontrava estremecida devido às consequências da Revolução Francesa. Com o avanço do Liberalismo, passava por um período de reordenação de sua filosofia, almejando, por meio de novos empreendimentos,

---

<sup>16</sup> Crianças judias e de outras religiões.

<sup>17</sup> O carisma de uma Congregação pode ser explicado como aquilo que lhe dá forma externa, como um dom que a encaminha para certas atividades. (LEONARDI, 2008, p. 31).

uma alternativa para manter seu capital simbólico e também econômico (LEONARDI, 2006).

O contexto social em que o Brasil se encontrava, no século XIX, cooperou para consolidar a presença destas congregações. Diante das propostas republicanas a Igreja buscava firmar ainda mais a sua presença no seio da sociedade. A maioria das congregações que migravam para o Brasil tinham como objetivo principal o trabalho com a educação, outras desenvolviam trabalhos de cunho social em hospitais, asilos e orfanatos<sup>18</sup>.

Nessa mesma perspectiva, Leonardi (2002) afirma que, desde meados do século XIX, observa-se a entrada de um grande número de congregações católicas estrangeiras, sobretudo femininas em nosso país. A maior parte destas congregações tinham como objetivo o trabalho educativo, “embora grande maioria dessas congregações afirmasse dedicar-se a educação, nem todas fundavam colégios imediatamente após sua chegada (MISAKA & LEONARDI, 2010). As autoras ressaltam ainda que:

Conseguir ou não se dedicar a tarefa pretendida dependia da posição dessas congregações no interior da igreja, das condições de sua vinda para o país, e das alianças que logravam construir no país, por quem eram apoiadas ou tuteladas. Religiosas de algumas dessas congregações como a Sagrada Família de Bordeaux, Nossa Senhora do Calvário e Imaculado Coração de Maria, dedicavam-se a diferentes tarefas até que pudessem fundar seu próprio colégio: cuidavam de doentes, dirigiam hospitais, abriam pensionatos e até mesmo ofereciam cursos de filosofia para moças no interior desses pensionatos (MISAKA & LEONARDI, 2010, p. 5).

Com a Proclamação da República (1889), a religião católica deixa de ser oficial no Brasil e o regime do padroado também tem seu fim, o que culmina na separação oficial da Igreja e do Estado. Na prática, esta separação não ocorreu de fato, uma vez que a Igreja se manteve presente de vários modos na educação.

---

<sup>18</sup> Algumas Congregações que desenvolveram além de ações educacionais trabalhos de cunho assistencial: Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria; Sociedade das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo; Congregação das Irmãs de São José de Chambéry; Congregação das Irmãs da Divina Providência; Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers; Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade; Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição; Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu; Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo Gysegem (Irmãs Vicentinas); Congregação das Missionárias Zeladoras do Coração de Jesus (LEONARDI, 2006, p. 5).

Sendo assim, a Igreja necessitava criar condições para estabelecer o fortalecimento de suas ações, pois sem a tutela oficial do Estado seria mais difícil manter suas obras, cabendo assim, aos colégios confessionais e internatos essa delegação.

Segundo Achnitz (2007), “essas congregações femininas, concebendo a mulher como a principal disseminadora da devoção católica, tinham como uma das principais características a supervalorização da figura da Virgem Maria”, assim, as congregações femininas tinham a incumbência de transmitir as práticas devocionais e a visão Ultramontana<sup>19</sup> do mundo, se opondo a qualquer forma de emancipação da mulher de acordo com os princípios religiosos da educação feminina.

De acordo com Achnitz (2007), cabe afirmar que as congregações religiosas responsáveis em promover a educação feminina faziam parte do projeto ultramontano para afastar seus fiéis das ideias modernas e das propostas da educação laica. Essa “missão” que mobiliza as mulheres das congregações a saírem, que lhes dá poder de voz na sociedade, que lhes dá uma função social na vida pública, pode ser interpretada como uma forma de emancipação dessas mulheres. Uma vez retiradas do mundo privado da casa e do jugo do marido seus horizontes são ampliados, a submissão à hierarquia religiosa se apresenta aí, talvez, como o caminho possível para esse trânsito.

Nesse contexto, é interessante perceber esse fluxo migratório das congregações para o Brasil, conforme quadro abaixo:

Quadro 2: Chegada das congregações no Brasil

Nome	Nome popular	Ano e local da fundação	Ano de chegada ao Brasil	Local de Instalação no Brasil	Finalidade
Imaculado coração de Maria, Congregação das Irmãs do	Irmãs do Coração de Maria	1849, Rio de Janeiro	1849	Rio de Janeiro	Educação, assistência à saúde social
São Vicente	Filhas de	1633, Paris,	1849	Mariana, MG	Educação, obras

<sup>19</sup> Segmento conservador da Igreja Católica. Houve dentro da igreja uma divisão do clero: aqueles que se identificavam com o iluminismo e com o liberalismo, e aqueles conservadores que condenavam a modernidade. Esse clero conservador assumiu o controle da Cúria Romana durante todo o século XIX e boa parte do século XX, sob a denominação de Ultramontanismo, que se iniciou com o pontificado de Pio XII (1800-1823), marcado pela consolidação da doutrina conservadora e vai até o pontificado de João XXII (1958-1963) (ACHNITZ, 2007, p.2).

de Paulo, Sociedade das Filhas de Caridade	Caridade	França			assistência à saúde e obras sociais
Nossa Senhora do Bom Conselho, Congregação das Religiosas de	Irmãs do Bom Conselho	1853, Bom Conselho, Recife, Pernambuco	1853	Recife, PE	Educação, amparo para crianças. Retiro para senhoras.
São José de Chambéry, Congregação das Irmãs de	Irmãs de São José	1650, Puy-em-Velay, França	1858	Itu, São Paulo	Educação. Assistência à saúde. Obras de assistência social.
Santa Dorotéia, Congregação das Irmãs de	Dorotéias	1834, Gênova, Itália	1866	Recife, PE	Educação da juventude
Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, Congregação das Irmãs	Franciscanas de São Leopoldo ou Irmãs da Penitência e Caridade Cristã	1835, Heythuysen, Limburgo, Holanda	1872	São Leopoldo RS	Educação, Cuidado de doentes e necessidades
Santana, Congregação das Filhas de	não encontrado	1866, Picaenza, Itália	1884		Assistência e enfermos
Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, Congregação das Irmãs	Dominicanas de Monteils	1851, Aveyron, França	1885	Uberaba, MG	Educação da juventude. Cuidado de doentes, mesmo à domicílio.
Notre Dame de Sion, Congregação das Religiosas de	Irmãs de Sion	1843, Paris, França	1888	Rio Comprido, RJ	Conversão dos judeus. Educação.
Bom Pastor de Angers, Congregação de Nossa Senhora da Caridade do	Irmãs do Bom Pastor	1829, Angers, França	1891	Rio de Janeiro, RJ	Educação e preservação da juventude, reeducação e reabilitação das jovens decaídas, reforma das delinquentes, amparo de órfãos e menores abandonados.
Maria Auxiliadora, Instituto Filhas de	Salesianas de Dom Bosco	1872, Mornese, Piemonte, Itália	1892	Guaratinguetá, SP	Educação de meninas, especialmente as do povo.

Nossa Senhora da Piedade, Congregação das Irmãs Auxiliares de	Irmãs da Piedade da	1892, Serra da Piedade, MG	1892	Serra da Piedade, MG	Educação. Assistência à velhos doentes.
Santos Anjos, Congregação dos	não encontrado	1830, Lons-le-Saunier, França	1893	Rio de Janeiro, RJ	Educação
Divina Providência, Congregação das Irmãs da	Irmãs da Caridade (?)	1842, Munster, Westphalen, Alemanha	1895	Tubarão, SC	Educação, assistência à órfãos, mendigos, doentes e débeis mentais.
Imaculada Conceição, Congregação das Irmãzinhas da	não encontrado	1895, Nova Trento, Santa Catarina	1895	Nova Trento, SC	Obras de caridade, beneficência e assistência social. Educação da juventude.
São Carlos Borromeu, Congregação das Irmãs Missionárias de	Carlistas	1895, Piacenza, Itália	1895		Educação. Assistência à órfãos e anciãos desamparados.
Instrução Cristã, Congregação das Religiosas da	Damas Cristãs	1823, Gand, Bélgica	1896	Olinda, PE	Educação
São Vicente de Paulo Gysegem, Congregação das Irmãs de	Irmãs Vicentinas	1818, Gysegem, Bélgica	1896	Olinda, PE	Educação. Assistência à velhice desamparada e aos órfãos.
Santa Catarina Virgem e Mártir, Congregação das Irmãs de	Irmãs de Santa Catarina	1571, Braunsberg, Alemanha	1897	Petrópolis, RJ	Educação. Obras de caridade, especialmente o cuidado com os enfermos.
Carmelitas da Divina Providência, Congregação das Irmãs	Carmelitas	1889, Rio de Janeiro, RJ	1889	Rio de Janeiro, RJ	Educação, amparo de crianças pobres e de velhos desamparados.
Divina Providência, Congregação das Pequenas Irmãs da	não encontrado	1899, Alessandria, Piemonte, Itália	1900	São Paulo, SP	Educação, assistência e amparo à velhice e à infância. Assistência à saúde.
Franciscanas do Coração de Maria, Congregação	não encontrado	1900, Piracicaba, São Paulo, Brasil	1900	Piracicaba, SP	Educação, assistência social e à saúde.

das Irmãs					
Sagrado Coração de Jesus, Congregação das Missionárias Zeladoras do	Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus	1894, Viareggio, Itália	1900	São Paulo, SP	Obras de caridade, para propagar a devoção ao coração de Jesus.

Fonte: Ceris, 1965. In: LEONARDI, 2006, p. 5

Dentre as congregações femininas destacam-se 6 italianas, 6 brasileiras e 6 francesas, incluindo a Congregação Nossa Senhora de Sion. Esta apesar de chegar ao Brasil em 1888, em Curitiba chega apenas em 1906. Trindade (1996) destaca a chegada das congregações na cidade de Curitiba, incluindo também as masculinas, conforme quadro abaixo:

Quadro 3: Chegada das congregações em Curitiba

<b>Congregações Femininas</b>	<b>Chegada</b>
Santos Anjos	1895
Irmãs de São José (francesas)	1896
As missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus (italianas)	1900
Irmãs da Divina Providência (alemãs)	1903
As filhas da caridade de São Vicente de Paulo (polonesas)	1904
As Irmãs de Nossa Senhora de Sion (francesas)	1906
As franciscanas da Sagrada Família (polonesas)	1906
<b>Congregações masculinas</b>	<b>Chegada</b>
Seminário São José	1896
Colégio dos Padres Franciscanos (Bom Jesus)	1902
Colégio Santa Maria (Irmãos maristas)	1925

Fonte: TRINDADE, 1996, p. 26

Trindade (1996) enfatiza que juntas estas congregações fundaram em torno de 23 casas escolares na cidade de Curitiba e nas adjacências. Dentre todos esses estabelecimentos, “o mais prestigioso é o da Divina Providência que conta com 200 alunas em 1906, 510 em 1914 e 744 em 1925” (TRINDADE, 1996, p. 26). Outras informações relevantes são apresentadas pela autora:

Duas dessas congregações foram fundadas no século XVII (São José e São Vicente de Paulo) e as demais no século XIX. Seus idealizadores, homens, na sua maioria, pertenciam, ou estavam ligados, à hierarquia eclesiástica. Além dos colégios de maior porte, muitas das congregações religiosas, masculinas e femininas, mantêm escolas gratuitas para crianças pobres da vizinhança, escolas paroquiais e orfanatos (o mais famoso é o do colégio Nossa Senhora de Lourdes, no Cajuru). São requisitadas, sobretudo, as femininas pelo governo e por associações particulares, para trabalhos em hospitais, asilos e outras atividades assistenciais. Prestam, ainda, acompanhamento a associações pias (*sic*) e à organização das paróquias (TRINDADE, 1996, p. 26).

É para compor esse cenário que a Congregação Nossa Senhora de Sion chega à Curitiba. Suas ações não se diferenciaram das outras congregações que já estavam aqui. Todavia, de modo geral, quando a Congregação vem para o Brasil pode-se perceber uma mudança no foco e no público ao qual passaram a se destinar de forma privilegiada. Se na Europa o foco era proporcionar educação às meninas desamparadas e desprivilegiadas socialmente, no Brasil, pela força da cultura francesa que traziam na bagagem passaram a ser vistas como uma alternativa interessante para as filhas de uma elite que buscava distinção pela educação, especialmente, se esta associasse instrução, cultura a uma sólida formação moral e religiosa.

## **1.2 O Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba: uma escola confessional católica feminina**

No início do século XX, Curitiba era uma cidade com pouco mais de 50.000 habitantes. As Irmãs francesas de Sion instalaram-se nesta pequena cidade no ano de 1906, com o processo de urbanização ainda se consolidando.

Neste contexto a Congregação Nossa Senhora de Sion chegou à cidade e edificou a capela e colégio nos moldes das demais sedes do colégio Sion espalhados pelo mundo. A arquitetura dialogava com os ideais republicanos e buscava demonstrar prestígio, ordem, disciplina, civilidade e, com isso, respeito. Fosse pela arquitetura ou pelo lugar onde estavam instalados, os prédios das sedes do colégio eram verdadeiros monumentos ou pequenos palacetes como se pode verificar na imagem a seguir:

*Figura 1: Fachada do Colégio Nossa Senhora de Sion na Rua José Loureiro (1938)*



*Fonte: Associação dos ex-alunos do Colégio Sion, 2015*

A esse respeito, Faria Filho (2000) discorre sobre a edificação dos primeiros grupos escolares e a dissonância entre as regiões centrais e suburbanas neste processo:

Nessa perspectiva, o fato dos grupos escolares ocuparem não apenas os “melhores prédios”, mas também aqueles mais centrais, denota além da importância atribuída aos grupos escolares na composição do desenho urbanístico da cidade, um esforço por demonstrar a centralidade que o lugar da educação escolar devia representar no interior da cidade, como projeção política da ordem social que se queria impor ao conjunto da população, particularmente os mais pobres (FARIA FILHO, 2000, p. 42).

Não havia uma efetiva preocupação com as escolas, ou grupos escolares mais distantes, uma vez que elas não projetariam os ideais republicanos de modernização:

Ora, as escolas isoladas eram um texto que, quando lido pelos agentes e profissionais da educação e boa parte da população, evocavam uma realidade muito distante daquela projetada pelos “textos” urbanísticos. Por isso não significavam um rascunho a ser aperfeiçoado, mas sim algo a ser substituído, apagado da cena da cidade e, ao mesmo tempo, algo produzido na memória como

passado que fora (ou deveria ser) estirpado para dar lugar ao novo (FARIA FILHO, 2000, p. 45).

A disputa pelo campo educacional é levada também para essa arena e no circuito urbanístico os prédios são representativos das tensões que se travaram em torno da escola pública e privada. Fundar um colégio católico em um lugar de visibilidade, com arquitetura monumental, significava demarcar o lugar que a educação escolar assumia nos projetos católicos e que a disputa travada se assentaria em bases equivalentes, representadas na solidez, na modernidade e no progresso, visíveis em seus prédios escolares.

A arquitetura imponente que traduzia os ideais da modernização, presente nos prédios escolares, poderia ser vista também em outras edificações em várias partes da cidade.

O espaço urbano de Curitiba se define, no final do século XVIII, com a contribuição do legado francês por meio de seu conhecimento científico-artístico. Um exemplo disso foi a reforma da Igreja da Ordem (antiga capela de Nossa Senhora do Terço, construída em 1730). Em 1877, segundo Mendonça & Lacerda (2009), a Igreja sofre reformas com a atuação do arquiteto Afonso Conde de Plas, trazendo para a mesma características da arquitetura francesa, como verificamos na imagem a seguir:

*Figura2: Catedral de Curitiba na Praça Tiradentes. Década de 1930*



*Fonte: Fundação cultural de Curitiba, 2015.*

Por volta da década de 1910, houve uma preocupação, na cidade, em valorizar as atividades voltadas ao lazer (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 71). Surge então o passeio público em 02 de julho de 1886. Projeto do arquiteto francês Joseph Antoine. Segundo Mendonça & Lacerda (2009):

O projeto previa que o passeio fosse cercado com um muro de cimento imitando troncos de árvores. O projeto não se efetivou, em grande parte pela falta de recursos, mas ocorreram algumas mudanças, como a construção de uma alameda dentro do logradouro, permitindo os passeios com automóvel, grande novidade da época, que segundo Destefani, durou até 1965, quando foi definitivamente proibido o trânsito para veículos no local. Foram construídas algumas ilhas e a ponte *art-nouveau*, mais conhecida como “Ponte do Mija Canela”. Também seria feito um portão principal, que os arquitetos franceses copiaram do existente em Paris, no sofisticado Cemitério de Cães (MENDONÇA; LACERDA, 2009, p. 72).

A entrada do portão pode ser vista na imagem abaixo:

*Figura 3: O portão “francês” do Passeio Público de Curitiba. 1992*



*Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2015.*

Outra edificação bastante importante, que retrata a arquitetura francesa é o “Castelo do Batel”, inspirado nos castelos do vale do rio Loire, na França.

De acordo com os registros do Patrimônio Cultural Paranaense, em 1923 Luís Guimarães adquiriu das famílias Gomm e Whithers e da Mitra Diocesana uma área de 10.500m, encomendando ao arquiteto Eduardo Fernando Chaves uma residência parecida com um castelo. Iniciada a construção em 1924, terminou só quatro anos depois, pelas dificuldades de execução dos requintados detalhes de acabamento e pelo emprego de variada gama de materiais e peças importadas da Europa.

Os relatos do cafeicultor Luíz Guimarães foram registrados, entretanto, sem constar datas. Mendonça; Lacerda (2009) destacam alguns trechos destes relatos:

Os aparelhos sanitários, em sua maioria, foram comprados em Paris, do fabricante Jacob de Lafont, grande expositor da Exposição de Artes Decorativas, em 1925, na capital francesa, na qual estive.(...) Toda a tapeçaria e a ornamentação vieram de Paris, porque nos últimos tempos da construção, ofereci uma viagem à Europa para o Chaves, em minha companhia. Então, de posse da planta do prédio, nós encomendamos, em casa especializada, cortinas reposteiros, tapetes de forração e alguns móveis. Na mesma ocasião, compramos nos armazéns alfandegários de Paris, os tapetes persas que guarneciam todos os salões da casa (MENDONÇA; LACERDA, 2009, p. 75).

Neste relato, fica evidente a escolha por ornamentações de origem francesa e a riqueza dos detalhes que compunham o cenário. Em outra passagem torna-se mais evidente o gosto pela sofisticação por objetos de arte e outros que evidenciam a distinção social:

Estivemos na manufatura de Sèvres do Governo francês, onde compramos valiosas peças da renomada porcelana. Na seção de modelagem do Museu do Louvre, compramos belíssimas reproduções de obras de arte. [...] porém, a obra de arte que ainda conservo é um quadro a óleo, pintado em madeira, adquirido no célebre “Salon de Paris”, em maio de 1928, trabalho da artista Achille Fouth intitulado “Hors Concours” – porque a autora já havia ganho todos os prêmios que o Governo francês concedia (MENDONÇA; LACERDA, 2009, p. 75).

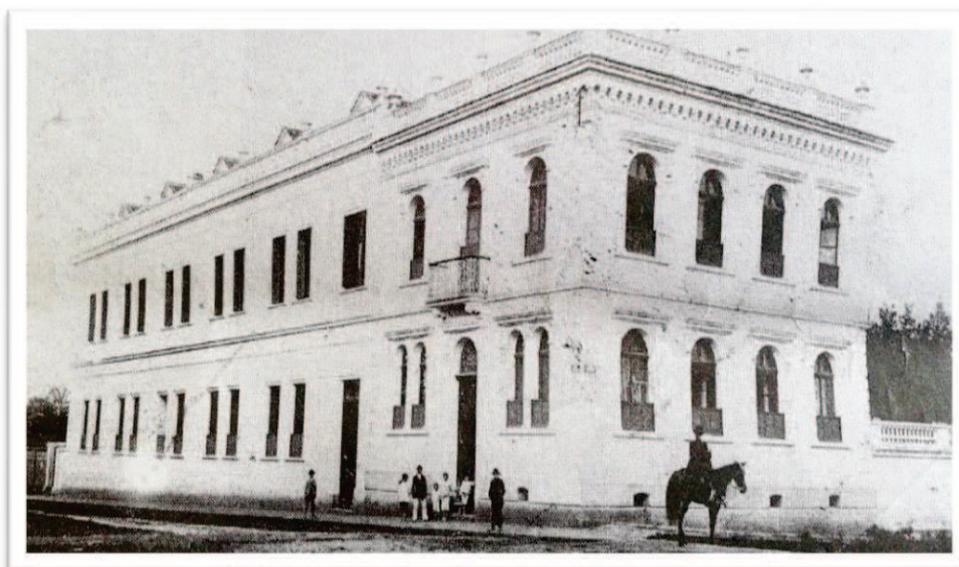
*Figura 4: Castelo do Batel*



*Fonte: Patrimônio Cultural do Paraná, 2015*

Nesta perspectiva, o Colégio Nossa Senhora de Sion não fugiu à regra. Sua arquitetura também remete aos moldes franceses. Sua arquitetura evidencia tais características monumentais e coerentes com a paisagem urbanística da Curitiba do início do século XX:

*Figura 5: Fachada da segunda sede do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba, publicada no jornal do Batel (1907)*



*Fonte: Revista Quem Paraná, 1983.*

O Brasil, mesmo sem uma imigração francesa intensa, foi densamente influenciado pela cultura francesa em vários segmentos, desde a literatura até mesmo a gastronomia, passando pelas artes plásticas, arquitetura e urbanismo.

Parte desta “estima” em relação à cultura francesa remete-se, segundo alguns especialistas, em parte, a uma reação ao passado colonial lusitano, como forma de libertar-se do legado português e parte, como reflexo da superioridade cultural francesa do século XIX, enquanto o país era considerado exemplo de civilização a ser seguido. Para Coelho (2013), essa condição remonta desde a Revolução Francesa:

O francês que surge com a Revolução ocuparia um espaço imaginário no mundo que é, na verdade, desterritorializado, já que o que o definiria seriam os seus princípios universais, que não reconhecem fronteiras, costumes, ou quaisquer outros limites que pudessem impedir que a humanidade se submetesse apenas a razão, rompendo com um passado de tirania e opressão e anunciando um futuro de liberdade, igualdade e fraternidade (COELHO, 2013, p. 56).

Talvez, os ideais da Revolução também tenham servido como sustentação para a ideia de um futuro promissor, onde o próprio lema da liberdade, igualdade e fraternidade culminaram no imaginário coletivo como algo extremamente fantasioso, praticamente utópico, instigando a imaginação das pessoas e corroborando para a aclamação da França como um lugar ideal e posteriormente, no século XIX, berço da civilização universal. Bastos (2008) esclarece que:

A partir da segunda metade do século XVIII – com os primeiros movimentos emancipatórios e com a chegada de D. João VI (1808) - o modelo francês vai gradativamente se impor no Brasil. Assim, o século XIX pode ser considerado como um século de francofonia por excelência, onde a nossa cultura absorveu tudo ou quase tudo o que se produzia na França. (BASTOS, 2008, p. 42).

Segundo o conceito de civilização de Norbert Elias (1994), os elementos civilizatórios referem-se a uma série de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes (ELIAS, 1994, p. 23). As habitações, a maneira como os homens e mulheres vivem, formas de punição determinadas pelo sistema judiciário até

mesmo as formas como os alimentos são preparados constituem na visão do autor elementos civilizatórios pois “nada há que não se possa fazer de forma civilizada ou incivilizada” (ELIAS, 1994, p. 23).

Para Ardagh e Jones (2007), “diz-se que toda pessoa civilizada tem duas pátrias espirituais, a de nascença e a França”. Em suas palavras:

A França desempenhou um papel fundamental na civilização europeia e produziu sempre uma fascinação especial. Os franceses podem parecer as vezes um povo difícil, belicoso e egoísta; mas possuem um notável sentido de elegância, um gosto pela boa vida - sua gastronomia e seus vinhos são os melhores do mundo - e uma paixão pelas ideias. Seus triunfos intelectuais e artísticos tiveram uma ampla influência. Durante séculos foi um reino, depois o centro de um império colonial e agora uma república (ARDAGH; JONES, 2007, p. 10).

Nesse contexto, o Brasil recém-independente, assim como o restante do mundo, buscou seguir os pressupostos da cultura e civilidade francesa, cujos modos eram exemplos para o mundo, especialmente no que se referia à educação. Paris, por muito tempo, foi considerada como o centro do mundo, da cultura, das belas artes e das letras. Em “Hamlet”, Polônio aconselha como Laertes deve comportar-se na França, como se vestir, como agir e o que fazer para não ser mal visto (SHAKESPEARE, 1603, p. 18). A França tornou-se também o centro da Filosofia com Montaigne, Pascal e Descartes, Sartre e Ponty, todos foram referências para os intelectuais paranaenses, muitas vezes com ideias advindas da vida parisiense a qual seduzia muitos brasileiros.

Além dos colégios, a apropriação da cultura francesa se deu também por meio do ensino regular do francês em escolas de outras nacionalidades. Segundo Mendonça & Lacerda (2009), em 1837 foi instituída a obrigatoriedade do ensino de francês na escola secundária brasileira que teve início no colégio Dom Pedro II, do Rio de Janeiro. Visto o prestígio da cultura francesa, não foi surpresa que a elite de vários segmentos da sociedade brasileira buscasse elementos da tradição francesa para agregá-las à sua vida cotidiana.

Não se pode afirmar, entretanto, que se trata de uma aculturação como imposição de uma cultura sobre outra, porque os brasileiros desejavam ampliar sua formação, mergulhando na cultura europeia e se apropriar daquilo que lhes desse mais status de civilização.

Em relação à educação, as contribuições francesas foram intensas e valiosas. Na maioria das vezes essas contribuições ocorriam por meio dos colégios franceses e na apropriação da língua. No Paraná do século XX, colégios como o Cajuru, o Sion, o Santa Maria, o Paranaense e os colégios Maristas do interior foram expressão desse “intercâmbio” cultural com a França.

Foi sem dúvida uma relação de reciprocidade. A França se irradiando para o mundo e o mundo a acolhendo como modelo e referência de civilização. Isso não se perde no Brasil do século XX, mesmo com a crescente influência dos Estados Unidos pelo seu poderio econômico e tecnológico.

No Paraná, estima-se que o primeiro contato com os franceses ocorreu no litoral paranaense, no século XVIII, com a chegada de piratas, mas apenas a partir do século XIX, que os franceses que aqui chegavam passaram a serem vistos com bons olhos. Auguste de Saint-Hilaire visitou o Paraná (ainda vinculado à capitania de São Paulo) entre os meses de janeiro e abril de 1820, observando e documentando parte da paisagem paranaense. Segundo Mendonça & Lacerda (2009):

Saint-Hilaire observou e coletou materiais botânicos e zoológicos em viagens ao longo do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul, além da região do rio da Prata[...] o roteiro seguido pelo viajante é o caminho das tropas, até Curitiba (desde Itararé, na divisa de São Paulo), descendo para Paranaguá e Guaratuba para alcançar o litoral norte de Santa Catarina. Saint-Hilaire visitou Jaguariaíva, Castro, Ponta Grossa, Morretes e a série de pequenas localidades intermediárias, fazendo cerca de setecentos quilômetros em território paranaense. Suas descrições, os episódios que narra com invariável fidelidade histórica, as imagens biográficas que apresenta, seus comentários socioeconômicos, os apontamentos científicos, constituem o mais precioso repositório informativo sobre o Paraná tropeiro, anterior à emancipação (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 32).

No ano de 1827, o Paraná, segundo alguns registros, volta a ser visitado por outro ilustre viajante francês, o pintor Jean-Baptiste Debret que fazia parte da Missão Francesa<sup>20</sup>. Para Mendonça& Lacerda:

---

<sup>20</sup> Designa-se Missão Francesa o movimento oriundo de um grupo de artistas e artífices franceses que, deslocando-se para o Brasil no início do século XIX, revolucionou o panorama das belas-artes no país, introduzindo o sistema de ensino superior acadêmico e fortalecendo o neoclassicismo que ali estava iniciando seu aparecimento. A Missão Francesa chegou ao Brasil em Março de 1816, chefiada pelo intelectual Joaquim Lebreton (1760-1819). Faziam parte os pintores Debret e Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), o gravador Charles Simon

A visita feita por Debret é a mais antiga imagem que se conhece da capital paranaense, ainda pequeno aglomerado de casas, quase todas térreas, denominadas pelas três toscas igrejas barrocas: a Sé, o Rosário e a Ordem Terceira de São Francisco (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 34)

*Figura 6: Curitiba, 1827<sup>21</sup>*



*Fonte: Pintores da paisagem paranaense (2003)*

Segundo o arquiteto José La Pastina Filho, Debret nunca esteve no Paraná. Apoiado em pesquisas que começou a desenvolver em 1995, em Curitiba e por toda a região sul do Brasil, ele aposta que Jean-Baptiste Debret permanecia na corte, no Rio de Janeiro, enquanto discípulos seus percorriam o sul do Brasil e retratavam cenas pitorescas e históricas (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 43)

Desde estes primeiros contatos, as relações com a França aos poucos foram se estreitando, os imigrantes criaram colônias, mesmo não vindo em massa, conseguiram marcar sua presença e integrar-se à sociedade curitibana. Algumas das colônias mais importantes fundadas pelos franceses são: Superagüi, Argelina (hoje Bacacheri), Santa Cândida, Órleans e Rivière, cada uma com suas peculiaridades e muitas vezes envolvendo também outros imigrantes de outras etnias.

---

Pradier (1786-1848), os escultores Auguste Marie Taunay (1768-1824), os irmãos Ferrez, Marc (1788-1850). As produções do período fazem parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 33).

<sup>21</sup> Imagem atribuída a Jean Baptiste Debret.

Na visão de Santos (2010), “O Paraná tem tantos pontos de contato com a França que não é exagero dizer que este estado brasileiro é uma colônia francesa”. Sobre a vasta influência da cultura francesa o autor explica que:

O difícil é “ver” algo sem influência da França no Brasil meridional. Em Curitiba, por exemplo, basta circular pelas ruas para se deparar, por exemplo, com o portão do Passeio Público, referência ao Cemitério de Cães de Paris, ou o Castelo do Batel, edificação construída entre 1924 e 1928, totalmente inspirada em castelos franceses. Os três grandes planos urbanos de Curitiba são de origem francesa. O primeiro, encomendado pelo primeiro presidente da província, Zacarias de Góes e Vasconcellos, tem assinatura do engenheiro francês Pierre Louis Talouis. O urbanista francês Alfred Agache empresta o sobrenome ao plano que estruturou a urbanização da capital na década de 1940. O plano diretor de 1965 também pode ser entendido como made in france (SANTOS, 2010, p. 1).

O incentivo ao fortalecimento das relações entre Brasil e França evidenciou-se especialmente após a Segunda Guerra:

A Aliança Francesa de Curitiba, sobretudo após a Segunda Guerra, distribuiu bolsas a paranaenses, que passaram temporadas na França para ampliar horizontes, respirar outros ares e trazer repertório mais cosmopolita ao Paraná. Poty Lazzarotto, Wilson Martins, Jaime Lerner e Maria Thereza Brito de Lacerda, são alguns dos bolsistas – todos eles se notabilizaram em suas áreas de atuação (SANTOS, 2010, p. 1).

Muitos destes “bolsistas” se tornaram personalidades importantes para a cidade de Curitiba com trabalhos bastante significativos em suas respectivas áreas. Esse processo de idas e vindas entre França e Brasil influenciou profundamente a intelectualidade paranaense e garantiu à cultura francesa um espaço próprio no Estado.

No colégio Sion, além da cultura difundida por meio dos valores, comportamentos cotidianos, o estudo da língua e da literatura francesa associados à história da França tinham lugar privilegiado no currículo das alunas.

Referente ao ensino de línguas<sup>22</sup>, foram adotadas diretrizes específicas para as chamadas línguas vivas estrangeiras (inglês, alemão e francês) as quais

---

<sup>22</sup> Estudar as disciplinas escolares segundo Chervel (1990), nos possibilita a compreensão não apenas dos conteúdos propriamente ditos, suas mudanças ou alterações, mas principalmente sua

estabeleciam a adoção oficial do método direto intuitivo, que valorizava, entre outros aspectos a capacidade de ensinar um idioma estrangeiro na própria língua estrangeira. Este método foi instituído como oficial de ensino de línguas vivas pelo Decreto n. 20.833, de 21 de Dezembro de 1931:

Art. 1.º – O ensino das línguas vivas estrangeiras (francês, inglês e alemão), no Colégio Pedro II e estabelecimentos de ensino secundário a que este serve de padrão terá caráter eminentemente prático e será ministrado na própria língua que se deseja ensinar, adotando-se o método direto desde a primeira aula. Assim compreendido, tem por fim dotar os jovens brasileiros de três instrumentos práticos e eficientes, destinados não somente a estender o campo da sua cultura literária e de seus conhecimentos científicos, como também a colocá-los *em situação de usar para fins utilitários, da expressão falada e escrita dessas línguas.*

Parágrafo único – O ensino direto fica, nos primeiros anos, a cargo de professores denominados Auxiliares, e, no último, de um professor denominado Dirigente, para cada língua em cada uma das casas do Colégio, ao qual incumbirá também a função de orientar e fiscalizar o trabalho dos Auxiliares (DECRETO N. 20833, 21/12/1931).

O modelo de educação francesa era rigidamente seguido. Para Lucchesi (2011) “a própria organização curricular no Brasil começou a ser calcada no modelo francês”. No que tange à Literatura, a autora enfatiza:

A influência da cultura francesa foi ampla e profunda. Foi por meio das traduções francesas que os clássicos da literatura mundial chegaram ao Brasil. A língua francesa intermediou nossa leitura dos clássicos, inclusive gregos e romanos. Também houve uma influência na percepção das questões sociais, inclusive porque não apenas a elite que se alimentava da ideologia francesa, mas também as classes dominadas buscavam sua inspiração nos ideais revolucionários (LUCCHESI, 2011, p. 5).

No Colégio Sion, o uso do idioma francês constituía-se como um elemento basilar para a formação das alunas, dentro de uma proposta de ensino calcada nos valores franceses. Em relação às aulas, a ex-aluna<sup>23</sup> Suzana Maria Nogueira Artigas<sup>24</sup> enfatiza que:

---

função na formação geral dos alunos, uma vez que as disciplinas e os conteúdos fazem parte da cultura escolar, que por sua vez engloba uma complexa ligação com os contextos socioculturais, políticos e religiosos de cada época. A obrigatoriedade do ensino do francês na escola secundária brasileira iniciou-se no século XIX, especificamente em 1837, com a criação do Colégio Pedro II.

<sup>23</sup> Apêndice B: cartas de cessão.

<sup>24</sup> Ex-aluna do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba. Formada em Filosofia Pura e Pós-Graduada em Línguas Modernas Estrangeiras. Formou-se no Curso Normal no ano de 1968.

[...] As aulas eram dadas em português, mas as freiras falavam em francês, e eu sempre conto... tem uma coisa interessante eu conto que eu gostava de ouvir as freiras falarem eu pegava as palavrinhas delas e dizia mas o quê? o quê estão dizendo... pra descobrir o que que elas estavam falando porque nas assembleias que a gente tinha semanalmente elas falavam só em francês e a gente tinha que ir acostumando o ouvido só para descobrir o que elas estavam falando. Nós tínhamos as aulas de francês desde pequenas, aulas mesmo. A gente sabia o hino nacional francês [...] (ENTREVISTA, 02/06/2015).

Sobre as leituras literárias a ex-aluna relembra a obra que mais a marcou na época em que era aluna do colégio Sion:

Eu lembro de um livro que me marcou muito foi o... Saint-Exupéry... O Pequeno Príncipe. Acho que o livro que marcou a vida da gente foi O Pequeno Príncipe. Banalizou-se, toda pessoa lia, era uma febre quase...o livro de cabeceira, o livro que mais gostou, banalizou assim.... não pela falta de qualidade do livro, mas assim...porque foi um exagero, uma febre e a gente também....nós analisamos a fundo ...(ARTIGAS, 02/06/2015).

Sobre outras leituras, a ex-aluna complementa enfatizando o uso do idioma francês:

Líamos Ronsard, Fauvel, Rousseau, meu Deus do céu... a gente fazia umas misturanças ali... fazíamos poesias inclusive porque o francês sempre foi a nossa segunda língua aqui né, então desde pequenas nós trabalhamos com o francês e levamos o francês adiante e até hoje. É mais... hoje já menos, mas antigamente...se bem que eles [alunos] já recebem uma boa bagagem, bem pequena, pra depois deslançarem né (ENTREVISTA, 02/06/2015).

Mas, as aproximações do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba com a cultura francesa não se limita apenas à arquitetura e ao uso do idioma francês. Segundo o Relatório do Antigo Sion de Curitiba (2002), o colégio Nossa Senhora de Sion foi fundado em Curitiba em 11 de Junho de 1906, com a chegada de M. M. Agathe e um pequeno grupo de irmãs, que foram incumbidas de iniciar um novo apostolado por meio da Casa de Curitiba e a função primordial era abrir um colégio para meninas nos moldes franceses.

---

Contaram inicialmente com o apoio da diocese e foram acolhidas, inicialmente, pela família Tobias de Macedo, que as hospedou em sua casa, na praça Tiradentes. Ali nasceu o primeiro colégio Sion de Curitiba, com quatorze alunas.

No ano seguinte, com aproximadamente 130 alunas matriculadas, decidiu-se pela construção de um colégio em terreno da Rua XV de Novembro, junto à atual praça Santos Andrade. Quando já estabelecida em sede própria, a congregação manteve o colégio administrado e com o corpo docente composto apenas pelas freiras – até 1918, quando vitimadas por epidemia, faleceram quase todas as irmãs. As remanescentes transferiram-se para São Paulo e para a cidade mineira de Campanha, tendo sido fechado o colégio de Curitiba.

Como o colégio era em regime de internato, as alunas paranaenses puderam ser transferidas para outros estabelecimentos. A sede foi entregue à diocese, que a cedeu para a congregação dos Irmãos Maristas, também francesa, para a criação e funcionamento de colégio para meninos. Mendonça & Lacerda (2009) enfatizam que:

Em 1908, as irmãs compraram um terreno na esquina das ruas XV de Novembro e Conselheiro Laurindo. A construção ficou pronta em 1910 e o colégio funcionou ali até 1919, quando as irmãs tiveram que sair por problemas de saúde (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 92).

Uma nota no jornal *A República* comenta sobre o possível fechamento do colégio:

Há tempos uma triste notícia circulou em Curitiba, deixarão sinceramente desolados os chefes de família: o Colégio Sion seria fechado, dada a pequena frequência. (ilegível) mal circulou a nova, várias famílias entraram em ação para conseguir que o modelar estabelecimento de ensino não suspendesse a sua ação prolixa no nosso meio social. E hoje podemos dar a grata nova de que, graças á intervenção do Ss. Exs. O sr. dr. Affonso Camargo e o sr d. João Braga. Bispo diocesano, o Collégio Sion continuará na sua obra benemérita de educação. Resta, pois, que os srs paes de família correspondam á louvável boa vontade das directoras do utilíssimo estabelecimento de ensino para que a sua permanência em Curitiba não redunde num sacrifício para os seus mantenedores (A REPÚBLICA, 19/12/1916).

Sendo reaberto novamente apenas em 1938, a sede passou a ser na rua José Loureiro nº 282, e agora contava com 34 alunas. O jornal “O Estado” informa à sociedade do retorno do colégio para a capital paranaense:

Estamos seguramente informados de que em Paris, pela Casa da Direcção Geral das religiosas de N. S. de Sion ficou deliberado a reabertura em Curityba do Collégio de Sion que tão assignalados serviços prestou à família curitybana, por vários anos (O ESTADO, 17/09/1937)

O acolhimento à Congregação e ao colégio foi notório. No ano seguinte esse número praticamente dobrou e foi preciso alugar outro imóvel. Devido ao aumento no número de matrículas, a congregação comprou uma propriedade na Alameda D. Pedro II n. 178 esquina com Presidente Taunay (atual endereço). No dia 17 de Outubro de 1938 foi obtida a Licença para funcionamento, da Secretaria do Interior e Justiça, Diretoria Geral de Educação, com o nome de Colégio Nossa Senhora de Sion, sob a direcção da então Irmã Maria Luiz de Sion (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 93).

Em 10 de agosto de 1942, passou a se chamar “Ginásio Nossa Senhora de Sion” e com o decreto nº 24.772, de 7 de abril de 1948, foi reconhecido pela Presidência da República, tendo fundado a Escola Normal no ano de 1949, segundo Mendonça & Lacerda (2009), começando apenas com três alunas. Já no ano de 1964, segundo documentos da Cúria Metropolitana de Curitiba, o Curso Normal do colégio Sion contava com 78 alunas mostrando um crescimento bastante significativo.

O colégio Nossa Senhora de Sion, assim como outros colégios católicos femininos, tinha como principal incumbência educar as filhas da elite<sup>25</sup>, utilizando para isso o modelo educacional francês, amplamente carregado de polimento, sinônimo de distinção social tanto almejado pelas famílias mais abastadas da sociedade curitibana. Para Sirinelli (1998):

As histórias das elites culturais é, pois, de repor numa cronologia subtil, tendo como pano de fundo uma distinção que se impõe

---

<sup>25</sup> Entende-se aqui todas as elites da sociedade curitibana dos séculos XX. Para Sirinelli (1998) a história das elites culturais tem como pano de fundo uma distinção que se impõe entre os séculos XIX e XX. Para ele “as elites também se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflete” (SIRINELLI, 1998, p. 262).

entre os séculos XIX e XX. Com efeito, neste domínio a cesura não é uma simples comodidade de exposição, ela corresponde a uma realidade histórica (SIRINELLI, 1998, p. 262).

As alunas matriculadas no colégio Nossa Senhora de Sion representavam, privilegiadamente, a elite econômica e política da cidade. Eram filhas de comerciantes, empresários e políticos. Seriam elas que constituiriam também a elite cultural curitibana por meio de sua formação.

Na visão de Sirinelli (1998) “as elites culturais se definem, como noutros meios, pela sua própria imagem, que reflete a sociedade que as rodeia”. Nessa perspectiva, os cursos do colégio se adequavam ao que essas famílias buscavam: uma diferenciação social por meio da cultura francesa e de uma sólida moral católica.

Essa educação garantiria um ensino esmerado, diferenciado da educação masculina, especialmente no que se refere à religião, a própria maneira de viver a religião e ao refinamento sem comprometer “os bons costumes” aos quais as jovens estavam acostumadas (ACHNITZ, 2007).

É evidente que as elites, em todos os segmentos, necessitam de elementos distintivos, que corroborem para a sua condição de suposta superioridade. Entendo o colégio como uma instituição que se afirma como constitutiva de uma elite cultural que seria responsável pela organização da sociedade, em diferentes instâncias (na casa, na escola, na organização das mulheres e em sua vida social).

Manter o colégio em evidência, destacando-o de forma positiva poderia agradar a parte da sociedade que utilizaria seus serviços educacionais e o colégio manteria seu *status* de instituição de renome, ideal para acolher os alunos destas elites. Na visão de Chartier (1990):

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim, podemos entender melhor qual a representação do colégio Sion na sociedade curitibana e a importância de sua notoriedade e a necessidade de

manter-se em evidencia neste cenário educacional. Ainda nas palavras de Chartier (1990):

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Nessa perspectiva, inferimos que muitos registros e notícias encontradas sugerem um esforço voltado para enfatizar as ações do colégio destacando, sempre, o prestígio e a intenção de trazer para o cenário educacional uma escola modelo.

Isso nos conduz a refletir e questionar se as ações educativas do colégio realmente eram dignas de tais elogios, ou tratava-se apenas de uma estratégia para a divulgação de seu trabalho no meio educacional, visando, logicamente alcançar um público maior e ainda mais influente. Essas notícias corroborariam com a representação e faria com que essas informações sobre o colégio circulassem em meio à sociedade de forma ainda mais eficiente. A primeira notícia destacada refere-se ao retorno do colégio Sion no ano de 1937, no jornal *O Estado*:

A nossa sociedade congratular-se-á por certo com tão auspiciosa notícia, há muito esperada pelo escól das famílias paranaenses, que nesse Collégio tiveram grande parte de sua formação moral e intellectual de que cuidam com admirável zelo essas religiosas do Sion. Esta notícia que transmitimos ao público, em primeira mão; denota mais uma vez o prestígio e a dedicação do Arcebispo desta Archidiocese, S. D. Ático Euzebio da Rocha, que com sua ampla visão, querendo dotar a nossa capital de mais um estabelecimento de educação, viu correspondidos seus desejos pelas propectas Irmãs do Sion. Não é desconhecida a existência da Congregação das Filhas de Maria de N. S. de Sion fructo benifico que proveio da disciplina e educação aprimoradas recebidas naquelle estabelecimento, e mantidas em nosso meio através aquelle sodalício. Reúne até hoje essa Congregação um selecto e numeroso contingente de moças de nossa sociedade que estão, com a notícia que lançamos alviçareiramente, de justificados parabéns (O ESTADO, 17/09/1937).

Outra notícia bastante extensa, desta vez do jornal *Correio do Paraná*, discorre também sobre o retorno do colégio Sion à sociedade curitibana e a representação do mesmo. Nesta notícia, enfatiza-se a formação da mulher por

meio da cultura e educação moral, que certamente abrangia todas as atribuições femininas do lar e da vida social, imbuídas dos preceitos da religião católica:

Não há no Brasil, para não dizer, no mundo inteiro, quem desconheça as altas e reaes finalidades do Collégio de Sion, desse notável instituto de educação devotado á formação cultural do elemento feminino. Entre nós, tempos atrás, o grande educandario teve oportunidade de revelar a eficiencia de seu methodo disciplinar, na preparação de várias gerações que hoje constituem no regaço de nossos lares a figura padronista da esposa, da mãe carinhosa e vigilante, da mulher criativa que traz, invariavelmente, os olhos voltados para a pratica religiosa do bem. Esse, fora o legado precioso que nos deixou o Collégio de Sion em sua passagem pelo nosso meio, tão rápida é certo, mas suficiente para demonstrar o prestigio de suas diretrizes e o resultado victorioso de seu systema educacional. Hoje, uma nota alviziareira CORREIO DO PARANÁ registra traduzindo assim o maior jubilo da família paranaense. Temos novamente entre nós o Collégio de Sion. Ahi estão chegadas hontem, as irmãs Gaetana e Marilda, respectivamente superiores do collégio no Rio e S. Paulo, cuja missão é reabrir entre nós o grande estabelecimento de ensino. A recepção que tiveram as duas consagradas preceptoras ao desembarcarem em terras paranaenses, constitue o indice altamente significativo de maior satisfação reinante. Assim é, que á Paranaguá teriam ido innumeradas antigas alumnas do collégio, para levar o seu abraço de satisfação e reconhecimento aquellas que agora retornam ao Paraná animadas dos mais salubres propositos de colaborar conosco pela cultura e pela educação moral da mulher paranaense. E não ficaram nesse gesto de cordialidade, as manifestações prestadas ás ilustradas representantes da Casa de Sion. Na estação da Estrada de Ferro foram ellas recepcionadas com as mesmas demonstrações de affectividade pela mais fina expressão do nosso parque social. CORREIO DO PARANÁ congratula-se com a família paranaense por esse acontecimento de tão relevante alcance e aproveita o ensejo para significar ás dedicadas emissarias da mais nobilitante de todas as embaixadas, o testemunho de seu apreço, almejando-lhes o mais completo exito dessa cruzada gloriosa pelo aperfeiçoamento da educação feminina no Paraná (CORREIO DO PARANÁ, 22/10/1937).

O jornal *O Estado* também destacou o segundo retorno do colégio como um estabelecimento modelo que primava, principalmente, pelo ensino rígido e princípios da fé e moral cristã:

Para o meio educacional curitybano a notícia a noticia é de mais bella perspectiva. Instituição universal, a ordem das irmãs de Sion tem prestado os mais fructuosos serviços na educação das moças de todo o mundo, orientando-as segundo as rígidas normas da fé e da moral christã. Curityba já abrigou um collégio de Sion. Mas

circunstancias várias e poderosas impediram-no de ter vida maior, como seria de desejar. Agora, entretanto, reorganiza-se em nossa capital o seu antigo colégio. As superiores dos educandários carioca e paulista, que hontem deveriam ter chegado a nossa capital, trazem-nos, portanto, uma mensagem de cultura, de educação e de ciencias (O ESTADO, 17/09/1937).

Com o provável intuito de enaltecer a instituição e suas ações diante da sociedade, até mesmo o que podemos considerar como pequenos gestos são passíveis de divulgação:

O colégio Sion ofereceu 16 cadernos diversos e 13 lápis. Esse material está sendo remetido às escolas das zonas rurais menos favorecidas e constitui valioso auxílio ao trabalho de alfabetização (DIÁRIO DO PARANÁ, 12/06/1947).

Estas notícias veiculadas nos principais jornais da época evidenciam que o colégio Sion de Curitiba era voltado à alta sociedade. Havia um grande interesse em divulgar o colégio, suas práticas educativas e principalmente o seu *status* social, que tanto o diferenciava dos demais, e o meio mais eficiente para isso, naquela época eram os jornais. Por meio das notícias de jornais, todos os fatos ocorridos ganhavam destaque e visibilidade junto à sociedade de modo geral.

Dados da Arquidiocese de Curitiba evidenciam o trabalho da congregação Nossa Senhora de Sion na capital paranaense e também de outras congregações femininas atuantes na área educacional.

Como forma de estabelecer critérios comparativos entre o Colégio Nossa Senhora de Sion e os demais, foram escolhidos<sup>26</sup> outros colégios também atuantes e expressivos na sociedade curitibana:

Quadro 4: Atuação das Congregações religiosas no ano de 1955

Nome da Congregação	Nossa Senhora de Sion	Irmãs de São José de Chambéry	Irmãs Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus	Irmãs da Divina Providência	Irmãs da Caridade	Irmãs Franciscanas da Sagrada Família
---------------------	-----------------------	-------------------------------	--	-----------------------------	-------------------	---------------------------------------

<sup>26</sup> O critério para escolha dos colégios deu-se pela sequência em que os mesmos apareciam no levantamento original, com exceção do colégio Sion, que como objeto de estudo, veio em primeiro lugar para facilitar o confronto dos dados.

Casas	1	13	3	4	15	14
Irmãs	32	197	42	61	80	105
Noviças	-	31	-	-	22	17
Postulantes	-	24	48	-	7	22
Aspirantes	8	77	-	10	57	27
Escolas Normais	1	3	1	-	-	-
Alunas/Escolas Normais	47	130	136	-	-	-
Ginásio	1	3	1	1	-	1
Alunas Ginásio	117	771	440	402	-	166
Colégios Primários	1	5	2	2	7	13
Alunos/ colégios primários	178	1.308	438	733	1.596	1.568
Hospitais	-	5	1	1	7	-
Doentes	-	1.635	115	70	387	-
Asilos	-	3	-	-	-	-
Asilados	-	265	-	-	-	-
Total de alunos	342	2.209	1.014	1.135	1.596	1.734

Fonte: *Boletim eclesiástico, 1955, p. 52- 53*

O colégio Nossa Senhora de Sion surge neste balanço com números relativamente baixos em relação aos demais colégios citados. Em parte, esses números podem ser explicados pelo fato de serem colégios com um público mais diversificado e, portanto, mais extenso.

Vale ressaltar que os dados são referentes aos registros da Arquidiocese de Curitiba referente aos colégios oriundos de congregações, elitistas ou não.

Os dados referentes ao ano de 1957 não se alteram muito em relação à tabela anterior. Aumenta sutilmente o número de alunas no colégio Sion, enquanto que nos demais o aumento no número de alunos é bastante significativo.

Quadro 5: Atuação das Congregações religiosas no ano de 1957<sup>27</sup>

Nome da Congregação	Nossa Senhora De Sion	Irmãs de São José de Chambéry	Irmãs da Divina Providência	Irmãs da Caridade	Irmãs Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus
Casas	1	12	4	16	4

<sup>27</sup> Não constam nos registros quais as modalidades de ensino, apenas o número total de alunos atendidos pelas respectivas congregações naquele ano.

Irmãs	28	189	68	126	51
Colégios femininos	1	5	2	7	3
Alunas	383	2.505	1.224	1.291	1.522
Colégios masculinos	-	1	-	5	1
Alunos	-	418	-	868	115
Institutos de caridade	-	8	2	8	8
Internos dos institutos	-	1.467	110	500	80
Total de alunos	383	2.923	1.124	2.159	1.637

Fonte: *Boletim eclesiástico, 1957, p.81*

Entendo como uma possibilidade para o aumento do número de alunas nas instituições acima citadas o significativo aumento na década de 1950 por mulheres buscando um futuro melhor. Sobre os objetivos primordiais da formação de uma Normalista, por exemplo, a ex-aluna Márcia A. Sant'Ana Puppi<sup>28</sup> ressalta:

[...] Era ser professora, era trabalhar...até que já era uma grande...vamos dizer uma pré-profissão. Pra mulher casada ser professora era uma das coisas mais aceitáveis, né era muito comum, as outras profissões nem tanto [...] (PUPPI, 02/06/2015)

Aqui Márcia deixa claro o pressuposto de que a profissão mais aceitável, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, para as mulheres casadas era ser professora, a sociedade não aceitaria que uma mulher casada desenvolvesse outras atividades.

Outra ex-aluna entrevistada Suzana Maria, também explica sobre o estágio efetivado no próprio colégio Sion e a preparação para o magistério:

[...] no terceiro Normal a gente já começava a fazer estágio aqui trabalhando com as crianças eu fui uma das que ficava até o meio dia no Normal e depois do meio dia até a uma eu trabalhava com as crianças já pra ir me preparando pra....pro magistério[...] (ARTIGAS, 02/06/2015).

O relato da ex-aluna confirma a necessidade de uma formação para a atuação no magistério, profissão que seria aceita e bem vista pela sociedade. Suzana complementa que:

<sup>28</sup> Ex-aluna do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba. Formada no Curso Normal no ano de 1964.

[...] na nossa formação, também eu me lembro do fato do colégio ser... ter uma formação judaico cristã é nós... eu me lembro que fui a Anne Frank no teatro, isso foi uma coisa muito importante, fazíamos muito teatro aqui no colégio. A Ceia dos Cardeais que nós fizemos, foi a bem da verdade, era nossa aula de literatura e nós montamos uma peça a Ceia dos Cardeais e daí eu coloquei apenas a Ceia dos Cardeais e o texto nós deixamos de lado, distribuimos o texto e não dissemos uma só palavra, Ceiamos no meio de todo mundo... eu nunca vou esquecer disso, depois fizeram sabe.... contestaram porque que foi feito, porque que não... mas o autor foi trabalhado a cena foi trabalhada, então seja lá como for ...[...] (ARTIGAS, 02/06/2015).

Neste depoimento, a entrevistada comenta a formação pautada nos princípios religiosos e a experiência inesquecível de participar de uma encenação que foi posteriormente questionada pela forma o trabalho foi conduzido. Nota-se uma certa frustração em seu depoimento. Tal fato pode ser interpretado como uma ação muito ousada das alunas, que repercutiu de uma maneira diferente ao que elas esperavam.

Nesta perspectiva, apresento um quadro com os principais colégios e seus respectivos cursos oferecidos, efetivando um levantamento com o número de alunos matriculados no ano de 1964:

*Quadro 6: Atuação das congregações em diversas modalidades no ano de 1964, em número de alunos*

Congregação	Escolas técnicas	Cursos ginasiais e científicos	Educandários primários femininos	Escolas Normais	Total de alunos
Colégio Bom Jesus	252	-	-	-	252
Colégio São José	110	340	200	70	720
Colégio Divina Providência	-	516	571	120	1.207
Colégio Sagrado Coração de Jesus	-	498	-	159	657
Nossa Senhora de Sion	-	162	316	78	556
Ginasio Santa Terezinha	-	320	200	-	520
Colégio Sacre Coeur de Jesus	-	178	-	-	178
Colégio Sacré Coeur de Marie	-	-	425	-	425

Total	362	2.014	1.712	427	4.515
-------	-----	-------	-------	-----	-------

Fonte: *Boletim eclesiástico 1964*, p. 93-95.

Em relação ao balanço do ano de 1964, o Colégio Nossa Senhora de Sion surge com um número maior de alunos, sendo mais elevado o número de alunos do primário. Em relação ao Curso Normal apresenta-se como uma das instituições que menos matriculou alunas naquele ano (78), a medida que outro colégio (Sagrado Coração de Jesus) matriculou 159 alunas.

Entendo que esta diferença no número de matriculas se dê devido ao número de sedes e também ao elitismo do colégio Nossa Senhora de Sion.

Em entrevista concedida a mim, a ex-aluna Maria Lúcia Viana Dias<sup>29</sup>, recorda a educação elitista e tradicional do colégio:

[...] eu acho que aqui a gente tinha...era um ambiente assim que incentivava muito a polidez o respeito, então era mesmo uma complementação do que a agente vivia em casa e fiz ótimas amizades que a gente conserva até hoje... e coloquei minhas filhas no colégio que adoram também. Elitista, tradicional, então .... o melhor colégio aqui feminino e então eu acho que os pais sentiam-se até... é... orgulhosos de poder proporcionar uma educação no colégio[...] (DIAS, 02/06/2015).

Matricular-se no colégio Nossa Senhora de Sion era a representação de um status, uma posição social privilegiada. Há indícios de que o acesso à instituição era bastante restrito, apenas as famílias de conduta moral inquestionável poderiam matricular suas filhas, “havia uma sindicância muito grande para poder entrar no colégio e as alunas não podiam ter pais separados” (NUNES, QUEM PARANÁ, 03/1983). Entendo que desta forma, reduzia-se consideravelmente o número de alunas aptas a serem matriculadas na instituição.

Todavia, os demais colégios, em sua grande maioria, também aumentam o número de alunos. Chama a atenção o número elevado de alunos de cursos ginasiais e científicos em face da escassez de alunos das escolas técnicas.

Como resumo geral da atuação das Congregações católicas em Curitiba o Boletim Eclesiástico da Diocese de Curitiba de 1968 apresenta as seguintes informações:

---

<sup>29</sup> Ex-aluna do Colégio Sion de Curitiba. Formada em Pedagogia e orientação educacional. Formou-se no Curso Normal no ano de 1969.

Quadro 7: Resumo da atuação das Congregações em Curitiba no ano de 1968

<b>Número de Congregações: 32</b>					
Casas de ensino	48	Irmãs	1089	Jardim	846
Casas hospitalares	23	Noviças	100	Primário	9.687
Casas assistenciais	10	Aspirantes	149	Ginásio	4.016
Outras	22	Postulantes	47	E.Normal	1.144
		Junioristas	42	Outros	768
<b>Total</b>	<b>103</b>	<b>Total</b>	<b>1.427</b>	<b>Total</b>	<b>16.461</b>

Fonte: Boletim eclesiástico 1968, p. 63.

Após mais de uma década entre os dados analisados, a atuação das Congregações religiosas em Curitiba continua sendo prioritariamente educativa. No ano de 1968, Curitiba contava com 48 casas de ensino sobre a incumbência de 32 Congregações, com a atuação de mais de mil irmãs atendendo mais de 16 mil alunos em cursos variados.

Este levantamento final, ao meu ver, reforça a ideia de uma contribuição bastante significativa das congregações católicas no ensino da sociedade curitibana.

## 2. O COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION NA CIDADE DE CURITIBA NO INICIO DO SÉCULO XX E A ATUAÇÃO DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO EDUCACIONAL

### 2.1 Os sujeitos atuantes e suas ações desenvolvidas no colégio Nossa Senhora de Sion

Talvez um dos sujeitos mais atuantes e presentes na história do colégio sejam as Irmãs. Elas eram responsáveis pela organização da escola, cumprimento das regras, encaminhamento das atividades, coordenação de equipes, e algumas ainda eram professoras.

Os registros mais significativos encontrados sobre suas ações na escola são os diários.

Os diários, denominados *Journal de la Maison* (alguns ainda em francês) e *Diário da Casa de Curitiba* (já escritos em português), nos revelam uma gama de informações, relatos e memórias significativas para a composição da história do Colégio Sion de Curitiba. Alguns diários foram escritos integralmente em francês, especialmente os dos primeiros anos do século XX, posteriormente o português foi instituído (havia exemplares do ano de 1940) e amplamente utilizado para esses registros.<sup>30</sup>

Cunha (2007) define o diário como sendo “uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas ocupam um grande lugar, uma escritura que rejeita uma organização formal”. Assim, entendemos que os diários são escritos de uma maneira livre, sem regras, norteados por meios dos acontecimentos que o sujeito deseja registrar. Nessa perspectiva a autora aponta que os diários são enfim:

Uma forma privilegiada de inscrição autoral, reinventada na surdina e cujo acesso, hoje, funciona como uma das fontes para um certo conhecimento das maneiras de viver e pensar de determinada época. Expondo quinquilharias e relíquias da memória familiar e grupal de seu tempo, o trabalho com este material torna possível, ao historiador, conhecer outros detalhes de acontecimentos sociais, culturais e políticos de uma época. Se o diário é ancorado na memória individual, esta é dada a ver pela linguagem e cabe, ao historiador, enraizá-la/problematizá-la no rol das experiências sociais, para que cada memória pessoal possa

---

<sup>30</sup> Foram utilizados para a análise o *Journal de la Maison* (1966) e *Diário da Casa de Curitiba* (1957, 1965, 1966, 1967 e 1968).

ser vista e estudada como uma perspectiva da memória coletiva (CUNHA, 2007p. 48).

Ainda que os diários das Irmãs de Sion não tivessem como finalidade unicamente registros pessoais, e sim registros formais, muitas de suas anotações remetem a fatos simples do cotidiano.

Os diários podem representar um recurso importante para a expressão e a investigação de elementos íntimos que compõem a identidade de um sujeito ou do coletivo. Os diários encontrados no acervo da biblioteca do colégio Sion de Curitiba nos revelam fatos marcantes para os sujeitos atuantes no próprio colégio, como as Irmãs, os alunos, os professores, os pais de alunos e também o interesse por questões políticas como a Segunda Guerra.

Em relação às cartas, cartões e bilhetes, foram vários encontrados e revelam o relacionamento que as Irmãs mantinham com ex-alunas e entre elas próprias.

Assim, entendemos que os registros efetuados nos diários, nas cartas, nos bilhetes das Irmãs retratam não apenas o cotidiano da escola, mas também fatos de grande importância em vários âmbitos. Para compreendermos a importância do trabalho desenvolvido pelas Irmãs, em geral, recorreremos a Nunes (2013), que nos esclarece:

No fim do século XIX as freiras já se encarregavam de inúmeras tarefas necessárias à sociedade, particularmente no campo da educação, da saúde e da assistência social. Afora as mulheres pobres, as freiras foram as primeiras a exercerem uma profissão, quando ainda a maioria da população feminina era “do lar” (NUNES, 2013, p. 483).

Não eram poucas as responsabilidades das freiras e cada vez mais aumentavam na medida em que o ensino em escolas católicas crescia, assim como os trabalhos em instituições de assistência aos doentes, asilos ou orfanatos. Nunes (2013) ressalta as características do exercício de suas atribuições e a autonomia ao desenvolvê-las :

As próprias religiosas, empenhadas na direção , hospitais e “obras de caridade”, acabam por criar uma área de certa autonomia e de exercício de alguma forma de poder. À frente de instituições de propriedade das congregações, em muitos casos, elas administram seus recursos financeiros e direcionam as atividades com relativa independência; desenvolvem sua

capacidade de liderança, exercem cargos de chefia, aparecendo como agentes dinâmicas e inovadoras em suas áreas de trabalho (NUNES, 2013, p. 494).

Muitas destas características citadas pela autora são facilmente encontradas nos registros dos diários das Irmãs. Do conjunto de informações que este suporte nos traz algumas, mais relacionadas à escola nos saltam aos olhos.

O fio condutor que orientou inicialmente a leitura desses registros foi o cotidiano escolar. Segundo Alves (2003):

O importante é percebermos que devemos estudar as escolas em sua realidade, como elas são, sem julgamentos *a priori* de valor, e principalmente buscando a compreensão de que o que nela se faz e se cria precisa ser visto como uma saída possível, naquele contexto encontrada pelos sujeitos que nela trabalham, estudam e vão levar seus filhos (ALVES, 2003, p. 65).

Nesse aspecto, a importância dada à biblioteca nos chamou a atenção pelos registros que recebeu.

A biblioteca enriqueceu-se ontem com a compra das coleções: “Fulgar e Formar” e ainda com os quatro volumes do “Novo Michaelis” dicionário ilustrado Inglês – Português e Português – Inglês (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 21 DE AGOSTO DE 1968).

Anotações como esta não eram raras. Em outra passagem encontramos outros registros de investimentos na biblioteca e em material didático “fizemos hoje uma despesa de NCr\$ 300,00 adquirindo mais quatro coleções para a biblioteca (22/11/ 68)”, como consta no quadro:

Quadro 8: Aquisições da biblioteca<sup>31</sup>

Livro	Autor
História do povo brasileiro (6 volumes)	Jânio Quadros e Afonso Arinos
Grandes temas sociais (9 volumes)	Mario Ferreira dos Santos
Enciclopédia da Natureza (3 volumes)	Fritz Kalhn

<sup>31</sup> Houve outras aquisições neste período, de acordo com os registros da biblioteca. Entretanto, apenas estes foram destacados nos diários, o que nos conduz a inferência de que eles eram considerados bastante importantes.

Biblioteca do Panorama Científico (3º volume)	Aurélio Bolsanello
---	--------------------

Fonte: organizado pela autora em exercício da análise

A primeira coletânea citada é de autoria do ex-presidente Jânio Quadros, que após o golpe de estado de 1964 teve seus direitos políticos cassados, refugiando-se no interior do Brasil onde fundou uma editora na qual publicou esta coleção.

A coletânea de Mario Ferreira dos Santos, possuía uma grande ênfase social e filosófica. Já a “Enciclopédia da Natureza” de Fritz Kalhn traz conceitos específicos sobre os estudos biológicos. Autor conceituado na área das ciências biológicas, teve seus primeiros trabalhos publicados nas áreas da astronomia e aviação e apenas posteriormente, formado em Medicina tornou-se referência na área das ciências biológicas.

A Biblioteca do Panorama Científico, de Aurélio Balsanello, trata-se também de uma coletânea de biologia, ilustrada e com as atividades propostas bastante dinâmicas. Estas anotações permite perceber a importância dos livros para as Irmãs e traçar, ainda que minimamente, um panorama sobre os conteúdos estudados, assim como dos autores escolhidos, considerando que esses livros eram especialmente indicados para o Ensino Normal.

O desempenho escolar é outro ponto do cotidiano bastante citados e digno de registro, especialmente aqueles que se referiam aos concursos e competições:

Nossa aluna Elaine Maria de Abreu, da 1ª série ginásial inscreveu-se no concurso “A melhor caderneta escolar” promovido pela Companhia aérea italiana Alitalia. Prestou exame oral de Português e História, depois de já ter feito as provas escritas das mesmas disciplinas. Nos dois exames foi classificada em 1º lugar. No dia 29, no Rio de Janeiro, fará a prova final, uma dissertação sobre Roma. Terá como competidores alunos do Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 14 DE OUTUBRO DE 1967).

A vitória nas competições e bons resultados em concursos e exames constituíam um conjunto de elementos bastante significativos para a instituição como uma maneira de manter-se em evidência e assegurar sua condição de

escola modelo para a sociedade e seu status social. Neste sentido, Vieira (2013) observa que:

A escola como expressão maior das instituições escolares, desenvolve-se a partir da relação entre sujeitos participantes do processo social, político e cultural. É uma instituição que produz e é produzida a partir da história dos seres humanos e, como tal, reveste-se de sentido e de propósito (VIEIRA, 2013, p. 64).

Talvez essa compreensão por parte das freiras fosse o elemento que as impulsionasse a dar visibilidade e colocar em evidência todas as suas ações, tanto no interior da escola - fazendo repercutir entre as próprias alunas a qualidade do trabalho desenvolvido - quanto na sociedade - nos registros dos jornais e nos registros da própria congregação. Realizar anotações em seus papéis pessoais, e nos diários, significava registrar algo que consideravam importante de não se perder nas memórias e, mais do que isso, algo que merecia ser registrado na história da instituição.

Nesses registros, torna-se clara a importância dos trabalhos realizados em grupos e a apresentação destes trabalhos para os demais alunos. Apesar de não ficar claro qual o tipo de trabalho desenvolvido pelas alunas, podemos inferir que foi um trabalho de grande importância, devido ao tempo destinado à elaboração do mesmo:

ótimo encontro entre as alunas do Normal e Ginásio: cada classe apresentou o trabalho elaborado durante o mês. Terminaram com uma amistosa merenda entre elas; a “Nestlé” esteve presente para alegrar as meninas com seu delicioso refresco (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 4 DE SETEMBRO DE 1965).

A merenda “amistosa” após as apresentações e a presença de uma empresa de alimentos participando do evento, ainda que não fique clara como foi efetivada esta presença, causa uma impressão de “premiação” pelos trabalhos desenvolvidos; evidencia também a relação do colégio com os setores empresariais. Além do mais, é uma forma de atestar a importância da interação entre as alunas e colocar em evidência seus trabalhos como um acontecimento a ser reconhecido como um evento cultural.

Nessa perspectiva, os trabalhos e apresentações representavam uma convenção importante do processo educativo digno de comemorações e cumprimentos aos alunos. Relatos de apresentações fora da escola com os

alunos são recorrentes, como mostra o registro sobre a premiação das alunas do coral seguida da participação do mesmo nas festividades do casamento de uma ex-aluna:

Em homenagem aos 273 anos da fundação de Curitiba, nosso coral foi convidado a apresentar alguns números, na Reitoria, iam-se muito bem e foi premiado! Neste mesmo dia, pela manhã, houve o casamento da nossa ex-aluna Eliane Câmara e o canto ficou a cargo do nosso coral (DIÁRIO DE LA MAISON, 29 DE MARÇO DE 1966)<sup>32</sup>.

Tal registro tem como objetivo ressaltar a qualidade do coral da escola e o reconhecimento público ao deixar a parte musical do casamento sob sua responsabilidade. Torna-se evidente a interação das alunas na vida social e cultural da sociedade curitibana, o que contribui para reforçar as associações, os *habitus*, os comportamentos e os valores de um grupo que ia se configurando como uma elite cultural.

Nesta perspectiva, podemos nos apropriar dos conceitos de Bourdieu (2003), como as formas de distinção, especialmente voltadas para o campo educacional. Estar em evidência, ser reconhecido na sociedade significava também um legado, uma tradição e mais um elemento distintivo digno de ser passada adiante para as novas gerações. Para o autor:

Os membros da fração de classes em expansão morfológica – quadros médios e superiores, empregados - que, sendo ricos sobretudo em capital cultural, garantiam sua reprodução, principalmente pelo recurso à escola, tendem a aumentar a escolarização dos filhos, praticamente em proporção semelhante à que ocorre com as categorias independentes que ocupam uma posição equivalente na estrutura das classes (BOURDIEU, 2003, p. 152-153).

Os detentores do capital cultural garantem aos seus filhos esse legado, mantendo sua distinção na estrutura das classes, o que poderia explicar a tradição das ex-alunas em também matricular seus filhos na mesma instituição.

Assim, as vitórias em competições, elogios recebidos, notícias vinculadas em jornais ou outras formas de enfatizar as atividades desenvolvidas no colégio, serviram como elementos distintivos na busca do espaço almejado no cenário educacional da época, ou seja a distinção por meio da superioridade social.

---

<sup>32</sup> Constava anotação em português.

Essa distinção também deveria ser registrada. Alguns excertos dos diários evidenciam a relação das Irmãs com figuras ilustres da sociedade curitibana, que apresenta outra forma de distinção: a político-social:

As Irmãs voltaram de Porecatu muito gratas pela amável acolhida, sentiram-se ali, cercadas de delicadeza e bondade. Com extrema generosidade, a família Lunardelli recebeu os hóspedes. Durante estada das irmãs em Porecatu os habitantes celebraram os vinte e cinco anos de fundação da cidade. Foi ela fundada por Ricardo Lunardelli. Eis o programa comemorativo do jubileu: missa campal, desfile, carros alegóricos. A fanfarra do colégio dos maristas de Londrina e uma esquadrilha de aviões, paraquedistas, abrihantaram os festejos. O governador do Estado Drº Paulo Pimentel e sua esposa D. Yvonne se achavam presentes. Dona Yvonne é filha de João Lunardelli. A fazenda é belíssima constituída por um bloco de casas, rodeada de jardim; cultivam ali rosas de vários matizes, há também aves, pássaros em profusão. Cada filha (duas) e o filho do Srº João Lunardelli e da D. Altair estão de posse de uma fazenda. Os Lunardelli possuem usina de açúcar, criação de gado, cultura de arroz, de cana e de café (DIÁRIO DE LA MAISON, 16 DE DEZEMBRO DE 1966).

Em uma nota na coluna social do jornal Correio do Paraná consta a informação do centenário da fundação do colégio e reafirma a representação social do mesmo na sociedade curitibana. Esta nota difunde a ideia não apenas de distinção, mas de superioridade do mesmo em relação aos demais, enfatizando a “perfeição” dos seus métodos de ensino:

A Casa de Sion e a data memorável de seu centenário. Comemora-se hoje, o Colégio Sion, a data histórica de seu centenário de fundação. Esse acontecimento de tão larga projeção, merece registro especial, porque trata-se de um educandário de fama universal, dadas, a perfeição do seus métodos de ensino, o sistema modelar com que ali se pratica a educação da mulher, já preparando-a para a sublime missão que ela desempenha no regaço da família e já completando a sua formação intelectual para enfrentar os embates da vida moderna. A CASA DE SION é assim, sob todos os aspectos, uma instituição meriteria. No Paraná vem o grande estabelecimento de educação feminina prestando sua notavel cooperação, com essa superioridade que faz o traço característico de sua insuperavelorganização. São decorridos CEM ANOS, de inestimaveis serviços prestados á causa da familia, em todos os centros adeantados do universo. D’ahi a magnitude da data, que pela familia paranaense será também comemorada com carinho, com maior expressão de reconhecimento, porque, A CASA DE SION, estendeu a até nós, os altos beneficios da sua ação salutar de sua nobre e relevante atividade educacional. Ao traçar este

ligeiro comentário, inspira-nos a satisfação de traduzir os sentimentos de reconhecimento dos lares que se acham vinculados ao COLÉGIO DE SION pelos laços delicados da gratidão. Como os magestosos edifícios que se alicerçam em terreno firme, consolidados pelo decidido amparo dispensado á sua grandiosa finalidade, esse século de existência da CASA DE SION, não desfez a beleza de seu estilo. Ao contrario. Aperfeiçoou-a, deu-lhe esse aspecto de magestade com que ora se apresenta aos corações e aos olhos das gerações (ilegível). O centenário da CASA DE SION assinala, pois, na rotatividade do tempo, uma data historica, memoravel, imperecível e de larga repercussão (CORREIO DO PARANÁ, 22/01/1942).

Também não foram incomuns registros que enalteciam as Irmãs de forma demasiada, atribuindo-lhes muitos adjetivos imperiosos.

Entre expansões de jubilo festeja o colégio Nossa Senhora de Sion e a sociedade curitibana a grata efeméride do 50º aniversário da Reverendíssima Madre Maria Gaetana de Sion, sua digníssima Superiora. A sua vida de abnegação e de renúncia, dedicada a tarefa admirável da formação moral a educativa de milhares de jovens brasileiros, constitui pela sua beleza e integridade, um formoso exemplo. Está em festas por esse memorável acontecimento o grande lar do Sion. As maiores homenagens serão prestadas à preclara aniversariante, pelo transcurso de meio século de serviços a religião e ao ensino. O Exmo. Revmo. Sr. D. Attico Eusebio da Rocha m. d. Arcebispo Metropolitano celebrará uma soleníssima missa em ação de graça, na capela do colégio. A tarde haverá uma grande sessão na qual as alunas e professoras significarão a sua estima e apreço a mestra insigne, a queridíssima “Notre Mére” como é chamada. De todos os colegas de Sion do Brasil chegaram digníssimos representantes, para assistir as tocantes comemorações a essa leda tão cara a comunidade sionense. Nasceu a Roma Madre Maria Gaetana de Sion em La Previere, pequena aldeia da Bretanha, em 5 de Dezembro de 1872. (Ilegível) para o Brasil para a fundação do colégio de Juiz de Fora, que em 1901, foi transferido para a capital do Estado de S. Paulo, onde Madre Maria Gaetana passou 26 anos, exercendo o cargo de Superiora de 1920 a 1936. Em 1937 foi para o Remanso de Petrópolis, como Mestra de Noviças. Em 9 de Dezembro de 1937, pelo seu grande mérito, recolhe a missão de fundar novamente um colégio, em Curitiba. Chegarão a Curitiba à 19 de Dezembro desse mesmo ano, foi recebida carinhosamente pelas famílias e antigas alunas, entre as quaes, se distinguiu pelo seu esforço, para obter a volta do Sion, D. Yayá Chaves. A 10 de Fevereiro de 1938, á rua José Loureiro, recomeçou o colégio N.S. do Sion a funcionar, com 34 alunas. Rapidamente floresceu e se desenvolveu o estabelecimento que adquiriu sob grande prédio a Alameda D. Izabel cujas construções foram ampliadas para atender a crescente matricula de alunas internas e externas. E hoje já 215 educandas recebem a instrução e a esmerada educação que lhes ministra o dedicado e

competente corpo de professores do Colégio, sob a esclarecida orientação da Revma. Madre Maria Gaetana de Sion, ampliada ilimitada dedicação (DIÁRIO DO PARANÁ, 24/7<sup>33</sup> /1946).

A distinção social é visivelmente destacada em outros relatos como no seguinte em que fica explícita a necessidade de preparar adequadamente as moças para o serviço nas casas de família:

A ideia de organizar aqui em nosso salão às 5<sup>as</sup> feiras, um “clube de domésticas” para as empregadas de casas de família, foi lançada pela Madre na reunião habitual de mães cristãs e está em estudo, tendo encontrado boa repercussão. Seriam reuniões onde essas moças teriam aulas de trabalhos manuais, português, aritmética e formação religiosa. Escola de adultos, numa palavra, para empregadas (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 24 DE ABRIL DE 1967).

Neste caso, entendo que a preocupação não era apenas com a formação e boa educação das moças por qualquer razão, mas sim para servir as “mães cristãs”, que necessitavam de moças de família, principalmente com uma formação religiosa condizente com suas normas para prestação de serviços à sua família.

Situações importantes de grande repercussão no meio religioso também foram registradas com o intuito de evidenciar a distinção da própria congregação:

Voltou Ir. Laura da Aparecida, onde assistiu às solenidades em louvor a Il. Virgem, pelo 250: aniversário de encontro da imagem milagrosa. Pela comemoração ofereceu o Santo Padre Paulo VI a “Rosa de Ouro” à basílica de Nossa Senhora Aparecida. O legado Pontifício cardeal Amleto Giovane Cicognani portador de valioso presente, foi recebido com todas as honras no Rio de Janeiro, ofereceram-lhe um jantar no Itamarati. Foi recebido pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Congresso Nacional. O cardeal Cicognani foi saudado pelo senador Mem de Sá e pelo deputado Ulisses Guimarães, ambos lhe exprimiram gratidão pela visita e pela Rosa de Ouro. O último pediu que Pio VI visite o Brasil, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, em 1970. Em Brasília, no Palácio Alvorada foi o cardeal Cicognani condecorado com a “Gran Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul”. O Presidente da República esteve em Aparecida no dia 15 de Agosto para assistir aos festejos comemorativos a e entrega da Rosa de Ouro (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 16 DE AGOSTO DE 1967).

Mas não são apenas as anotações acerca da distinção social e do bom desempenho escolar que chamam a atenção. Em meio aos escritos,

---

<sup>33</sup> Ilegível.

encontramos relatos que nos mostram hábitos de uma época peculiar, e podemos inferir, por meio dos detalhes desta citação algumas estratégias de aproximação com a comunidade e de controle das alunas, uma vez que a disciplina era a palavra de ordem na escola.

A esse respeito uma reportagem de um periódico traz uma entrevista com ex-alunas, especificando questões disciplinares desde a chegada do colégio à Curitiba, até a data em que a referida entrevista foi publicada (1983):

Paradoxalmente, o Sion foi rotulado como o colégio mais severo de todos. Hoje, com as irmãs morando em apartamentos, usando jeans e tocando violão, seria difícil associar a irmãs como a <Madre Luiz> (sic) que até hoje faz ainda tremer as antigas alunas. Maria Irene Junqueira Nunes, 53 anos, poeta, pianista, foi a aluna nº 1 do colégio recém-chegado a Curitiba. <Foi a minha mãe, Eufrida Junqueira, quem conseguiu a vinda do colégio para cá. Eu ainda me lembro que fomos nós quem penduramos os quadros-negros e arrumamos as carteiras> (sic) considera Maria Irene, ao mesmo tempo que observa dizendo que o Sion lhe traz muitas recordações tristes. <O Sion tinha um regime muito duro. A gente tinha que ficar com as mãos cruzadas e os pés juntos durante toda a aula. No recreio ninguém podia conversar, a gente tinha que brincar em silêncio> (sic) o Sion era um colégio de alta burguesia e na época era considerado altamente chique ser <enfant de Sion> (sic). Com os alunos sendo obrigados a ter a mesma caligrafia o Sion tinha em seu currículo as matérias tradicionais além de História da Igreja, Canto, Psicologia e ginástica como disciplinas extras. <As notas eram dadas de acordo com a civilidade, aplicação, instrução e ordem. Eu me lembro uma vez que uma aluna tirou nota baixa porque estava com o sapato sujo de lama e uma outra colega dela também porque viu o sapato sujo e não a avisou. O Sion era extremamente rígido quanto à apresentação do uniforme> (sic). Por outro lado vale acrescentar que Marise Junqueira Nunes, 27 anos, orientadora educacional não tem seus filhos no colégio Sion. <No meu tempo – eu sou a terceira geração de alunos da nossa família – o Sion não era tão severo nem tão moderno. A gente se dava bem porque as crianças de antigamente não questionavam como as de hoje> (sic). Marise é da opinião que o método Montessori precisa ser reformulado porque dificulta a abstração. < Eu acho que a instrução do Sion é boa, mas a educação é reprimida>(sic). Passando da austeridade, onde os alunos não podiam sequer contradizer os professores, para um colégio aberto e moderno, o colégio Sion definitivamente é um marco em Curitiba, onde é possível constatar que todas as

famílias tradicionais já passaram por seus corredores (QUEM PARANÁ, 03/1983).

Neste relato torna-se claro um lado do colégio que não é evidenciado em nenhuma outra reportagem, notícia, ou registro encontrado durante a efetivação da pesquisa.

A visão de uma ex-aluna que retrata com detalhes o regime “duro” ao qual era submetida. As formas de avaliação, assim como a rigidez com o comportamento, o uso de uniforme chamam a atenção.

Mas a formação no colégio Nossa Senhora de Sion tinha dentre outros objetivos, preparar para o casamento, mais do que afastar as moças dos rapazes era inteligente que permitissem tal aproximação, sob o devido controle e vigilância das irmãs:

As meninas da 2ª série ginasial convidaram os namoradinhos para virem dançar aqui, com elas. Apresentaram-se os “brotinhos” mas preferiram “dançar” com a bola, no pátio. Enquanto isso, a comunidade se divertia com histórias para crianças, contadas e cantadas com discos que acompanham as encantadoras projeções coloridas (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 11 DE JUNHO DE 1968).

Apesar da disciplina, é possível encontrar registros de relatos de “condutas deselegantes”, o que podemos inferir como alguma forma de indisciplina ou algum tipo de comportamento condenado pelas irmãs.

Essas atitudes podem justamente vir a confrontar o sistema rígido ao qual eram submetidas, como uma forma de protesto em relação às regras disciplinares.

Isso reflete a fusão própria das relações que se estabelecem entre os sujeitos que se evidenciam em estratégias e táticas<sup>34</sup> utilizadas por aqueles que em alguma medida estão desfrutando o poder. No caso da escola, trata-se do poder da autoridade.

Havia suprimido a missa, a coroação e a distribuição pública de diplomas às alunas do 3º ano Normal em vista da conduta deselegante da turma até o fim do ano escolar (DIÁRIO DE LA MAISON, 27 DE NOVEMBRO DE 1966).

Não consta nos registros a causa da punição, entretanto, inferimos que foi oriunda de algum acontecimento grave, uma vez que a coroação era o momento

---

<sup>34</sup> (CERTEAU, 1998).

mais esperado durante todo o curso para as alunas, e constituía-se em um grande evento social. Em outra passagem, encontramos o registro de outra conduta reprovada pelas irmãs:

Esta manhã a clausura foi invadida por um grupo de meninas, mas Ir. Vicente lhes pregou um susto, afugentando-as (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 22 DE NOVEMBRO DE 1968).

Essas anotações são importantes pois nos revelam um pouco das práticas e do comportamento das alunas no cotidiano. Apesar da severidade do ensino e da rigidez das regras, por vezes, as alunas inventavam modos de burlá-las e as tensões emergiam destes comportamentos.

Além do cotidiano escolar, as Irmãs também se preocupavam com questões de ordem política e social e registravam tal preocupação em seus diários, tanto em relação ao Brasil, quanto em outros países. Alguns registros mostravam apenas lamentos, outros relacionavam o ocorrido à escola de alguma maneira. O primeiro caso fica evidente em registros como este:

Consternaram-nos as enchentes sobrevindas no Rio de Janeiro causando tanto prejuízo e tantas vítimas... na tv, notícias do terremoto do Irã que já causou mais de 20.000 vítimas. Crianças vietnamitas feridas e mutiladas estão sendo transportadas para um hospital da Alemanha pelo movimento "Terra dos Homens" (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 02 DE SETEMBRO DE 1957).

O segundo caso evidencia-se como eventos importantes para o colégio e para a sociedade em geral como a inauguração da eletricidade. Buscou-se neste registro evidenciar os esforços das Irmãs para que este fato importante para a sociedade acontecesse:

Unimo-nos às alegrias da Solitude pela inauguração da eletricidade, foi uma vitória que nossas irmãs alcançaram e que isto representou de orações e sacrifícios para a fervorosa Comunidade, só Deus sabe (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 21 DE OUTUBRO DE 1965).

Outros acontecimentos significativos chamam a atenção, especialmente a cooperação com o colégio para atendimento às crianças da Escola Paroquial e da

Solitude<sup>35</sup>. O trabalho assistencial era bem visto e necessário para a aproximação do carisma da congregação:

O irmão da Irmã Maria Cristina querendo auxiliar na fundação da casa de férias para os alunos da escola Paroquial, ofereceu-nos uma camioneta novinha e a venda da camioneta usada contribuirá grandemente (DIÁRIO DE LA MAISON, 1º DE ABRIL DE 1966).

A violência, já comumente ocorria e fica claro neste registro a aflição diante da situação de violência vivida pelas Irmãs. O veículo ganhado anteriormente para auxiliar nas atividades da escola fora furtado:

Passamos um susto com o rapto de nossa camioneta, mas graças a Deus ela logo foi encontrada em uma das ruas de Curitiba, faltou gasolina (DIÁRIO DE LA MAISON, 11 DE NOVEMBRO DE 1966).

Já no trecho seguinte registrou-se algo mais grave, um crime violento, o qual as circunstâncias são explicadas:

Pai de um menino de um ano (a mulher já espera o segundo filho) foi assassinado ontem na calçada da Vicente Machado junto ao muro do colégio; e a bala que o matou caiu em nosso jardim. Depois de uma discussão com um motorista de taxi deu-se o crime e o delegado de polícia esteve, com representantes da polícia técnica, investigando dentro de nossa propriedade (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 07 DE MAIO DE 1967).

Fatos marcantes, de importância singular para um colégio católico, como a passagem da imagem de Nossa Senhora Aparecida por Curitiba também foi registrado pelas Irmãs. Tal acontecimento se mostra como um elemento distintivo social e religioso:

A virgem Aparecida, padroeira e rainha do Brasil em visita ao sul do país chega a Curitiba – graça inestimável para a capital paranaense. É privilégio sem par: a mesma Virgem milagrosa a autêntica imagem descoberta pelos pescadores passou pela nossa Sion, aqui ficou mais de meia hora, derramando graças e bençãos sobre a comunidade. Confiamo-lhes as intenções da Congregação e muitas outras. Mons. Pedro Fedalto assinalou a missão da Virgem Peregrina através do Brasil: “Estabelecer maior união entre Deus e os homens”. Da nossa Sion a imagem foi levada à Solitude pela Madre e algumas Irmãs. E lá passou a noite (DIÁRIO DE LA MAISON, 04 DE JUNHO DE 1966).

---

<sup>35</sup> Vinculada ao Colégio Nossa Senhora de Sion, a instituição efetivava um trabalho de cunho filantrópico com crianças carentes da região metropolitana de Curitiba.

Para os católicos, a passagem da imagem da Virgem Padroeira pela cidade de Curitiba e evidentemente pelo colégio, tem um peso simbólico expressivo e não poderia deixar de ser citado com muito orgulho pelas Irmãs. Essa passagem da imagem pela instituição tornou-se mais um elemento distintivo a ser exaltado.

Em algumas passagens, destaca-se a participação da comunidade. Neste caso, especificamente, a participação da mesma ocorre em uma reunião para responder a um questionário referente à Campanha da Fraternidade, e tomar algumas decisões sobre os rumos da campanha:

[...] reunião da comunidade para responder ao questionário de D. Pedro Fedalto sobre a campanha da fraternidade. Os cartazes e folhetos foram apreciados; a distribuição de envelopes desaconselhada para os colegiais; a propaganda da tv julgada insuficiente, não devendo ela referir-se as contribuições recebidas; imprescindível a conscientização da qual decorrerá o auxílio espontâneo, etc. [...] (DIÁRIO DE 19 DE JUNHO DE 1966).

Dentre todos os registros encontrados, os que chamam atenção de forma peculiar são os de cunho político, o que demonstra que as Irmãs eram bastante articuladas também nas questões políticas, demonstrando suas opiniões em alguns casos.

Um dos registros mais importantes em relação ao Brasil refere-se ao atentado ao Marechal Costa e Silva:

Minas de prontidão. Levante da Une que deseja realizar um congresso em Belo Horizonte, maugrado (*sic*) a oposição das autoridades governamentais. O país atravessa forte crise política, em Recife, no aeroporto de Guararapes, explodiram três bombas, quatro foram as vítimas; o almirante Nelson Gomes Fernandes, o secretário do governador do Estado Edson Régis e dois guardas civis. Escapou do atentado, o único visado, o candidato à Presidência da República, o Marechal Costa e Silva, por ter saído do avião e continuado a viagem de carro (DIÁRIO DE LA MAISON, 28 DE JULHO DE 1966).

O Brasil vivia o auge do regime civil militar. Sobre o posicionamento da Igreja Católica em relação a esse regime, Dias & Silva (2012) ressaltam que não havia um consenso entre os católicos e destacam as opiniões divergentes:

De um lado, católicos que fazem a chamada “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” e apoiam o golpe sob o temor de uma ameaça comunista, e de outro, cristãos adeptos à Teologia da

Libertação<sup>36</sup>, doutrina que vigora desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência Episcopal Latino Americana em Medellín (1968) quando o cenário religioso começa a ser modificado em favor dos menos abastados da sociedade. Por conseguinte, a Igreja propõe inovações teológicas a favor dos oprimidos pelo regime, de maneira que a perseguição política e a negação dos valores humanos sejam erradicadas, e utiliza do discurso religioso para legitimar os ideais pregados (DIAS & SILVA, 2012, p. 03).

Posteriormente ao atentado, a posse de Artur Costa e Silva foi destacada “posse em Brasília do Presidente eleito General Artur Costa e Silva”. A missa foi celebrada para atrair a proteção e as bênçãos de Deus sobre o Brasil” (DIÁRIO DE LA MAISON, 15 DE MARÇO DE 1966).

Outro registro de grande importância foi o sepultamento do ex-presidente Marechal Humberto de Olivera Castelo Branco:

Com a presença do Presidente Costa e Silva e milhares de pessoas entre elas, Ministros de Estado, ex. Ministros oficiais das três Armas parlamentares, Governadores de Estado e membros dos corpos diplomáticos e eclesiásticos, foi sepultado hoje as 12 horas, o Ex. Presidente da República o Marechal Humberto de Olivera Castelo Branco, no cemitério São João Batista, na Guanabara. Foram-lhe prestadas as últimas homenagens, os oradores se sucederam e exaltaram a figura do Ex. Presidente. Apresentaram-no como homem de caráter, de dever íntegro de honestidade sem par. Foi Marechal Castelo Branco vítima de um desastre de avião, no dia 18 de Julho, quando se dirigia para a fazenda de Raquel de Queirós para alguns dias de descanso, na sua terra natal. Partiu de Fortaleza. No acidente perderam também a vida um irmão do ex-presidente e outras pessoas. O comandante Paulo Castelo Branco veio dos Estados Unidos para assistir ao enterro do pai. (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 20 DE JULHO DE 1967).

No registro acima não consta nenhum tipo de participação das Irmãs, ou qualquer forma de participação de sujeitos do colégio envolvidos no episódio. Apenas o registro do fato ocorrido. Essa ação nos faz refletir qual o objetivo real deste registro, uma vez que são destacadas as qualidades do ex-presidente de forma bastante contundente. Seria uma forma de marcar um lugar nesse jogo

---

<sup>36</sup> A Teologia da Libertação é uma doutrina apropriada para as realidades sociais, de ideologia esquerdista. Propaga uma participação mais ativa do cristão, que luta pela causa do próximo, desejando uma maior partilha e justiça social, e tornando-se um participante politicamente ativo na sociedade.

político, expressando uma opinião que refletia de que lado estava a Congregação de Sion?

Os cumprimentos do ex-governador do Paraná, Paulo Pimentel também foram destacados no diário de 1966:

Drº Paulo Pimentel envia agradecimento à Madre pelos votos que lhe foram apresentados pela passagem de seu aniversário. Ao saber que os amigos lhe ofereciam um banquete exclamou o D.D. (sic) governador do estado, Drº Paulo Pimentel: o momento não é de banquete, reservem a importância para os desprotegidos da sorte (DIÁRIO DE LA MAISON, 17 DE AGOSTO DE 1966).

Os registros aos quais referem-se ao relacionamento com personalidades importantes da sociedade curitibana comprovam o conceito de distinção do colégio. Em muitos momentos, o colégio e a própria Igreja Católica se confundem com suas ações e posicionamentos políticos.

Os registros falam por si e mostram-se como uma maneira eficaz de manter o status do colégio na História da instituição. Talvez, esses registros possam significar, também, indícios de aproximação políticas ainda que fossem na seleção dos acontecimentos e no tom da escrita. Como todo registro, os fatos relatados nos diários passaram por um processo de seleção que, por diferentes razões, modelam os caminhos da história pela escolha do que deve ser contado, do que deve entrar para a história mesmo como inspiração. O falecimento e sepultamento de Assis Chateaubriand, por exemplo, teve um destaque no diário que sinaliza para a admiração que as irmãs tinham pelo mesmo, considerando importante marcar sua morte como um acontecimento, uma perda digna de ser registrada:

Faleceu ontem em São Paulo, Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, grande jornalista paraibano. Exerceu cargos políticos de relevância, entre eles: o de embaixador do Brasil na Inglaterra. Fundou a cadeia de Diários associados. Dele disse o senador Pedro Aleixo: “da vida de Assis Chateaubriand, extrai-se exemplo de profundo amor e respeito à instituições democráticas”. Assis Chateaubriand foi sepultado hoje, no cemitério de Araçá. O cortejo fúnebre foi acompanhado por mais de 10 mil pessoas. O vice-presidente da república, o governador de São Paulo, o Prefeito e muitas outras autoridades se achavam presentes (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 06 DE ABRIL DE 1968)

Todas essas passagens nos sugerem uma articulação política no sentido de acompanhar os acontecimentos importantes que pudessem refletir na

sociedade. Por outro lado, observamos cautela em relação às questões políticas envolvendo o espaço do colégio:

Estudantes da JUC<sup>37</sup> vieram pedir o salão do colégio para reunião de cunho político. A mãe achou que o momento não lhe permite dar esta autorização. (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 12 DE AGOSTO DE 1968)

Não há indícios do porque a mãe não os apoiou nos registros seguintes. Podemos inferir que talvez essa atitude seria um reflexo do posicionamento do colégio favorável ao governo, e dependendo das ações da JUC, naquele momento poderiam ser consideradas impróprias. É possível que a Congregação não fosse favorável às ideias defendidas pelos estudantes e/ou não quisesse problemas com o governo.

O assassinato de Luther King foi registrado de uma forma que reflete vestígios de um racismo enraizado na sociedade. Ainda que a causa seja favorável, os termos utilizados apontam para uma cultura impregnada pelas diferenças de cor e pela representação equivocada e distorcida da busca pela igualdade, haja vista a preocupação que mostram em relação à sua retaliação:

Ontem foi assassinado nos Estados Unidos, o pastor Drº Martin Luther King que defendia o direito dos pretos, mas pretendia solucionar a questão racial pacificamente. O assassinio foi realizado por um branco. O bárbaro acontecimento repercutiu, no mundo inteiro, e certo, complica ainda mais a questão racial nos Estados Unidos, pois os pretos hão de querer vingar a morte de seu líder (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 05 DE ABRIL DE 1968).

Outro fato que repercutiu mundialmente foi a morte de Robert Kennedy, a anotação nos traz os detalhes:

Na catedral de São Patric em New York, milhares de pessoas: rezam por alma de Robert Kennedy. As 10 horas encomendação da alma e missa de corpo presente. Enterro no cemitério de Orlington. Robert Kennedy foi sepultado ao lado de seu irmão Jhon Francis Kennedy grandes notabilidades do mundo e um representante do santo padre Paulo VI estiveram presentes, prestando uma última homenagem ao grande estadista, ao

---

<sup>37</sup>Juventude Universitária Católica: foi um movimento católico reconhecido pela hierarquia eclesiástica em 1950 como setor especializado da Ação Católica. Tinha como objetivo difundir os ensinamentos da Igreja no meio universitário.

senador da paz (DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA, 08 DE JUNHO DE 1968).

Por meio dos registros inferimos que a formação das alunas poderia ser ampliada com questões de cunho social e político, uma vez que havia uma cultura de distinção social, as alunas deveriam estar a par de certos assuntos. Brito (2011) aponta que:

Certas freiras estimulavam as alunas a “se preparar muito bem porque vocês serão as esposas de ministros, embaixadores e empresários”<sup>38</sup> antecipando ou reforçando a mensagem do colégio, as famílias, especialmente aquelas em recuperação de *status* ou em ascensão social, instigavam as filhas à busca do melhor partido, com nome, fortuna, *status* social e poder (BRITO, 2011, p. 7-8).

A função dos diários não se torna muito clara. Há indícios da necessidade de registros formais diários, uma vez que todos os dias do ano apresentam uma anotação, mesmo que de fatos corriqueiros, para os quais normalmente, ao meu ver, não haveria necessidade de um registro oficial. As datas em que não ocorreram as anotações são justificadas logo em seguida, como se houvesse efetivamente a necessidade de informar a alguém o porquê da inexistência de tal anotação na data em questão. Sendo assim, avalio que essas anotações possivelmente eram cobradas por algum superior da Congregação, ou outros sujeitos envolvidos no processo, que viam esses registros como uma forma de acompanhamento das atividades efetivamente realizadas no interior da escola.

Os diários possivelmente serviam como uma maneira de manter tais sujeitos informados de todos os detalhes, abrangendo questões que perpassam o cotidiano pedagógico e vão muito além. A relação com a sociedade, com país, o desempenho das alunas perante a sociedade, o status do colégio, as regras, condutas das próprias Irmãs e professores, são elementos registrados nos diários com maior recorrência.

Efetivando a leitura dos mesmos, é perceptível que muitas das questões neles expostas ganhavam destaque especial, ou uma valorização acima do que realmente era esperado para tal situação. Possivelmente, tal fato ocorresse justamente para causar boa impressão para quem o lesse, sendo evidenciado apenas o lado positivo.

---

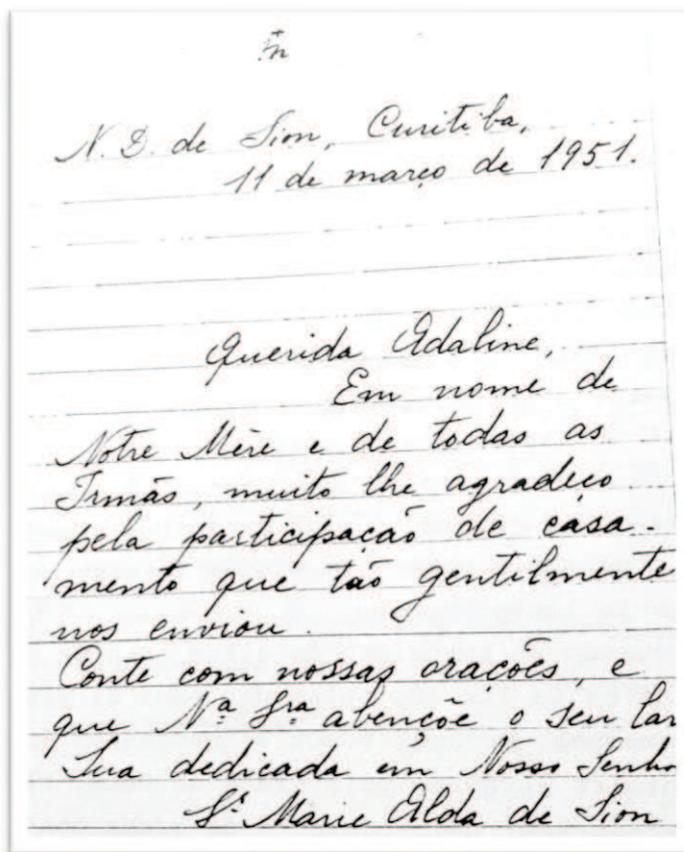
<sup>38</sup> Entrevista com ex-aluna.

É fato que, uma vez que o registro era efetivado, não poderia ser alterado. E a história estaria escrita de acordo com a conveniência e interesse do momento.

Nesse processo de seleção e guarda, além dos diários, foi localizada uma documentação conjunta de cartas e bilhetes, em número bastante significativo, que nos dão pistas sobre o relacionamento entre as próprias Irmãs e também com as alunas. Dentre esses registros encontramos felicitações de Ano Novo, convites de casamento e cartões postais.

A primeira carta encontrada data de 11 de Março do ano de 1951, escrita por Marie Alda de Sion para uma aluna chamada Adaline, a qual é citada em várias outras cartas, bilhetes e cartões postais. Inferimos que esta foi uma boa aluna, pois ganhou menção de bom procedimento no ano de 1943. A carta trata de um agradecimento por um convite de casamento.

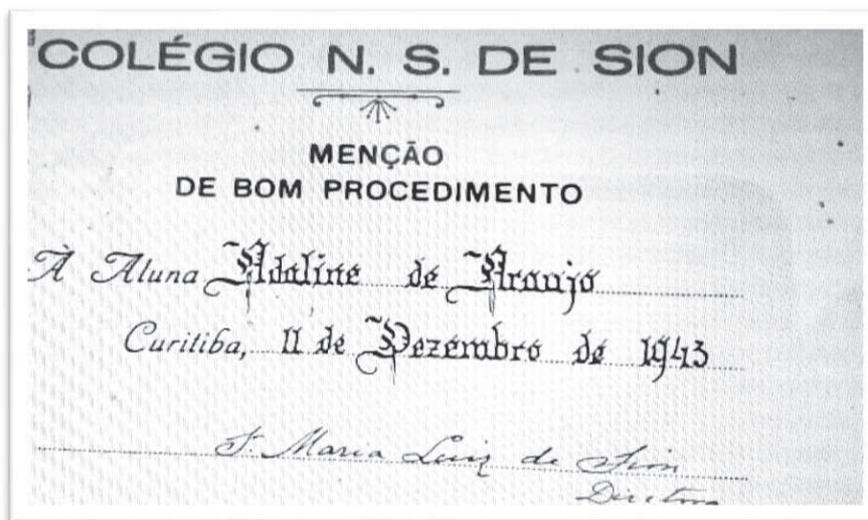
Figura 7: Carta de Marie Alda de Sion à Adaline



Fonte: Relatório do Antigo Sion. Acervo Casa da Memória, p.27, 2002

A menção de bom procedimento, geralmente, refere-se à boa conduta da aluna, sua boa atuação não apenas nas disciplinas, mas também em seu comportamento. Como se pode observar, na figura a seguir, Adaline foi aluna do colégio e recebeu a menção de bom procedimento:

*Figura 8: Menção de bom procedimento*



*Fonte: Relatório do Antigo Sion. Acervo Casa da memória, p. 19, 2002*

A prática de instituir distinções ou premiações em torno do comportamento das alunas parece ter sido um hábito que acompanhou o Colégio. Como podemos observar, com a seguinte figura, a prática da premiação da menção de bom procedimento já existia no ano de 1910.

Figura 9: Menção bom procedimento



Fonte: Relatório do Antigo Sion. Acervo Casa da memória, p. 20, 2002

Estudar no Colégio Nossa Senhora de Sion, durante muito tempo, representou status e distinção social. Os bailes de formaturas, as reuniões, encontros e quaisquer outros eventos envolvendo as alunas se tornavam verdadeiros “acontecimentos sociais”, dignos de serem registrados pelas colunas sociais dos mais renomados jornais da capital.

A imagem a seguir é um bom exemplo do registro destes eventos, ao lado das alunas lê-se o seguinte texto:

O jantar de formatura de professoras pelo colégio Nossa Senhora de Sion foi realizado na magnífica residência do professor dr. Homero Braga. Foram alegres as honras de cordial convívio naquele ambiente acolhedor. Esse acontecimento foi, sem dúvida, um dos pontos altos das festividades comemorativas da formatura das jovens professoras que, com brilhantismo, concluíram o curso no renomado Instituto de Ensino. No primeiro instantâneo, a partir da esquerda as srtas. Regina Célia de Oliveira Dias, Márcia Buck Pereira, Marília Meirelles Hidalgo, Maria Helena Ferraz de Carvalho, Vânia Pereira Camargo e Regina Maria Marques; no segundo, grupo de professoras durante o movimentado “dinner” (DIVULGAÇÃO PARANAENSE, 1961, p. 1).

*Figura 10: jantar de formatura da turma de 1961*



*Fonte: Acervo pessoal ex-aluna Yeda Sento Sé, 2015*

O seguinte registro é indicativo da representação do Colégio Sion para a alta sociedade curitibana. Refere-se às anotações de Odaléa Macedo:

Entrei para o colégio recém-inaugurado no dia 10 de setembro a convite de minha prima Nair Macedo (filha de Tobias). Fui a décima terceira aluna. Depois entrou Ester Gonçalves (RELATÓRIO DO ANTIGO SION, 2002, p.7).

Odaléa Macedo e Nair Macedo eram pertencentes à família Macedo, que hoje completa cinco gerações, tendo como componentes personalidades da sociedade curitibana. A família destacou-se inicialmente no comércio de secos e molhados, construindo uma verdadeira fortuna. Sobre Tobias de Macedo, Odaléa destaca que “ele tinha dois engenhos de beneficiar erva-mate, um no Riachuelo<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Engenho Riachuelo, na estrada da Graciosa.

onde morávamos e outro no Timbó que meu irmão mais velho tomava conta” (Antigo Relatório do Sion, 2002, p. 7). Sobre o local onde moravam Odaléa discorre:

A alguns metros da casa, um grande quintal com muitas árvores frutíferas. No meio, uma casinha de banho de madeira. O chão todo atijolado e a casinha em forma de quiosque (Caron, 1982, p.11).

Após a década de 40, os negócios da família se diversificaram, Tobias de Macedo Júnior inaugurou a rádio Marumby em 1946 e as gerações seguintes se constituíram de juízes, advogados, conselheiros, políticos e professores da capital paranaense.

Nair Macedo<sup>40</sup>, por exemplo, dedicou-se por mais de 50 anos ao magistério, sendo, hoje, patrona de escolas municipais e centros de educação infantil. Ocupou também postos significativos na Secretaria do Estado, contribuindo assim, de forma direta com a Educação Pública no Paraná.

Já Odaléa Macedo casou-se com Mario Caron, e sua nora Adaline de Araújo Caron, também ex-aluna do Sion, tornou-se advogada e consultora de arte. Uma nota no jornal Gazeta do povo discorre sobre a tradição familiar da advocacia e cita Adaline como precursora no direito:

Filha caçula do casal Marisa e José Manoel de Macedo Caron Júnior, segue a tradição familiar. Com apenas 22 anos, está se formando em direito pelo UniCuritiba e já passou no exame de OAB-PR. Orgulhosos do seu desempenho os pais e o avô, o ex-procurador do Estado e advogado José Manoel de Macedo Caron. A avó de Marinna, Adaline de Araújo Caron, de saudosa memória, também era advogada e foi uma das poucas mulheres a se formar em Direito pela UFPR, em 1953 (BESSA, 2010, p, 1).

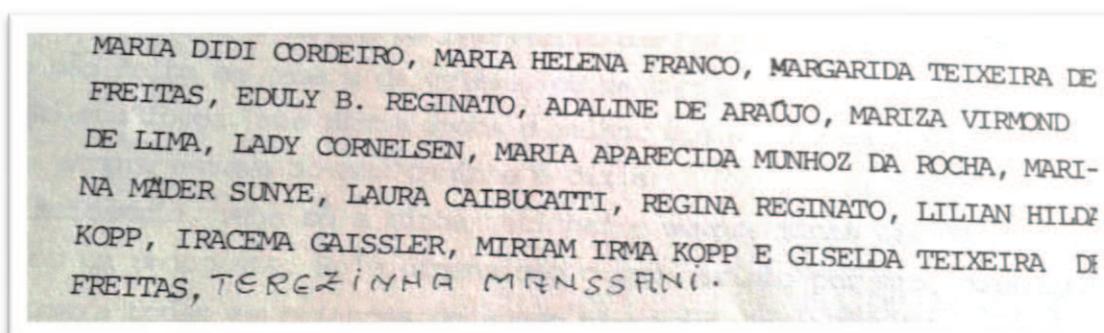
---

<sup>40</sup>A professora Nair de Macedo foi uma figura expressiva no cenário educacional curitibano. Nasceu em Curitiba, em 1910. Em 1929, foi nomeada professora do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva. Após lecionar por 20 anos no Grupo Escolar Tiradentes, assumiu a direção da escola. Foi uma das fundadoras do Colégio Stella Maris, conselheira da Fundação Educacional do Estado do Paraná – Fundepar por 10 anos consecutivos e diretora da Divisão do Ensino Primário da Secretaria de Educação e Cultura de 1965 a 1969, quando se aposentou. Fundou, em 1969, o Jardim de Infância Vovó Chiquinha, ficando como uma de suas diretoras até sua morte, em 1980. (Fonte: Fundação Cultural de Curitiba).

O ateliê de artes Ângelo Hasse, em Curitiba, dispõe do espaço Saint Michel com uma sala que homenageia as irmãs Araújo, trata-se da sala Adaline de Araújo Caron e Adalice Araújo.

Na relação de alunas abaixo citada, podemos verificar alunas provenientes de famílias ilustres da sociedade curitibana, como por exemplo a família Munhoz da Rocha e Gaissler.

*Figura 11: Relação das alunas no ano de 1947*



*Fonte: Relatório do Antigo Sion. Acervo casa da Memória, p. 57, 2002*

Muitas destas ex-alunas não seguiram a carreira do magistério. Em alguns casos frequentar o colégio representava mais um caminho seguro e distintivo de uma boa formação que, necessariamente, não tinha como meta o exercício do magistério.

Brito (2011) realizou um levantamento sobre as escolhas profissionais das ex-alunas do colégio Sion do Rio de Janeiro referente a turma de 1949 a 1961, composta por 33 alunas que frequentaram o colégio por no mínimo 10 anos. Segundo a autora, destas 33 ex-alunas, 20 se propuseram a responder um questionário com mais de 100 quesitos enviado via correio, fornecendo dados estatísticos sobre suas vidas pregressas. Entre elas, oito se prontificaram a conceder entrevista. Os dados foram apresentados em uma tabela, conforme o grau de realização de cada ex-aluna:

Quadro: 9 Projetos de vida das alunas de Sion

<b>Tipo de projeto</b>	<b>Qualidade</b>	<b>Grau de realização</b>
<b>Projeto profissional</b> (duas alunas)	<b>Como projeto exclusivo</b> Aliana Cecília	Sim, considera tê-lo realizado Não, pensa que não o realizou
<b>Projeto Universitário</b>	<b>Como projeto exclusivo</b> Ana Maria	Sim, considera tê-lo realizado

(dez alunas)	Maria Regina Neuza Stella M.	Sim, considera tê-lo realizado Realizou-o apenas parcialmente Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Associado ao casamento</b> Maura Vera	Realizou-o apenas parcialmente Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Associado a projetos profissionais</b> Anna Lucia	Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Associado a projetos profissionais e ao casamento</b> Angela Angelina Stella F.	Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado
<b>Projeto de casamento (oito alunas)</b>	<b>Como projeto exclusivo</b> Amanda Thereza	Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Associado a projetos universitários</b> Alice Gloria Maria Maria Teresa Sílvia Vera Lucia	Realizou-o apenas parcialmente Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado Não, pensa que não realizou Realizou-o apenas parcialmente
	<b>Associados a projetos universitários e profissionais</b> Sonia	Sim, considera tê-lo realizado

Fonte: BRITO, 2011, p. 7.

Sobre o entendimento da autora relativo a este levantamento ela conclui que:

Uma primeira análise global mostra que oito alunas — cerca de um quarto do total — pareciam saber bem o que queriam da vida, pois tinham um só projeto, exclusivo e prioritário, ao deixar o colégio, em sua grande maioria ligado à vida ativa. Metade delas (quatro alunas) tinha como único projeto « cursar uma universidade, se formar » e duas manifestaram sobretudo o desejo de « ter uma carreira profissional » — sem sequer mencionar o casamento. Apenas as duas últimas assumiram integralmente o papel para o qual tinham sido socializadas, tendo por projeto exclusivo « casar e ser donas-de-casa ». Entre as que declararam um duplo projeto, o casamento é claramente a via prioritária. Com efeito, das doze alunas nesse caso, sete exprimem claramente o desejo de combinar casamento e formação universitária — o que não significa que pretendam necessariamente seguir uma vida profissional. Apenas uma combina logicamente a frequência a uma universidade e o exercício de uma profissão (BRITO, 2011, p. 5).

Podemos perceber que as ex-alunas almejavam um projeto universitário, contudo sem a pretensão de utilizá-lo como ferramenta para inserção a uma vida profissional. O casamento surge como uma opção de vida, mas prevalece paralelo a outros projetos. Concluindo a análise a autora finaliza:

As últimas quatro alunas interrogadas pareciam querer tudo e mais um pouco: têm três e até quatro projetos de vida. Três delas colocaram as perspectivas profissionais em primeiro lugar, sem negligenciar a formação, o casamento e até mesmo, como Angelina, a possibilidade de « se apaixonar e viver um grande amor »; a última privilegiou claramente o casamento, sem abandonar a possibilidade de se formar e exercer uma profissão (BRITO, 2011, p. 6).

Por fim, o balanço realizado pela autora nos mostra que no total, dezesseis alunas desejavam possuir uma formação universitária, sendo quatro como projeto exclusivo e doze em associação com outros projetos de vida. As demais almejavam outros caminhos que não incluíam uma formação superior, nem o mercado trabalho como principal meta.

Nesta época, devemos ressaltar a dificuldade em se exercer uma profissão, mesmo o Brasil vivendo um período de ascensão da classe média após o fim da Segunda Guerra e as oportunidades profissionais e educacionais terem se expandido. Na concepção de Pinsky (2013):

As condições de vida nas cidades diminuíram muitas das distâncias entre homens e mulheres: práticas sociais do namoro à intimidade familiar também sofreram modificações. As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuaram nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa” (PINSKY, 2013, p. 608).

As perspectivas de carreiras profissionais para as mulheres eram bastante limitadas até os anos sessenta. As “meninas de Sion”, de certa forma, romperam com esse modelo. Apesar de serem detentoras de uma formação específica para o magistério, a maioria seguiu outros rumos, como afirma Brito (2011):

As alunas que fizeram carreira acadêmica chegaram a ela mais cedo ou mais tarde. Algumas podem ser classificadas dentro do que chamei de itinerário de « herdeiras » (Xavier de Brito, 2004)

— embora não completamente, dado que nem seus pais nem suas mães dispunham de habitus acadêmico. Mas mesmo os pais que não conheciam por dentro os meandros do sistema universitário mobilizavam todos os recursos que possuíam, tinham um certo capital social na área acadêmica, sabiam onde conseguir informações (BRITO, 2011, p. 16).

Quanto às alunas curitibanas não foi diferente, a maioria seguiu caminhos opostos ao magistério, ou simplesmente dedicaram-se à carreira de dona de casa. Entre as ex-alunas entrevistadas, por exemplo, duas formaram-se em Direito, uma em pedagogia, uma em Filosofia e uma concluiu apenas o Curso Normal.

### 3. MODELOS DE FORMAÇÃO FEMININA A PARTIR DO COLÉGIO - EDUCAÇÃO FEMININA E FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

#### 3.1 Os objetivos da formação feminina no contexto curitibano

Segundo Achnitz (2008), a sociedade conservadora abraçou os ideais católicos devido a insegurança de abrir um espaço maior de atuação feminina na sociedade. Em suas palavras “a mulher no imaginário social da época era representante de um comportamento exemplar, portadora de atributos como generosidade, moralidade, resignação, abnegação e pureza” (ACHNITZ, 2008, p. 41). Seria incoerente, desta forma, que a educação recebida pelas moças de “boa família” se equiparasse à educação masculina. A esse respeito a autora esclarece que:

Dentro dessa concepção, a mulher não só poderia como deveria receber uma educação inferior à do homem, pois era ele que dominava as atividades sociais e cívicas dentro da sociedade. Portanto, em atendimento “à vontade divina”, a mulher deveria receber uma educação inferior à do homem e jamais junto ao homem, motivo pelo qual a Igreja sempre revelou repulsa a ideia da co-educação (ACHNITZ, 2008, p. 41).

D’Incao (2013), afirma que “mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral como esposas modelares e boas mães (D’INCAO, 2013, p. 229).

O ser mulher, neste momento, era quase como ser obrigatoriamente mãe dedicada, esposa exemplar, filha estimada. Pinsky (2013) esclarece que as revistas da época classificavam as jovens como sendo “moças de família” ou “moças levianas”. As primeiras tinham o respeito social, eram vistas como moças contidas, recatadas, tinham a possibilidade de um casamento promissor e viveriam como verdadeiras “rainhas do lar”. Já as segundas eram “as mal faladas”, ou as que permitiam algum tipo de intimidade física. Estas eram aquelas com quem os rapazes namoravam, mas não se casavam, pois não eram vistas como moças de boa índole. Segundo Pinsky (2013):

Ficava mal à reputação de uma jovem, por exemplo, usar roupas muito ousadas, sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vista em lugares escuros ou em situação que sugerisse

intimidades com um homem. Os mais conservadores ainda preferiam que elas só andassem com rapazes na companhia de outras pessoas – amigas, irmãos ou parentes, os chamados seguradores de velas (PINSKY, 2013, p. 612).

D’Incao (2013, p.229) observa que de uma certa maneira “os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio”. Ou seja, elas representavam um capital simbólico<sup>41</sup> importante, mesmo sendo o homem a autoridade familiar máxima da casa.

Para Louro (2013), havia uma educação adequada para as filhas dos grupos sociais privilegiados, e uma série de regras a serem cumpridas para se tornarem mulheres exemplares. Em suas palavras:

Para as filhas dos grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementada pelo aprendizado do piano e do francês, que na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas, por professores particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescidas de elementos que pudessem torna-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente (LOURO, 2013, p. 446).

As atividades que deveriam ser desenvolvidas pelas mulheres no dia a dia eram bem definidas assim como seus poucos momentos de lazer:

O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens (LOURO, 2013, p. 446).

---

<sup>41</sup> O conceito de capital simbólico refere-se aquilo que denominamos prestígio ou honra e que permite identificar os indivíduos no espaço social, ou seja, desigualdades sociais não seriam provenientes apenas de diferenças econômicas, mas também das limitações causadas, por exemplo, pelo déficit de capital cultural no acesso a bens simbólicos. Segundo Bourdieu (2003), “O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição”.

A educação feminina deveria recair mais sobre a formação moral, a formação do caráter do que propriamente sobre a instrução. Louro (2013) enfatiza que:

“Na opinião de muitos, não havia porque *mobilizar* a cabeça da mulher com as informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro (LOURO, 2013, p. 446).

Para Belotti (1981), existe uma necessidade de classificação dos seres humanos e a primeira e fundamental é baseada no sexo:

A necessidade de classificar de certa forma os seres humanos escolhe sempre a classificação mais fácil, mais evidente (sexo, raça, idade, religião, etc), ou alguma já aceita por costume milenar. A primeira e fundamental é baseada nos sexos: é uma forma de racismo, mas aparenta uma tal naturalidade que não desperta dúvida nenhuma, sobre sua injustiça. Bem longe de constituir um fato natural, trata-se, ao contrário, de um fato cultural indispensável para manter inalterados certos privilégios reconhecidos àquele que o propôs e o vem transmitindo inflexivelmente através dos tempos, ou seja, o macho, naturalmente com a cumplicidade e a passiva aceitação da mulher (BELOTTI, 1981, p. 133).

Para a autora as mulheres seriam condicionadas sempre a se colocarem prazerosamente ao serviço dos homens e esse pensamento era facilmente difundido por gerações, sem evidenciar-se como preconceito ou segregacionismo, logo “natural”:

Em casa, já tiveram inúmeros exemplos de como se deve tornar a vida mais fácil e agradável aos homens da família. As mães ou as irmãs se desdobram para que a refeição fique pronta no momento exato. Já lhes foi pedida inúmeras vezes, por mais recalcitrantes que elas possam mostrar-se, que se adaptem a esse costume e lhes foi explicado que somente servindo ao homem elas serão, um dia, escolhidas por ele. O elogio é um prêmio para elas, o efeito que irá obter o seu comportamento é sua contínua preocupação, e é imensa a necessidade de serem benquistas e aceitas, pois já tem consciência da própria inferioridade. Seu imperativo é agradar (BELOTTI, 1981, p. 134).

Dessa forma, a vida da mulher restringia-se a preparar-se para agradar ao homem, e o preconceito contido nestas atitudes passava totalmente despercebido, mesmo tratando-se de atitudes tipicamente racistas a qual exige

que um ser considerado inferior se coloque a serviço de outro supostamente considerado superior. Para Archanjo (1997) a mulher era “responsável pela vida doméstica, poupando o homem dos problemas presentes no cotidiano familiar. E o homem, com a vida voltada para os negócios e para a realização profissional deveria proteger a mulher dos complicados problemas do mundo fora de casa”. A autora aponta ainda que:

De acordo com as representações de gênero presentes nos anos 50, era natural que as mulheres assumissem sua missão de esposa e mãe, abrindo mão de qualquer compromisso profissional. Entretanto, muitas jovens daquela época fizeram carreira como professoras, farmacêuticas, dentistas e advogadas, e nem todas desenvolveram a domesticidade esperada (ARCHANJO, 1997, p. 172).

Sob o olhar de Souza (2007), o papel da mulher atuante como professora era praticamente o de uma heroína, responsável pela regeneração da sociedade e formação exemplar, principalmente das crianças:

Sobre as expectativas acerca dos papéis sociais da mulher e da sua atuação como professora das séries iniciais, é recorrente a ideia, nos artigos que analisamos, de que a mulher, quer seja em sua atuação como mãe, esposa ou mestra, deve ser a regeneradora da sociedade e da humanidade. Tal missão se apoiaria em sua atuação como a primeira grande educadora e formadora dos espíritos infantis (SOUZA, 2007, p.31).

Assim, a educação para as mulheres não deveria ser pautada em seus próprios anseios, mas em sua função social de educadora de seus filhos e na formação dos futuros cidadãos. Louro (2013) ainda afirma que “para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo”. Embora a expressão cristã possa ser bastante abrangente, neste contexto ela refere-se sem dúvida ao catolicismo.

Um das funções do colégio também era educar para o casamento, cooperando para que a aluna se tornasse uma esposa e mãe exemplar, logo o ensino era também pautado nessa possibilidade. Para as alunas que não eram pertencentes à elite o ensino tinha uma outra perspectiva. De acordo com Achnitz (2008):

O Colégio Nossa Senhora de Sion dentro de sua proposta de trabalho também desenvolvia ‘a boa ação de educar meninas

pobres'. Essas meninas realizavam os serviços domésticos em troca do ensino "esmerado" que recebiam (ACHNITZ, 2008, p. 54)

Essa "boa ação de educação de meninas pobres" ajudava as alunas menos favorecidas a frequentarem um colégio de elite, entretanto, as diferenças sociais eram visíveis e refletiam no tratamento dispensado as mesmas como Achnitz (2008) enfatiza que "essas alunas em geral ocupavam espaços distintos dentro daquele ambiente escolar, tinham seus uniformes diferenciados e mantinham um certo distanciamento das demais alunas".

Sendo assim, inferimos que mesmo frequentando os mesmos espaços no colégio, as alunas recebiam tratamentos diferenciados. As meninas de Sion, como eram chamadas as alunas pertencentes à elite, possuíam um capital social e cultural que as diferenciava das demais alunas pobres que frequentavam a escola por um ato de "caridade" mas não eram vistas como iguais, pois não compartilhavam desse mesmo capital cultural /social.

O ideário da educação feminina era pautado na formação para a vida social e um possível "bom casamento", e apenas em segundo plano para as atividades profissionais. Para Louro (2013), os Cursos Normais representavam, na maioria dos estados brasileiros, a meta mais alta dos estudos a que uma jovem poderia pretender. Segundo Louro, "as normalistas nem sempre seriam professoras, mas o curso era, de qualquer modo, valorizado. Isso fazia com que, para muitas, ele fosse percebido como um *curso de espera marido*" (LOURO, 2013, p. 471).

Segundo Trindade (1996), nesse contexto, a mulher curitibana se encontra envolta em um modelo de ensino republicano que estava buscando se afirmar como progressista, humanista, democrático, e, laico. Entretanto, a autora destaca a presença das escolas confessionais católicas e sua expansão após a chegada das congregações:

O grande contingente das escolas confessionais é, contudo, representado pelas escolas católicas, sempre crescentes em número, sobretudo após a chegada das congregações religiosas educacionais, a partir de 1895. Praticamente inexistentes na época da Proclamação da República, elas insinuam-se ordenadamente nas proximidades dos núcleos imigrantes ou alojando-se em lugares de prestígio, como a antiga morada do Barão do Serro Azul (TRINDADE, 1996, p. 26).

Também torna-se claro na citação acima o aumento das congregações católicas e alojamento das mesmas em lugares de prestígio e como esse projeto de expansão foi ordenado e planejado, a partir sobretudo dos núcleos imigrantes. Se, de um lado, o processo imigratório facilitou a vinda das congregações para o Brasil, por outro lado, essa vinda contribuiu para assegurar a nova identidade desses imigrantes atrelando educação e cultura - daqui e de lá - em sua formação.

Maria Bernadete Carneiro P. Bettega <sup>42</sup> comenta os hábitos religiosos atribuídos pela congregação aos quais as alunas participavam e destaca ainda a importância das cerimônias religiosas. Esses momentos, segundo Maria Bernadete, eram importantes para diminuir o luxo, a grandiosidade, mesmo dos uniformes, e equipará-las como iguais:

[...] E uma coisa que eu acho muito importante ... na nossa primeira comunhão não sei se foi a primeira turma .....que todas nós fizemos a primeira comunhão aqui no colégio, nós fizemos um retiro apesar de pequenas que éramos e todas vestidas iguais era assim como se fosse um hábito, era como uma freirinha branca, então eu acho, isso era sabe pra parar com aquela pompa, era como se fosse um hábito mesmo. Então aquilo.... era .... éramos todas iguais nessa hora, sandalhinha franciscana de couro cru....[...] (BETTEGA, 02/06/2015).

Neste momento a entrevistada faz questão de apontar o mesmo tratamento dispensado a todas as alunas, inclusive às martinhas, ao menos neste momento de celebração, haja vista que havia diferença entre as alunas relativa ao status social e condição econômica.

A esse mesmo respeito Suzana enfatiza a participação nestes eventos juntamente com suas famílias:

[..] nós tínhamos a primeira comunhão no colégio, com as famílias uma coisa que hoje tá um pouco descaracterizada né, já não tem.... e era o católico apostólico romano que nos levávamos as missas as procissões , nós íamos às procissões , pensem né.... vejam, Corpus Christ se fosse naquela época nós estávamos preparando as flores, onde nós faríamos as procissões junto com colégio com a cúria metropolitana....[...] (ARTIGAS, 02/06/2015).

---

<sup>42</sup> Ex-aluna do Colégio Sion de Curitiba. Formada em Direito. Formou-se no Curso Normal no ano de 1969.

Em suas memórias, Suzana recorda da preparação para as procissões e celebrações de Corpus Christ, ela afirma que datas “sagradas” representavam um momento singular, em que prevalecia a religiosidade, a fé, a participação das alunas e de suas famílias nas celebrações.

Quando questionada sobre a relação com as “Martinhas”, Maria Bernadete esclarece que não havia qualquer forma de distinção no tratamento entre elas:

[...] A Bernadete... também soeur Bernadete, que era a Janete, hoje ela é soeur Bernadete, ela é superiora... acho que lá no Rio de Janeiro também... e ela foi Martinha aqui... e foi professora aqui no terceiro ano [...] (BETTEGA, 02/06/2015).

Já na concepção de Suzana, algumas diferenças no tratamento são apontadas:

[...] a única coisa que eu acho que tinha é que elas não participavam das reuniões, das festas, elas não participavam elas não iam...elas usavam um uniforme diferente, elas já eram tidas como postulantes né, pra conseguir entrar, agente olhava pra elas como futuras freiras né... as freirinhas talvez nem fossem... nunca me lembro disso, pelo contrário, não tinha isso, acho que a gente nem pensava ...[...] (ARTIGAS, 02/06/2015).

O tratamento diferenciado torna-se evidente, no depoimento de Suzana, quando ela afirma que as Martinhas não participavam dos encontros e reuniões, contudo, ela não esclarece o porquê destas alunas não comparecerem as reuniões. Podemos inferir que a própria condição social inferior das Martinhas as constrangia diante das demais, evitando dessa forma algum tipo de contato, ou havia uma recomendação das Irmãs para que as mesmas não participassem das reuniões para não “misturar” as classes.

Segundo Lage (2014), a aceitação de crianças pobres ou desvalidas nas escolas confessionais caracterizava-se como um ato de caridade, logo bem visto perante a sociedade:

Os defensores das escolas confessionais do período moderno acreditavam que a aceitação das crianças pobres ou desvalidas em suas escolas era um ato de caridade, além de prepará-las para futuros trabalhos e moldá-las nos princípios religiosos. Esse discurso só foi apropriado pelos defensores da escola pública com a Revolução Francesa. É importante salientar que o discurso para a escolarização dos pobres, tanto nas escolas públicas quanto nas confessionais, acarretou diferenças educativas, ou seja, essas crianças inicialmente não receberam a mesma educação das

crianças mais abastadas no interior da mesma escola (LAGE, 2014, p. 32).

Baseado na epístola de São Lucas, no novo testamento<sup>43</sup>, a autora faz uma analogia com as tarefas realizadas pelas Martinhas, cujo próprio nome refere-se a uma homenagem à Santa Marta. Em suas palavras:

Esta passagem do Evangelho serve para elucidar o papel das Martinhas do Colégio Nossa Senhora de Sion e a devoção à Santa Marta. Esta reclamava com Jesus Cristo de fazer todo o trabalho doméstico enquanto a sua irmã (Maria Madalena) escutava os seus ensinamentos. Mas Cristo não apoiava as reclamações de Marta, dizendo que era mais importante escutá-lo e que Maria Madalena estaria correta em sua atitude. Pode-se perceber também uma distinção nas funções das duas irmãs: enquanto uma trabalhava na limpeza doméstica, a outra aprendia os ensinamentos de Cristo. Fazendo uma analogia com as educandas do Colégio Nossa Senhora de Sion, percebe-se que a distinção de tarefas e aprendizado entre Martinhas e meninas de Sion poderia acontecer, já que, ao tomar como base o Novo Testamento, este pregava certa distinção nas funções e relações femininas (LAGE, 2014, p. 33).

Podemos inferir que a representação da distinção entre as duas irmãs são semelhantes à distinção existente entre as alunas, que era certamente vista como natural, neste caso em que o colégio teoricamente desenvolvia uma “boa ação” educando as Martinhas supostamente da mesma forma que “as meninas de Sion”.

### **3.2. Os métodos Montessori e Lubienska como contribuição para a formação das alunas do Sion**

O método Montessori foi criado por Maria Montessori, a primeira mulher a formar-se médica na Itália:

Concluído seu curso na Universidade de Roma, a jovem médica dedicou-se aos estudos e ao tratamento de crianças tidas como anormais. Após vários anos de pesquisa e numerosas viagens ao estrangeiro, principalmente à França, consagrou-se à preparação de mestres para a educação de crianças anormais. Constatou que

---

<sup>43</sup> Estando Jesus em Viagem, entrou numa aldeia, onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa. Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor para ouvi-lo falar. Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude. Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; No entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada (S. Lucas, 10, 38-42).

a questão primordial na educação de crianças com deficiências mentais estava muito mais no atendimento pedagógico do que no clínico (COSTA, 2001, p. 306)

Quando percebeu que os métodos de ensino de sua época eram atrasados e ineficientes Montessori, aplicou seu método para crianças “anormais” em crianças ditas normais. Apesar das críticas recebidas, o método se mostrou muito eficiente e em 1907, Montessori inaugurou sua primeira “*Casa dei Bambini*” (Costa, 2001, p. 206). Logo outras escolas foram fundadas em Roma e em pouco tempo o seu inovador sistema de ensino estendeu-se por várias partes do mundo.

Para Costa (2001) o método Montessori constitui-se como uma grande contribuição ao progresso dos “Métodos Pedagógicos”:

Seu sistema foi influenciado pelas ideias educativas de Froebel e Pestalozzi e pelas teorias biológicas de Nageli e de Vries, não representando, por tanto, uma criação nova e original. Contudo sua metodologia buscava atender aos princípios da Escola Nova, que tinha por ideal educar para a liberdade, no sentido de possibilitar a auto-gestão do educando e a construção de uma sociedade democrática (COSTA, 2001, p. 306).

A difusão do método Montessori no Brasil, segundo Avelar (1978) não ocorreu em 1955 com a primeira semana pedagógica<sup>44</sup>, mas sim a partir de 1935, quando D. Carolina Grossamann fundou em São Paulo o Jardim Escola São Paulo, já inspirada nas ideias de Montessori. Entretanto, já em 1915, o Drº Miguel Calmon Dupin e Almeida, divulga uma palestra intitulada “As promessas e os resultados da Pedagogia Moderna”, intensificando seu entusiasmo pelo sistema educacional de Montessori, entra então, em contato com a educadora obtendo, posteriormente, autorização para que se publique a obra “Pedagogia Científica” em 1924 (AVELAR, 1978, p. 73).

---

<sup>44</sup> Foram duas “semanas que prepararam e anteciparam a busca da experiência francesa da educação montessoriana”. A convite e através da A.E.C. (Associação dos Educadores Católicos) Pierre Faure fundador do Centro de Estudos Pedagógicos de Paris em 1937 e diretor da Revista “*Pedagogie Parents et Maitres*” ministrou as semanas pedagógicas de 1955 no colégio Sacré Coeur do Rio de Janeiro e de 1956 no colégio Sion em São Paulo. A primeira semana foi realizada de 8 a 12 de junho de 1955. Foi organizada a partir de cinco temas que foram apresentados e discutidos em grupos formados conforme a atuação dos professores nos diferentes graus de ensino primário e médio. Observando-se os temas tratados pode-se facilmente verificar a influência de Lubienska. Considera-se curioso o fato de não se haver mencionado no relato da Semana, qualquer alusão explícita ao método de Maria Montessori ao seu pensamento educacional, como também ainda ao de Lubienska de Lenval. No entanto, sabe-se que o pensamento pela lógica exposta é o condizente com as duas educadoras e ainda mais, que o resultado dessas semanas pedagógicas foi a implantação do método Montessori no Brasil (AVELAR, 1978, p. 75-76).

Finalmente a 12 de Junho de 1950, inaugurava-se no Rio de Janeiro a Associação Montessori do Brasil pela professora Piper de Lacerda Borges, estimulando o interesse nesta cidade pela educação montessoriana (AVELAR, 1978, p. 74).

Se por um lado alguns educadores se entusiasmavam com as inovações do método Montessori, por outro, alguns questionavam sua eficácia. Alencar (1927), por exemplo, na 1ª Conferência Nacional de Educação, ao discorrer em sua tese sobre a didática de ensino e bilateralidade entre a educação rural e urbana, faz a seguinte observação:

Aos pais roceiros seria impossível, dentro de qualquer tempo imaginado pelo mais ameno otimista, conquistar-lhe a confiança sobre a eficiência, a utilidade do método Montessori. Ora, se nas capitais, com seus grupos escolares e respectivos pavilhões as *case dei bambini* são julgadas por muita gente boa invenção de malucos! Que sucederia no mato (ALENCAR, 1927, p. 59)?

Esta não foi a única palestra com esse teor. O método Montessori era questionado, sendo considerado, neste caso, pelo autor, como impróprio para o trabalho com crianças do campo por falta de estrutura e acompanhamento específicos. Para Vieira (2004), as teses apresentadas na ICNE não apresentam discursos relativos à modernidade, mas sim resistência em alguns tópicos, o que pode em parte explicar a resistência ao método Montessori. Em suas palavras:

A discussão sobre as classes promiscuas a laicização do ensino, o papel da mulher e da professora encontram sérias resistências, assim como, revelam silêncios que soam alto. Também em contraste com parte das interpretações desse conceito – que tendem a contrapor modernos e tradicionais, progressistas e reacionários, católicos e liberais – não encontramos nas teses um discurso diretamente relativo a modernidade, mas sim projetos diferenciados de modernidade. Nessa perspectiva, por exemplo, passamos a entender o discurso católico (VIEIRA, 2004, p. 8-9).

O método Lubienska, fundamentado no pensamento educacional de Montessori, levantava a problemática referente a questões pedagógico-filosóficas, tornando-as questões metodológicas de como ensinar. Para Avelar (1978), “focalizavam-se os objetivos da educação, a formação do professor e a do aluno, a necessidade de se conhecer com mais rigor o educando para poder planejar o seu curso de estudo e sua educação” (AVELAR, 1978, p. 9).

A pedagogia Lubienska tem como pressuposto a consciência e a conscientização do homem, especialmente por meio da consciência moral, enfatizando a educação religiosa. Sua concepção educacional é concebida através de sua visão entre o homem e o mundo que o cerca. Dessa forma, ela busca compreender o homem a partir do conceito da atividade tanto mental, quanto muscular, que não devem ser dissociadas.

O conceito de atividade para Lubienska, refere-se a estar em constante movimento, ou simplesmente fazer algo que seja diferente da simples rotina entediante que torna-se um obstáculo para o aprendizado, e “todos são unânimes em condenar a rotina, o formalismo, a esclerose de certos sistemas, escolas antiquadas e em reclamar uma escola mais próxima da vida” (LUBIENSKA DE LENVAL, 1968, p. 11).

A pedagogia de Lubienska é basicamente pautada na consciência moral; deve-se praticar o bem e evitar o mal. Esta premissa torna-se necessária para a educação do corpo e do psiquismo, o que exige domínio pessoal, que por sua vez, exige atenção. Para Lubienska:

Em oposição à atenção, feita de palavras interiores e marchas por etapas, a atenção contemplativa pode definir-se como uma penetração do essencial, direta, simples e silenciosa. Não se acredita por aí que ela seja sinônimo de sonolência ou passividade porque se alia a uma atividade intensa. Pode-se reconhecê-la por sua gratuidade, pelo desinteresse de si mesma e pelo silêncio; é isso o que a distingue da atenção produtiva, sempre mais ou menos egocêntrica, mesmo escondida sob a capa de devotamento, e sempre loquaz. A atenção contemplativa supõe certo despojamento, certa disciplina; exige, portanto, um ambiente favorável. Favorecer a atenção contemplativa a se libertar é ensinar-lhe a discernir o acidental do constante, o secundário do primordial, o acessório do necessário, e levá-lo a sacrificar os meios ao fim. É ainda evitar a pressa, preparar as ocasiões de recolhimento e cercar de infinito respeito esses momentos fugitivos de admiração em que a consciência, cumulada, se detém e repousa (LUBIENSKA DE LENVAL, 1968, p. 88-89).

Segundo Mendonça & Lacerda (2009, p. 93), surgiu uma nova linha de trabalho administrativo e pedagógico, com a direção da Irmã Maria Cristina e a junção dos métodos Montessori e Lubienska. Pode-se dizer que tal mudança renovou a linha pedagógica de trabalho do Colégio Sion, mas não sem resistências. De acordo com as autores:

Martha Marques, a irmã Maria Cristina de Sion, tinha 22 anos quando chegou a Curitiba, em 1955. Disposta a abrir as janelas do colégio, conforme relatou ao repórter José Carlos Fernandes, pois os rituais no grande prédio da Alameda Presidente Taunay, 260, cheiravam a guardado. Ela teve que aguardar para promover a sua abertura, nas esteiras dos bons ventos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Ela sacudiu as estruturas, ao tempo em que deixava de usar hábito. Mas setores da alta sociedade não gostaram. Muitas famílias não aceitaram a mudança e retiraram seus filhos daqui para sempre, relembra (MENDONÇA & LACERDA, 2009, p. 93).

O método Montessori-Lubienska, responsável pelas inovações citadas anteriormente, privilegia o desenvolvimento integral dos alunos, enfatizando a liberdade e a responsabilidade, se mostrando um método ativo que valoriza o trabalho, as crianças são responsáveis pela limpeza e organização de suas salas, de sua própria higiene e a integração ao grupo responde ao ritmo próprio de cada indivíduo. Para Costa (2001) os objetivos do método montessoriano:

Está no próprio educando, tem por objetivo levar o ser ao conhecimento consciente do real. Ser consciente do real é conhecer o mundo exterior (o não eu) e o mundo interior (o eu): para isso se impõe o método experimental, compreendendo que desta forma o ser toma conhecimento do real pelas atividades que realiza. Ser consciente do mundo exterior possibilitará o conhecimento do mundo interior, o “eu”, constatando a própria personalidade (COSTA, 2001, p. 307).

O método montessoriano visa a formação do homem consciente de si mesmo, para tanto, defende que o professor deve auxiliar a criança a se desenvolver e crescer sozinha, o que favorece seu desenvolvimento e libertação interior. Costa (2001) enfatiza que “a criança deve ser a autora de sua própria educação, o primordial da educação montessoriana é formar o espírito”.

A esse respeito Maria Bernadete, recorda as atividades que desenvolvia:

[...] tinha umas coisas aqui no colégio que eu acho fundamentais, tinha a turma da limpeza então a gente ficava depois da aula limpando a classe e pondo tudo em ordem. Alternavam as equipes eu adorava ser da limpeza. Hoje em dia se você for pôr uma criança para limpar a sala, eles acham ofensivo, eu não sei aqui no colégio pode continuar... tem pais que não gostam, mas a maioria das famílias entendeu o espírito da coisa... que a gente tem que participar tem que limpar eu acho que é uma questão de você respeitar o trabalho do outro, respeitar quem está fazendo a limpeza... e ver que todos tem que fazer a mesma coisa... aquilo é uma obrigação sua deixar a sala limpa para quem vem depois,

então não precisava vir a faxineira passar a vassoura... a gente limpava a sala e a gente já nem sujava muito a sala né... porque a gente já era acostumada a ser cuidadosa, não fazer barulho, não fechar a porta, a ter disciplina [...] (BETTEGA, 02/06/2015).

O diálogo e a apropriação da Montessori/Lubienska é evidência da renovação da Pedagogia Católica no Brasil. Tal renovação está imbuída nas contribuições das Ciências da Educação, o que era pertinente desde o século XIX, mas ganha corpo e visibilidade nas discussões que ocorreram na ABE<sup>45</sup> nos anos de 1920.

Nos chama atenção a presença dos católicos em múltiplos espaços de discussão onde se tratava sobre as questões educacionais. Segundo Orlando (2013), os esforços que os renovadores empreenderam foram intensos no sentido de educar as famílias, efetivando a junção entre o posicionamento dos educadores escolanovistas<sup>46</sup> e a Igreja Católica, tornando-as colaboradoras do processo de escolarização. Em suas palavras:

Não foram poucos os esforços que os renovadores empreenderam para educar as mulheres, visando o empreendimento da tarefa educativa no espaço doméstico, com maior competência, transformando-as nas principais colaboradoras da escola. E, apesar de considerarem a família, como instituição educativa privilegiada, os católicos aproximaram-se dos posicionamentos dos educadores escolanovistas, ao assinalar a necessidade de se instruírem as famílias (ORLANDO, 2013, p.24).

Nessa perspectiva, o método Montessori traz inovações com o trabalho lúdico, trabalhos manuais, simbologias, entre outros. Atualmente encontramos os livros de Maria Montessori traduzidos em inúmeros idiomas, inclusive o árabe e o chinês. Há escolas que seguem o método Montessori em todo o mundo e cada vez amplia-se mais o seu uso.

No colégio Sion, inicialmente houve muita resistência por parte dos pais dos alunos porque o método Montessori, até então, era somente conhecido como

---

<sup>45</sup> Associação Brasileira de Educação

<sup>46</sup> Segundo Santos *et al* (2006) os pressupostos da Escola Nova “tratava-se de não mais submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos, não mais educá-lo para a realização de sua “essência verdadeira”. A pedagogia da existência se voltaria para o indivíduo: único, diferenciado, interagindo com um mundo dinâmico. O caráter psicológico da pedagogia da existência faz apresentar o educando, ou a criança, como o verdadeiro sujeito da educação. Desse modo, a Escola Nova se recusa a considerar a criança uma miniatura do adulto, um adulto inacabado. Ela vai atender a criança a partir das especificidades da sua natureza infantil” (SANTOS *et al*, 2006, p. 133).

um sistema adotado para educar crianças excepcionais. Na época a direção afirmou que “naturalmente adaptamos o processo educativo para a situação de nossos alunos” (QUEM PARANÁ, 1983, p.6)

O método Montessori é basicamente um sistema paralelo da filosofia, psiquiatria e psicologia dentro do pensamento científico e foi implantado no colégio em meados da década de 1950. Sobre o método Montessori, a entrevistada Suzana esclarece:

Nós pegamos o começo do Montessori né..., Maria Montessori, nós tínhamos salas comuns onde fazíamos as fichas, né... não tínhamos apostilas, tínhamos os livros comuns a todos e nos ajudávamos mutuamente né... no Normal nós fazíamos as fichas é... o conteúdo era dado em sala de aula e depois nós fazíamos as pesquisas para descobrir as respostas, nas próprias salas nós tínhamos os livros, as nossas bibliotecas eram nas salas de aula junto conosco. (ARTIGAS, 02/06/2015).

Ela enfatiza o relacionamento entre as colegas de classe na realização das atividades e também na efetivação das pesquisas que deveriam ser realizadas em um outro momento após a explicação do conteúdo na própria sala de aula, que dispunha de uma mini biblioteca com os livros necessários para a pesquisa. Inferimos, assim, que as aulas não eram individualizadas, mas sim efetivadas no coletivo priorizando o trabalho em equipe.

Já Maria do Rocio C. Biscaia<sup>47</sup> enfatiza que a média de alunas na classe era entre 25 a 30 e sobre a interação entre elas afirma que “era muito boa pois, com poucas exceções, estudamos sempre no mesmo colégio e saímos amigas até hoje” (BISCAIA, 19/08/2014). Ela esclarece ainda, que utilizava-se “livros e não cartilhas, basicamente livros, um de cada matéria”. As disciplinas mais importantes para a formação de uma Normalista a seu ver eram “didática e prática de ensino, além de psicologia”. A entrevistada destaca ainda a relação e interação com os professores:

Era também muito boa mesmo entre os professores leigos e as irmãs da congregação (algumas eram também professoras), [...] havia vários trabalhos de equipe, estágios no próprio colégio e também em outros estabelecimentos de ensino público (BISCAIA, 19/08/2014).

---

<sup>47</sup> Ex-aluna do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba. Formada em Direito. Formou-se no Curso Normal no ano de 1958.

Márcia discorre sobre suas memórias e atribui ao Método Montessori a modernização da metodologia de ensino:

[...] foi com a chegada da Soeur Cristina, que até hoje é viva e ela era especialista no método Montessori, então possivelmente com a chegada dela tenha havido essa modernização. Mas mesmo na nossa turma poucas se formaram a gente fazia o Normal, muitas já casaram antes até de terminar, nós temos colegas que casaram no dia da formatura. Poucas foram para a faculdade algumas que foram, foram depois de casadas. A gente se direcionava praticamente ao casamento a você se dedicar ao marido [...] (PUPPI, 02/06/2015).

Maria Bernadete atribui a chegada da Irmã Cristina e a implantação do método Montessori como elementos cruciais para a modernização do colégio. Referente ainda à metodologia de ensino, Maria Bernadete esclarece que:

[...] foi modernizando, inclusive o colégio Sion daqui, por que eu sou de São Paulo, mas vindo pra Curitiba estudei no colégio desde pequena e teve uma época que voltamos pra São Paulo e você sabe que tinha uma grande diferença entre o método daqui do Sion de Curitiba pro de São Paulo, o daqui era muito melhor, nós aprendemos a ler com cinco.... era um método muito mais moderno ....a gente aprendeu.. nós aprendemos a ler no pré-primário, nós entramos no primário já sabendo ler e escrever e lá era ainda um Sion mais a antiga, sabe, mais conservador. Aqui não. Inclusive na maneira de pensar as freiras daqui eram bem mais modernas [...] (BETTEGA, 02/06/2015).

O depoimento de Maria Bernadete chama atenção devido à comparação que a mesma realiza em relação ao Sion de São Paulo. Ela enfatiza que o Sion de Curitiba era muito melhor que o de São Paulo devido à metodologia. Como ela afirma, estudou no Sion durante toda sua formação e destaca ainda que no Sion de São Paulo havia uma educação mais conservadora, enquanto que em Curitiba era bem mais liberal, inclusive as ações das freiras que segundo suas palavras eram “mentes abertas” (BETTEGA, 02/06/2015). Sobre o relacionamento com as irmãs Maria Bernadete aponta:

[...] naquele tempo nós éramos semi-internas né, então a gente vinha pro colégio de manhã e ficava até às quatro da tarde e eu acho....eu não...era muito bom , eu tenho lembranças muito boas é ... das amigas que ficaram para sempre né... as freiras, algumas rigorosas, mas mesmo assim (risos) é a gente tem saudades e é como se fosse é.....uma parte muito boa da minha vida, muito boa [...] (BETTEGA, 02/06/2015).

Maria Bernadete comenta do rigor das freiras de forma bem humorada e diz que “mesmo assim” sente saudades, podemos inferir com essa expressão que o relacionamento entre elas possivelmente era rude.

Ambas as ex-alunas entrevistadas atribuem ao método Montessori a modernização do colégio, que além do estudo com as fichas utilizava livros didáticos, sendo que, alguns ainda se encontram na biblioteca. Entre eles, um dos livros era comumente utilizado: Metodologia da linguagem de J. Budin, então professor do Instituto de Educação do Distrito Federal. O livro analisado data de 1949.

O livro apresenta inicialmente o programa de metodologia da linguagem e os objetivos do ensino da matéria, são eles:

A: contribuir com a formação do professor mediante: conhecimento da natureza e da função das linguagens; conhecimento dos fundamentos psicológicos do ensino de linguagem; conhecimento dos fundamentos metodológicos do ensino de linguagem; conhecimento da organização técnica do ensino da linguagem.

B: Criar hábitos de pensamento crítico e reflexivo em face dos problemas metodológicos da linguagem.

C: Inculcar atitudes de eficiência técnica e científica na investigação e no ensino das questões relativas à linguagem.

D: estimular o espírito de iniciativa e de pesquisa na análise e na aplicação dos métodos e processos de ensino da linguagem.

E: Suscitar ideais de trabalho, de cultura e de processo no estudo dos assuntos referentes à linguagem e à literatura infantil (BUDIN, 1949, p. 4).

Posteriormente era feita a distribuição da matéria em unidades didáticas:

*Quadro 10: Distribuição em unidades didáticas*

<b>2ª série Normal</b>
<b>Unidade I – A linguagem</b>
Origem da linguagem
Natureza da linguagem
Função da linguagem
<b>Unidade II – A criança e a linguagem</b>
A linguagem e o pensamento infantil
Fases do desenvolvimento da linguagem
Modalidades e fases evolutivas da conversação infantil
Compreensão e explicação verbal das crianças
Inventário linguístico da criança

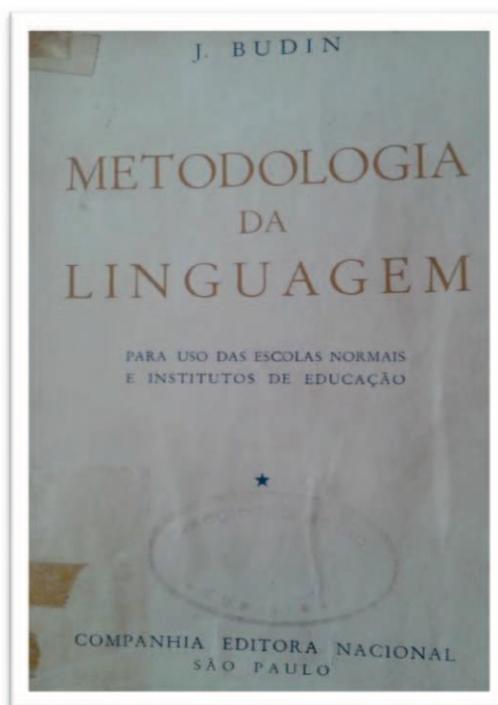
Capacidade de expressão oral e escrita das crianças. As perguntas infantis
<b>Unidade III – Fundamentos Metodológicos do ensino da linguagem</b>
Princípios gerais da metodologia da linguagem
A prática da linguagem – a conversação
O método e “projetos” no ensino da linguagem
O método de “centro de interesse” no ensino da linguagem
A linguagem como ensino instrumental
<b>Unidade IV – o ensino da leitura e da escrita</b>
A capacidade de aprendizagem da leitura e da escrita. O problema da maturidade, sua verificação pelos testes A, B e C.
Processos de ensino da leitura e da escrita
O método alfabético
O método fônico
O ensino simultâneo da leitura e escrita
O método das palavras normais
O processo fonético
O ensino da leitura e da escrita em frases completas
O processo ideo-visual
O processo de vocalização
Organização teórica do ensino da leitura e da escrita: preparação, iniciação, graduação, aplicação,
Modalidades de leitura: leitura oral/ leitura silenciosa
Correção de defeitos
Caligrafia: objetivos do ensino, os novos métodos de ensino da escrita: os métodos americanos o método de Hulliger, o, método de Kuhlmann.
Materiais de leitura na 1ª série: as cartilhas, os livros de leituras, caracteres didáticos
As novas técnicas de expressões gráficas na escola: tipografia, mecanografia e taquigrafia
Uso da cópia e do ditado a partir da 1ª série
Organização de jogos. Meios de verificação da aprendizagem
<b>Unidade V – O ensino da composição</b>
Exercícios da composição oral / a composição escrita
Formação de sentenças (1ª série)
Bilhetes (2ª série)
Descrição de estampas (3ª série)

Descrição, narração, cartas, diálogos, resumos e interpretação (4ª série e curso de admissão).
Composição individual e coletiva
Verificação de aprendizagem
Correção de erros
<b>Unidade VI – O ensino da ortografia e da gramática</b>
Métodos e processos de ensino da ortografia, a partir da 1ª série
O ensino da gramática: iniciação na 2ª série, iniciação de sistematização na 3ª série, sistematização na 4ª série e no curso de admissão.
Análise léxica e noções de análise sintática
Exercícios sistematizados para as diferentes séries
Jogos
Verificação da aprendizagem
<b>3ª Série Normal</b>
<b>Unidade VII – Literatura infantil</b>
Conceito de literatura infantil: seu objetivo; valor da compreensão; conclusões gerais.
A literatura infantil: finalidades didáticas; gêneros preferidos; requisitos do livro; maneira de fichá-lo
Relações da literatura folclórica com a literatura infantil
Os contos populares: origem, características, interpretação
A literatura infantil tradicional e moderna
O ensino da literatura infantil

*Fonte: BUDIN, 1949, p. 3-5*

Havia juntamente com os conteúdos uma observação geral: o estudo teórico será acompanhado de pesquisas bibliográficas e de caráter prático (relativamente às preferências da criança em matéria de leitura), seminários e organização de livros de Literatura Infantil (BUDIN, 1949, p.6).

Figura 12: Capa do livro *Metodologia da Linguagem*



Fonte: Acervo da biblioteca N.S de Sion

O livro também traz sugestões de outras obras básicas para estudo do Curso Normal na época:

Quadro 11: obras sugeridas no livro *Metodologia da Linguagem* para estudo do Curso Normal

Pedagogia científica	Aguayo
La enseñanza del lenguaje	Tiraldo Benedí
El método Decroly	A. Hamaïde
Les jeux éducatifs	Decroly
L'éducation des enfants anormaux	A. Descoedres
Introdução ao estudo da Nova Escola	Lourenço Filho
Didática da Escola Nova	Aguayo
Fines, materias y métodos de la Educación	Dewey
La función de globalización y la enseñanza	Decroly
The Project Method	Kilpatrick
Los reflejos condicionados	Pavlov
Vida e educação	Dewey
Educação para uma civilização em mudança	Kilpatrick

Fonte: BUDIN, 1949, p. 9

Por meio da análise deste livro didático usado como aporte no Curso Normal, podemos perceber a importância de projetos para o ensino, métodos diferenciados e a sugestão de leituras complementares de autores estrangeiros vistos como referência. Além das sugestões dessas obras importantes para a formação dos professores, também encontramos sugestões para trabalhos:

Estudar minuciosamente um processo de alfabetização; executar (aplicando-os) jogos que facilitam a aprendizagem da leitura; fazer o estudo comparativo dos métodos analíticos do ensino da leitura; acompanhar, durante um mês, o processo de alfabetização de uma classe, anotando os resultados dia a dia e apresentando os resultados dia a dia e apresentando um relatório final; aplicar os testes A.B.C. a crianças em idade escolar, não iniciadas na leitura, fazendo os respectivos perfis individuais (BUDIN, 1949, p. 69).

Outro livro também utilizado no Curso Normal do colégio Sion trata-se de “Metodologia da Geografia e da História” de Dinara Leite, então professora de ensino secundário no Instituto de Educação do Distrito Federal.

O livro examinado data de 1959 e 5ª ed. Especialmente desenvolvido para os docentes em História e Geografia. Sendo um manual de Metodologia, procura sugerir caminhos curtos, amenos e eficientes para obter um rendimento bastante satisfatório na aprendizagem. Esperava-se que o resultado dos recursos propostos nesta obra contribuíssem para que as aulas de Geografia e História fossem agradáveis às crianças e estimulassem um interesse espontâneo pelos estudos relativos. Para a autora:

Tratando-se de uma obra para o professor, o que mais avulta para nós é a atitude dos alunos ante os novos métodos: não basta que as crianças aprendam mais Geografia e História do que seria possível com técnicas rotineiras; pretendemos que o ensino realizado em moldes modernos assegure o gosto pelos conhecimentos geográficos e históricos, dando, outrossim, uma estrutura sólida para o futuro desenvolvimento dos estudos (LEITE, 1959, p. 3).

Sua divisão em unidades temáticas sugere:

*Quadro 12: Divisão em unidades temáticas*

<b>Unidade I</b>
Conceito atual de Geografia e História. Âmbito das Ciências Sociais. Utilidade dos estudos sociais na vida prática.
<b>Unidade II</b>
Resumo histórico do ensino da Geografia e da História, as Ciências Sociais no

curso primário, influencia das ideias novas de Educação no aperfeiçoamento dos processos
<b>Unidade III</b>
A criança na aprendizagem da Geografia e da História, dosagem e flexibilidade dos programas, ensino sistemático e ocasional, atividades extra-classe relacionadas com ensino da Geografia e da História
<b>Unidade IV</b>
Ensino da Geografia: observação, objetivação e demonstração, salas-ambiente, material didático e bibliotecas especializadas
<b>Unidade V</b>
Métodos de ensino da História e elementos auxiliares da Didática
<b>Unidade VI</b>
O ensino como problema do professor: o método e a matéria em cada série do curso primário, planejamento de aula
<b>Unidade VII</b>
Fixação da aprendizagem das Ciências Sociais: os jogos, os exercícios e a cartografia, verificação da aprendizagem: testes e provas

Fonte: LEITE, 1959, p.2

Além das fichas e dos livros, as alunas também eram estimuladas a pesquisar. Em entrevista, o ex-professor Luiz Gonzaga Paul esclarece que no Curso Normal “havia uma pequena biblioteca em classe, e o colégio disponibilizava de outra, de maior porte, onde as alunas pesquisavam para atenderem aos roteiros de pesquisa preparados pelos professores (PAUL, 27/10/2014). Segundo o professor, a média de alunas numa classe do Curso Normal era de 25, as quais ele relembra a forma de suas interações:

as alunas, em geral, eram de classe média alta. Isso determinava atitudes diferentes de maior ou menor aproximação entre elas. Normalmente, a forma e o nível de interação eram definidos pela educação que traziam de casa (PAUL, 27/10/2014).

Paul afirma ainda que os princípios educacionais adotados na condução das atividades curriculares, para ele eram mais importantes do que a representação social do colégio na época. Em suas palavras:

Na época, o colégio Sion era um dos mais conceituados da cidade. Apesar de muito conhecido por atender uma clientela destacada por sua elevada posição social e econômica, sempre

tive a impressão que tal situação não exercia maior peso que os princípios educacionais adotados pelo estabelecimento na condução das atividades curriculares (PAUL, 27/10/2014).

Não foi localizado nenhum programa que indicasse o currículo das aulas do Curso Normal. Todavia, o boletim<sup>48</sup> de uma ex-aluna arquivado no colégio nos fornece a grade curricular do ano de 1969. As disciplinas são (inseridas na formação geral): Língua e Literatura Brasileira; Língua estrangeira; Educação física; Educação artística; Educação moral e cívica, Estudos sociais, Matemática; Física, Química, Biologia, História, Geografia. Inseridas na formação especial: Expr. Gráfica, Expr. Sonora, Expr. Corporal, Psicologia, Sociologia, Arte, além de ensino religioso e programa de saúde.

Também uma notícia referente à reabertura do colégio na capital paranaense, no ano de 1918, apresenta o programa das disciplinas, que frisam ser as mesmas trabalhadas nos melhores internatos da Europa:

Dentro de poucos dias terá lugar a reabertura das aulas do colégio de Sion, acreditado estabelecimento de instrução dirigido pela congregação de religiosas de Nossa Senhora de Sion. Esse bem instalado Colégio, modelado segundo os mais modernos estabelecimentos do gênero possui um dos melhores corpos docentes aptos a preparar e educar magnificamente todas as alumnas. Nos programas de estudo figuram todas as matérias ensinadas nos principais internatos da Europa, e compreendem: Curso elementar: Religião, Leitura, Escripção, Arithmetica, História Sagrada, História do Brasil, Geographia, Língua pátria, Língua Francesa, Língua Ingleza ou Allemã, Desenho linear, Piano e Violino, Canto, Solfejo, Trabalho de agulha e Gymnastica. Curso Médio: as mesmas matérias do anterior mais: Taehygraphia, História antiga e de idade média, Princípio de Literatura, Sciencias naturaes, Desenho e Pintura. Curso superior: As mesmas matérias do curso anterior e mais: História Moderna e Contemporanea, Literatura Universal, Physica, Chimica, História natural, Geometria, Algebra, Noções de Philosophia e Latim (A REPUBLICA, 05/01/1918).

São visíveis as semelhanças entre as disciplinas vistas no boletim da ex-aluna com as referidas na notícia. Isso nos leva a pensar que alguns elementos não mudaram com o passar do tempo (1918-1969) e nos remete também a um possível sentido de tradicionalismo . Entretanto, percebe-se uma rigidez acentuada nas disciplinas citadas na notícia, assim como disciplinas

---

<sup>48</sup> Anexo D

características da formação pautada no ideário da formação feminina naquele momento, como trabalhos com agulhas, canto, violino, etc. O anexo C apresenta o programa do colégio Sion para as atividades extracurriculares.

Os cadernos também serviram como fontes valiosas. Neles vemos como as matérias eram ensinadas. Os cadernos escolares representam um objeto muito importante em uma sala de aula. Para Albarracìn (2015), o caderno escolar:

é um instrumento de trabalho. Nele o estudante registra a informação escrita e icônica segundo indicações do professor e segundo seu critério. Nele se expressa, comete erros, rasura, aclara e destaca, reflete habilidades cognitivas, estéticas e de motricidade fina. É um espaço próprio, apesar da influência indireta do docente (ALBARRACÌN, 2015, p.15).

Na concepção de Frago (2008), “no âmbito da história da cultura escrita, tem-se dado muita importância às escritas cotidianas ou ordinárias”, ou seja, a análise dos textos, mesmo os do cotidiano ganham uma nova perspectiva de análise. Assim, a análise dos cadernos escolares, por meio das reproduções neles contidas, surge como uma boa escolha para os estudos relacionados à história da cultura escrita e conseqüentemente, da própria cultura.

O caderno escolar pode ser visto como um elemento único que é construído imbuído de símbolos, significados e conseqüentemente representações dos comportamentos sociais. Eles retratam as particularidades essenciais da vida cotidiana do estudante em meio as quais se incluem seus hábitos, costumes, manias e várias práticas específicas de cada indivíduo. Para Albarracìn (2015), os cadernos “evidenciam procedimentos de ensino/aprendizagem apresentando modos concretos de apropriação de saberes por parte das pessoas que encontram na escrita uma tecnologia significativa”.

O trecho do caderno a ser analisado a seguir é referente à disciplina de didática da matemática da turma do terceiro ano do Curso Normal do ano de 1968. O primeiro detalhe a chamar atenção refere-se à cor da tinta de caneta utilizada, na maioria das vezes a cor preta. Na conjectura de Albarracìn (2015), as cores preta e azul predominam na escrita pois estão sempre disponíveis no mercado, mesmo havendo outras opções. Para a autora:

a azul é uma cor tranquilizadora e profunda que se concentra em si mesma resultando atrativa às pessoas, despertando desejo de

pureza, imaterialidade e quietude. É uma cor tipicamente celeste que se faz mais concêntrica e triste na mistura com a preta, que por sua vez é apagada, imóvel, é insensível e indiferente, significando algumas vezes profunda tristeza e morte (Albarracín, 2015, p.39).

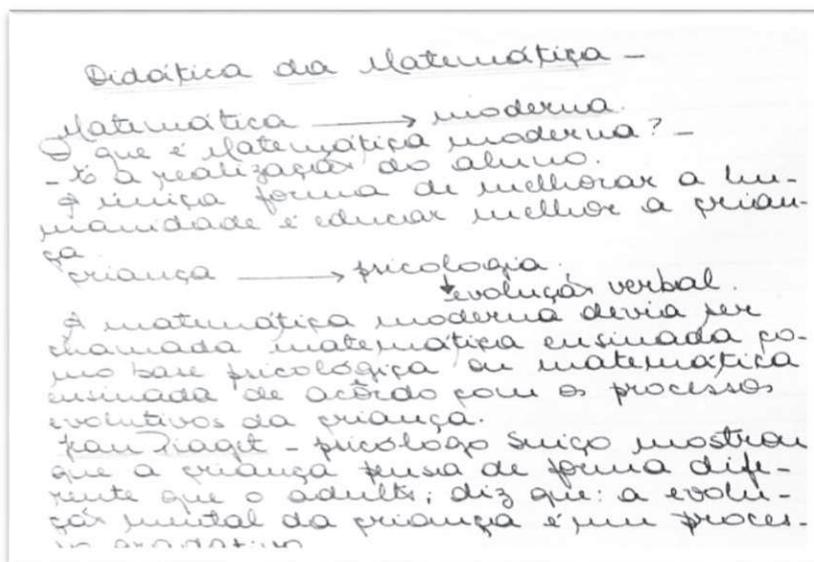
Nesta perspectiva, podemos entender a escolha da cor utilizada pela aluna como uma prática da cultura escolar, que certamente limitava o uso de outras cores que pudessem contrastar de forma muito acentuada.

Como uma segunda possibilidade, podemos inferir a falta de liberdade para utilizar o caderno de uma maneira individualizada, levando em consideração suas próprias características.

Podemos levantar, também, a hipótese da funcionalidade, escrevendo com uma cor neutra, que não seja muito evidente, para que desta forma apenas os destaques, ou anotações mais importantes chamem atenção, posteriormente no momento dos estudos, facilitando assim o encontro das informações anotadas. Não podemos descartar também a simbologia do preto, neste sentido representando tristeza.

Nesta primeira anotação percebemos um questionamento sobre o que seria a matemática moderna, logo em seguida encontramos a resposta de forma concisa e em um segundo momento uma análise mais detalhada, enfatizando a importância da psicologia.

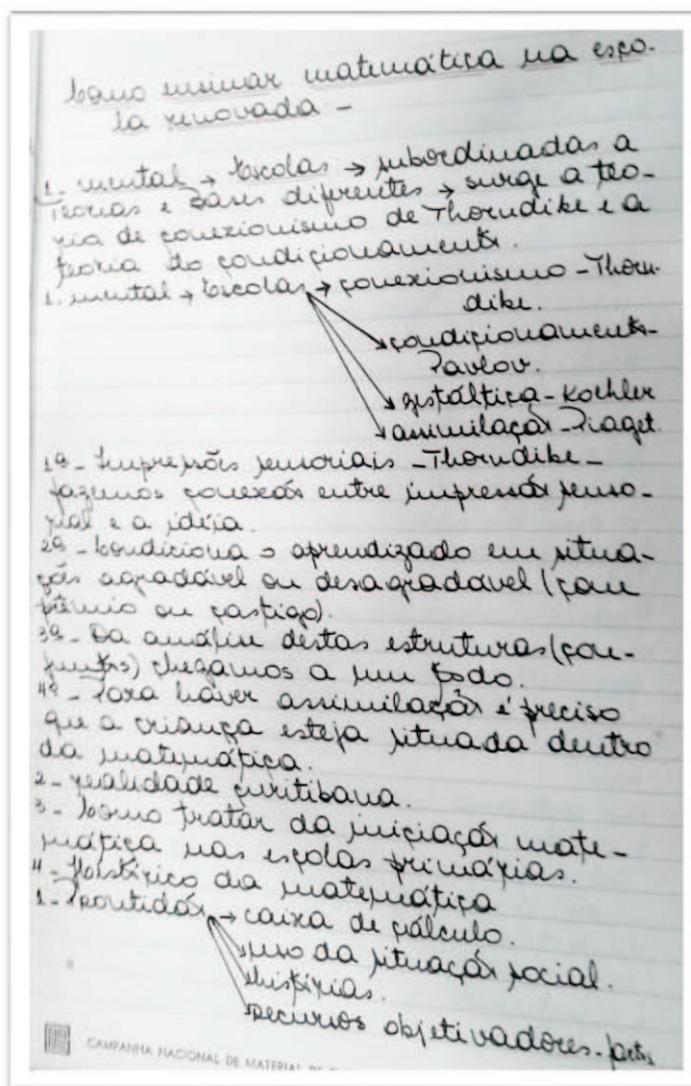
Figura 13 : atividade da disciplina didática da matemática



Fonte: acervo Colégio Nossa Senhora de Sion, 2015

A aluna ressalta que a matemática deveria ser ensinada de acordo com os processos evolutivos da criança. Na sequência a aluna cita Piaget e alguns estudos efetivados por ele.

Figura 14: atividades



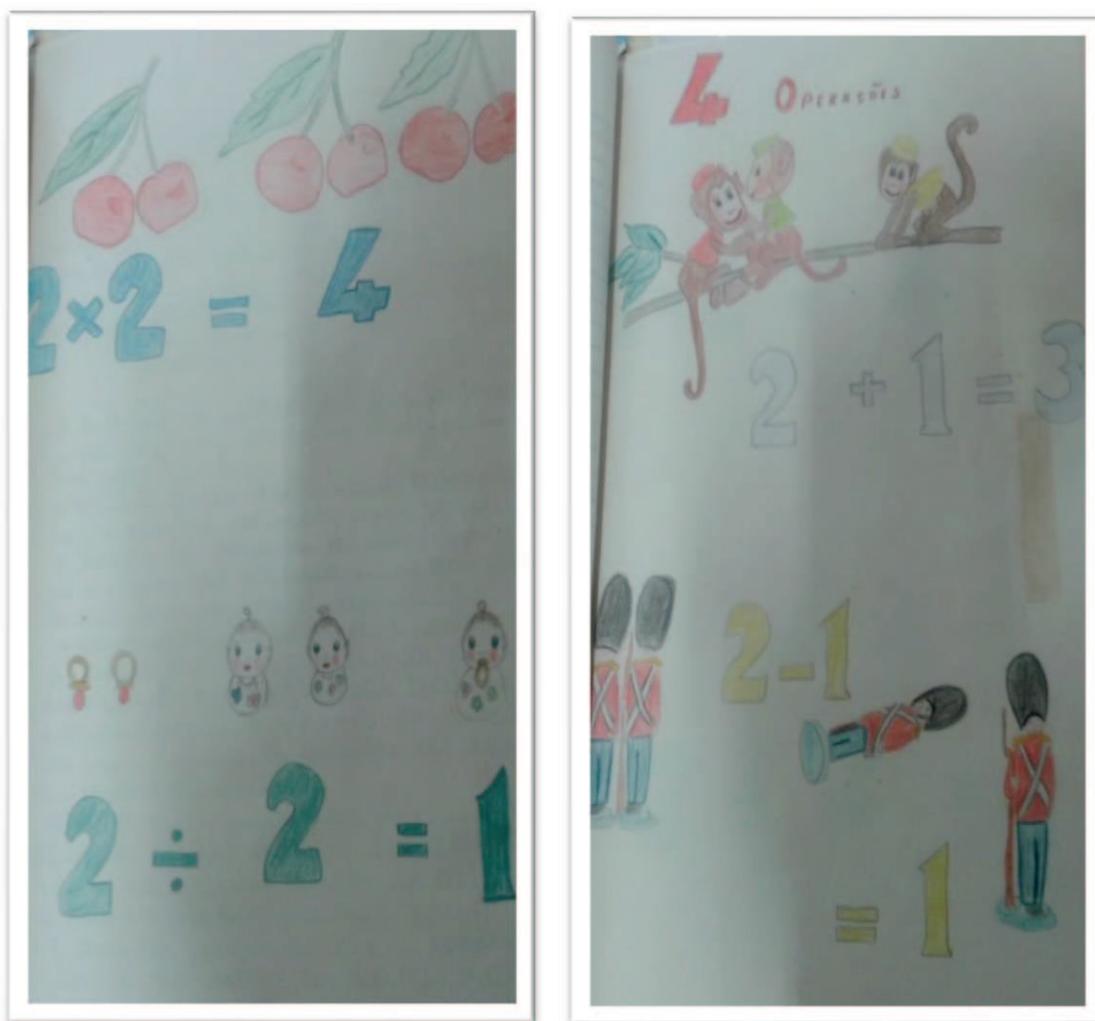
Fonte: Acervo Colégio Nossa Senhora de Sion, 2015

A figura acima destaca como ensinar a matemática na “escola renovada”; traz várias teorias e bases diferenciadas para o ensino da matemática.

Chama atenção nesta anotação o destaque para a realidade curitibana, o que nos leva a deduzir que havia um ensino direcionado especialmente para a região da cidade de Curitiba considerando suas especificidades.

Em relação à figura seguinte, podemos observar que predominam as atividades para as séries iniciais, a aluna utiliza cores vibrantes e desenhos para explicar as operações matemáticas. São utilizados desenhos que chamam a atenção das crianças como animais e brinquedos, para que desta forma as crianças desenvolvam interesse pelas atividades com temas referentes ao seu cotidiano.

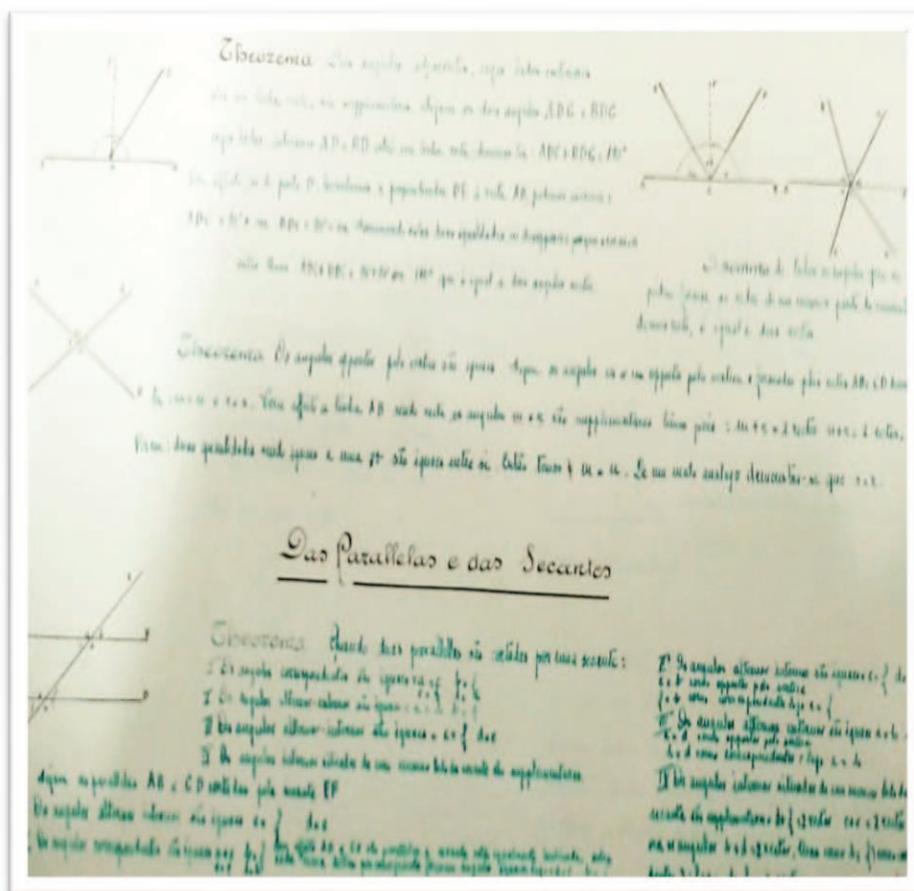
Figura 15: Atividades disciplina didática da matemática



Fonte: Acervo Colégio Nossa Senhora de Sion, 2015

Em relação ao caderno de Geometria também foram escolhidas as cores azul e preto, porém o que chama mais atenção é a caligrafia e organização das informações, que demonstram uma organização lógica e ordenada no desenvolver das atividades. Podemos inferir que esta organização seja reflexo da disciplina existente na escola.

Figura 16: caderno de Geometria



Fonte: Acervo Colégio Nossa Senhora de Sion, 2015

A disciplinarização das moças passa também pela disciplinarização de sua escrita. Os cadernos escolares com suas anotações são um bom indício disso.

A disciplina deveria estar presente em todas as atividades desenvolvidas pelas alunas. Outras formas de disciplinarização que eram tidas como referência são destacadas pelos autores Moreno; Vago (2011):

Cultivar os corpos era prescrever e informar normas de conduta e exigir obediência. Cultivar os corpos era fazê-los ir à escola, capaz da façanha de produzir uma mutação nos corpos de crianças - mas não apenas nos delas. Ordenar tempos, espaços e práticas, almejando racionalizar atitudes, gestos, comportamentos, afetos, costumes, linguagens, enfim, sensibilidades educadas para uma vida moderna imaginada com a República. No visível do corpo fazer aparecer uma estética que o novo regime tomou como inspiração, orientação e referência (MORENO; VAGO, 2011, p.1).

Por meio dos cadernos analisados podemos inferir que a disciplinarização da escrita existia, e possivelmente dos corpos também, uma vez que seus comportamentos e atitudes também eram constantemente analisados.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo por mim efetivado referente à formação das meninas e moças do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba, apresenta algumas considerações que devem ser destacadas.

Constatei por meio dos relatos, entrevistas e notícias de jornais, que o ensino oferecido na instituição efetivamente era pensado para as elites curitibanas dos mais variados segmentos. Havia alunas da alta sociedade, pertencentes à famílias de elevado prestígio social, geralmente políticos e grandes empresários. Havia também alunas que não possuíam um sobrenome renomado no cenário social, entretanto, também dispunham de elevada condição financeira, que lhes proporcionavam condições para frequentar a instituição de ensino.

O conceito de distinção do colégio era muito presente e essa condição de “suposta” superioridade era muito enfatizada pelos meios de comunicação e pela própria elite que buscava elementos distintivos para assim manter sua condição também de superioridade e seus *status*.

Alguns jornais, bastante renomados em relação ao recorte temporal estudado, evidenciavam a questão social, publicando notas destacando eventos importantes como os bailes de formaturas, festas, recreação, enfim, elementos que davam visibilidade não apenas à escola, mas também às moças que ali estudavam. Já outros jornais, não menos renomados, preferiam enfatizar as festas religiosas, os trabalhos de cunho social. Entretanto, vejo que ambos, enfatizavam o trabalho das Irmãs da Congregação Nossa Senhora de Sion e a atuação das alunas em várias situações, como arrecadação de alimentos e material escolar para os desfavorecidos ou competições em jogos e gincanas.

Muitas vezes essas ações desenvolvidas pelo colégio, e mesmo pelas alunas, me pareceram muito estratégicas, visando, obviamente maior visibilidade. Em determinadas situações percebo que ações rotineiras eram muito enfatizadas com o intuito de destacar o trabalho do colégio perante a sociedade. A própria

relação estabelecida entre as Irmãs da Congregação e as autoridades políticas paranaenses chama atenção e se destaca também como mais um elemento distintivo.

Não foram poucos os registros encontrados, especialmente nos diários das Irmãs de Sion, que ressaltavam esses relacionamentos. Certamente havia a necessidade de registrar a relação das irmãs com figuras importantes do cenário político paranaense, com o objetivo de cada vez mais enfatizar o colégio como uma instituição de renome e grande prestígio social. Foram bastante recorrentes anotações referentes a encontros políticos, participação em eventos de grande destaque social, relação com setores empresariais e também ações de cunho educacional bem sucedidas que se reverteram, de alguma forma, em elogios para a instituição. Isso nos faz refletir sobre uma possível “seleção” de registros a serem anotados de acordo com os interesses do colégio.

Este conceito de instituição exemplar certamente se disseminaria pela sociedade, corroborando para a ideia de superioridade da instituição, o que certamente atrairia mais alunos da alta sociedade.

Alguns registros encontrados sugerem um relacionamento afetuoso entre as Irmãs e algumas ex-alunas pertencentes à alta sociedade curitibana. Possivelmente, esse é mais um indicativo de que o colégio buscava a distinção por meio de relacionamentos com personalidades importantes da sociedade curitibana.

Devo ressaltar que o fato de o colégio ser fruto de uma congregação católica legitima a ideia de distinção, uma vez que eram enfatizadas ações religiosas de acordo com os preceitos da congregação, que primava por normas bastante rígidas que não deveriam ser transgredidas.

O trabalho desenvolvido pelas congregações católicas no Brasil foi bastante significativo. Várias congregações oriundas de diversas partes do mundo vieram para o Brasil e desenvolveram trabalhos em variados campos. Com a congregação Nossa Senhora de Sion não foi diferente. A congregação dedicou-se especialmente à educação, destacando-se na sociedade curitibana.

O trabalho da Congregação Nossa Senhora de Sion, desenvolvido especialmente com a educação feminina, é mais um indicativo de distinção, pois concebendo a mulher como a principal disseminadora da devoção católica, tinha

a incumbência de transmitir tais práticas devocionais fortalecendo os princípios da religião católica. Dessa forma, as alunas formadas no colégio teriam também uma formação religiosa e moral adequadas para o convívio em sociedade.

Os dados referentes ao fluxo imigratório das congregações para o Brasil, e naturalmente para o Paraná, destacados na pesquisa, revelaram aproximadamente, os números da chegada destas congregações em solo brasileiro. Por meio destas informações, pude inferir a importância da contribuição das congregações, especialmente as femininas, para a educação brasileira, e constatei que é inegável a atuação das mesmas na formação educacional brasileira, inclusive a atuação da congregação Nossa senhora de Sion.

Referente à formação das alunas, percebo, por meio das entrevistas e das fontes exploradas, que o ensino, como não poderia deixar de ser, era imbuído de conceitos religiosos. A disciplina era bastante cobrada não apenas em relação à formação propriamente dita, mas também em relação aos comportamentos das alunas no cotidiano escolar.

Dentre os objetivos das alunas prevalecia, ainda, o casamento como uma opção de vida, ainda que outros projetos surgissem esporadicamente. Certamente, os projetos mais almejados pelas alunas tinha relação com o magistério, uma vez que era o caminho mais aceitável para uma moça distinta e de boa família seguir. Considerando a limitação de perspectivas de carreiras, as alunas preparavam-se para um bom casamento e a vida doméstica. Entretanto, vejo que a formação que as alunas recebiam no colégio, convinha para abrir-lhes portas, novas oportunidades para que exercessem diversas atividades, também, na vida pública.

Outro fator importante que observo que corroborou para o êxito do colégio Sion foi a educação aos moldes franceses. A estima em relação à cultura francesa era bastante evidente e as elites da cidade buscavam esses elementos distintivos incorporando-os em suas vidas. Para isso, nada melhor que uma educação que se apropriasse da cultura e hábitos franceses, destacando aquilo que lhe dessem mais *status* de civilização europeia.

## REFERÊNCIAS

ACHNITZ, Sônia Alves. Catolicismo ultramontano e educação feminina: o colégio Nossa Senhora de Sion em São Paulo (1901-1970). In: IV Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares, 4., 2007, São Paulo. **Anais do IV Colóquio de Pesquisas sobre Instituições Escolares**. São Paulo: UNINOVE, 2007. p. 01-18.

ACHNITZ, Sônia Alves. **Violetas de Sion**: memórias de Normalistas. Dissertação. 2008, 126 f. UNINOVE, São Paulo, 2008.

ALBARRACÌN, Doris Carmenza Monroy. **Saberes, sentidos e representações cotidianas em cadernos escolares de professores em formação (2011-2013)**. Dissertação. 116 f. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015.

ALENCAR, Renato de. **Antagonias da didática na unilateralidade do ensino**. I Conferência Nacional de Educação: Curitiba, 1927. (org. Maria José Ferreira da Costa; Denilson Roberto Shena; Maria Auxiliadora Schimidt). Brasília: INEP, 1997.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de educação**. Rio de Janeiro, n.23, 2003. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sci_arttext)> Acesso em 10/11/2015.

ARCHANJO, Léa Resende. Ser mulher na década de 50: representações sociais veiculadas em jornais. IN: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **Mulheres na história**: Paraná séculos 19 e 20. Curitiba: EDUFPR, 1997.

ARDAGH, John; JONES, Colin. **França**: grandes civilizações do passado, Trad. Francisco Manhães, Rio de Janeiro: Editora Folio, 2007.

ARTIGAS, Suzana Maria Nogueira. **Entrevista** concedida à pesquisadora em 02/06/2015.

AVELAR, Gersolina Antonia de. **Renovação educacional católica**: Lubienska e sua influência no Brasil. São Paulo: Cortez, 1978.

BASTOS, Maria Helena Camara . Manuais escolares franceses no imperial colégio de Pedro II (1856-1892). **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel,

Pelotas, v. 12, n. 26 p. 39-58, Set/Dez 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>> Acesso em: 14/09/2015.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**: o descondicionalismo da mulher. Petrópolis: Vozes, 1981.

BESSA, Reinaldo. **Apetite tecnológico 1. Gazeta do povo**. Curitiba, 11 dez 2010. Ano 92, n. 29615.

BETTEGA, Maria Bernadete P. Carneiro. **Entrevista** concedida à pesquisadora em 02/06/2015.

BISCAIA, Maria do Rocio. Origem do Colégio Nossa Senhora de Sion. COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION. IN: **Memórias**. Colégio Nossa Senhora de Sion. Curitiba: Gráfica Infante, 2006.

BISCAIA, Maria do Rocio. **Entrevista** concedida à pesquisadora em 19/08/2014.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: a crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme f. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRITO, Ângela Xavier. **Trajetórias e fabricação dos destinos das meninas do colégio Sion**. In: Congresso ANPOCS ( Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) 35, 2011, Águas de Lindóia . Anais do **35º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambú, 2011. p. 01-29.

BUDIN, Jonh. **Metodologia da linguagem**: para uso das escolas normais e institutos de educação. São Paulo: Nacional, 1949.

CARON, Odaléa de Macedo. **Recordações de família**. Curitiba: Fundação cultural de Curitiba, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, Porto Alegre: Pannonica Editora, n. 2, 1990.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION. **Memórias**. Colégio Nossa Senhora de Sion. Curitiba: Gráfica Infante, 2006.

COELHO, Ricardo Corrêa. **Os franceses**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COLOMBO, Maria Alzira da Cruz. **Sion – da Belle Époque aos nossos dias**. São Paulo: Colégio Nossa Senhora de Sion, 2013.

COSTA, Magda Suely Pereira. Maria Montessori e seu método. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 7, n.13, p.305-320, julh/dez. 2001.

CUNHA, Maria Tereza Santos. **O historiador e os diários: presença como fontes/cuidados**. UNESP –FCLAs CEDAP, São Paulo, v.3, n.1, p. 47-51, 2007.

DIAS, Danyele Nayara Santos; SILVA, Francisco Oliveira. Religião e Política na Ditadura Militar do Brasil: A participação dos freis dominicanos no livro Batismo de Sangue de Frei Betto. (1960/1970). In: XVIII Encontro ANPUH. 2012, Mariana, MG. **Anais do XVIII Encontro Regional ANPUH**. MG, 2012, p. 1-08.

DIAS, Maria Lúcia Viana. **Entrevista** concedida à pesquisadora em 02/06/2015.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil. IN: ANPED, 2004, Caxambú. **Anais XXVII Encontro Nacional da ANPED**, Caxambu, 2004.

\_\_\_\_\_ (et all). A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan/abr. 2004

\_\_\_\_\_. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UFP, 2000.

FRAGO, Antonio Viñao. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A. C. V. (org). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História da Educação e História Cultural. IN: **História e historiografia da educação no Brasil**. FONSECA, Thais Nívia de Lima e; VEIGA Cynthia Greive (orgs) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, jan./jun.2001, p.9-43.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Escolas confessionais femininas na segunda metade do século XIX e início do século XX: um estudo acerca do Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha (MG). Navegando pela história da educação. Campinas: **HISTEDBR**, 2006. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Ana\\_Cristina\\_P\\_Lage\\_Artigo.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Ana_Cristina_P_Lage_Artigo.pdf)> Acesso em 10 de set 2014.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Petites Marthes: alunas pobres em uma instituição confessional. **Poiesis Pedagógica**, Catalão GO, v. 12, n. 2, p.25-44, jul/dez 2014.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 4ª ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LEITE, Dinara. **Metodologia da Geografia e da História**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1959.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo. Tese. 268 p. (Doutorado em Educação) São Paulo: Universidade do Estado de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Puríssimo Coração: um colégio de elite em Rio Claro**. Dissertação. 220 f. (Mestrado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Congregações Católicas docentes no Estado de São Paulo e a educação feminina na segunda metade do século XIX. IN: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO,6., 2006, Uberlândia. **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006, p. 1255-1265.

\_\_\_\_\_. Construção da memória em congregações católicas: práticas e imagens agentes. **Cadernos de História da Educação**, v. 12, n. 1, p. 295-312, jan/jun de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

LUBIENSKA DE LENVAL, Hélène; OLIEIRA, Valeriano de. **A educação do homem consciente**. São Paulo: Flamboyant, 1968.

LUCCHESI, Martha Abrahão Saad. O ensino superior brasileiro e a influência do modelo francês. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, II CONGRESSO INTERNACIONAL IGLU, 11 / 2, 2011, Florianópolis. **Anais do XI Congresso Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul e II Congresso Internacional IGLU**. Florianópolis, Repositório UFSC, 2011, p. 1-14.

MENDONÇA, Maí Nascimento; LACERDA, Maria Thereza Brito de. **Os franceses no Paraná**. Curitiba: Aliança Francesa, 2009.

MISAKA, Cinthia Sayuri; LEONARDI, Paula. **Repercussão da chegada de congregações religiosas femininas e de suas ações através do jornal O Estado de São Paulo (1902-1903)**. Faculdade de Educação USP, 2010. Disponível em: <[www4.fe.usp.br/pesquisa-arquivos/public6/index.html](http://www4.fe.usp.br/pesquisa-arquivos/public6/index.html)> Acesso em 10/01/2015.

MONDÉSERT, Claude. **As religiosas de Nossa Senhora de Sion**. Lyon: M. Lescuyeret fils, 1956.

MORENO, Andréa; VAGO, Tarcísio Mauro. **Nascer de novo na cidade-jardim da república: Belo Horizonte como lugar de cultivo dos corpos (1891-1930). PROPOSIÇÕES**: Campinas, vol. 22, n. 3, p.1. Dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000300006)> Acesso em: 09/01/2016.

NASCIMENTO, Rubem de Oliveira. Comentários sobre as teorias da mente e a Psicologia de Herbart na história da Psicologia da Educação. **Aprender caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, ano I, nº 1, p.41-48, 2003. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3770/3451>>. Acesso em 10/01/2016.

N.D.S – SION CURITIBA. **Colégio Nossa Senhora de Sion**. Página de website Curitiba, 2015. Disponível em: <[www.sionbrasil.com.br](http://www.sionbrasil.com.br)> Acesso em 27/01/2015.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. IN: XV REUNIÃO ANUAL ANPED, 15., 1992, Caxambú, **Anais do XV Anped**. Caxambú -MG, 1992, p. 13-17.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **“Educar-se para educar”:** o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964). Tese. 360 f. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., Sergipe. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**, Sergipe: SBHE, 2008, p. 01-16.

PAUL, LUIZ GONZAGA. **Entrevista concedida à pesquisadora em 27/10/2014**.

PAULI, Ana Maria Heller. **Sion, uma tradição no Batel**. Revista Quem Paraná, Curitiba, 1983, p.02, n.85 ano 4.

PATRIMÔNIO CULTURAL DO PARANÁ. **Secretaria de Estado da Cultura**. Página de Website. Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/galeria/fotos.php?evento=2&start=40>> Acesso em: 10/12/2015.

PERIÓDICO DIVULGAÇÃO PARANAENSE, 1961, p; 01

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. DEL PRIORE, Mary (Org). IN: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013

**PINTORES DA PAISAGEM PARANAENSE**. Curitiba: solar do Rosário e Secretaria de Estado de Cultura do Paraná, 2003.

PUPPI, Márcia A. Sant’Ana. **Entrevista** concedida à pesquisadora em 02/06/2015.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, 05/2008. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia\\_artigos/tecnica\\_coleta\\_dados.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/tecnica_coleta_dados.pdf)>. Acesso em: 20/08/2015.

RIOV, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antonio Marques. Brasil, 1930-1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, nº 22, p. 131-149, jun.2006. Disponível em:

< [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22/art10\\_22.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22/art10_22.pdf) > Acesso em: 10/01/2016.

SANTOS, Márcio Renato dos. A França de cada um. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 15 nov 2010. Ano 92, n. 29580.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução Millôr Fernandes. 1603, p. 18. Disponível em:

<<http://www.encontrosdedramaturgia.com.br/wp-content/uploads/2010/10/Shakespeare-HAMLET-Tradu%C3%A7%C3%A3o-Mill%C3%B4r-Fernandes.pdf>>. Acesso em: 15/02/2015.

SILVA, Fabiana de Cassia Tavares da. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **EDUCAR**, Curitiba, n. 28, p.201-216, 2006.

Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/er/n28/a13n28/a13n28.pdf](http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a13n28/a13n28.pdf)> Acesso em: 10/12/15.

SOUZA, Carla Zottolo Villanova. **No mundo das normalistas: as representações da futura professora nas páginas das revistas Instituto e Normalista (1941-1953)**. Dissertação. 125 f. Rio de Janeiro: UERJ, 2007

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.

VIEIRA. Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Instituições escolares: memória, fontes, arquivos e novas tecnologias. SILVA, João Carlos da...[et al]. (orgs.) **História da educação**: arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

VIEIRA, Carlos Eduardo. O discurso da modernidade na 1ª Conferência Nacional de Educação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação, Curitiba: UFPR, 2004. P 01-11.**

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ATA DAS SESSÕES CAPITULARES CONGRÉGATION DE N.S. DE SION. **La croissance spirituelle des novices comparée a celle d'un arbre fruitier.**1946, capítulo 5, p.03.

ATA DAS SESSÕES CAPITULARES CONGRÉGATION DE N.S. DE SION. **Épreuves et tentations.** 1946, capítulo 7, p.05.

ATA DAS SESSÕES CAPITULARES CONGRÉGATION DE N.S. DE SION. **Procès-Verbal de la séance capitulaire.**1946, capítulo 14, p. 18.

BOLETIM ECLESIAÍSTICO DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA – PR. Ano XXI n. 34, 1957.

\_\_\_\_\_. Ano XIX, n. 32, 1955.

\_\_\_\_\_. Ano XXVII, n. 40, 1964.

\_\_\_\_\_. Ano XXXI, n. 44, 1968.

BRASIL. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Decreto nº 24.772, de 7 de abril de 1948.** Diário Oficial da União – Sessão 1 – 19/05/1948, Página 7589 (publicação original). Coleção de leis do Brasil -1948, página 35, Vol. 4 (publicação original).

BRASIL. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Decreto nº 20833, de 21 de dezembro de 1931.**

DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA. **Diários das Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Sion.** Acervo da biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Sion, 1968.

DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA. **Diários das Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Sion.** Acervo da biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Sion, 1967.

DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA. **Diários das Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Sion.** Acervo da biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Sion, 1965.

DIÁRIO DA CASA DE CURITIBA. **Diários das Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Sion.** Acervo da biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Sion, 1957.

JORNAL A REPÚBLICA, ed. 00296, 19/12/1916<sup>49</sup>

JORNAL A REPÚBLICA, ed. 0004, 05/01/1918

JORNAL O ESTADO, ed. 00313, 17/09/1937

JORNAL CORREIO DO PARANÁ, ed. 01762, 22/10/1937

---

<sup>49</sup> A catalogação dos jornais foi efetivada desta forma devido à falta de padrão dos jornais da época que impossibilitam outra forma de referência.

JORNAL CORREIO DO PARANÁ, ed. 04267, 22 /01/ 1942

JORNAL DIÁRIO DO PARANÁ, ed. 0080, 24/??/1946

JORNAL DIÁRIO DO PARANÁ, ed. 00510, 12/06/1947

JOURNAL DE LA MAISON. **Diários das Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Sion.** Acervo da biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Sion (1966).

**RELATÓRIO DO ANTIGO SION DE CURITIBA.** Fundação Cultural de Curitiba. 70 p. 2002.

## APÊNDICES

Apêndice A: roteiro para entrevistas

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA (ALUNOS)

As entrevistas serão baseadas em perguntas abertas, sendo divididas em 4 temáticas, conforme o roteiro abaixo:

#### 1 – Caracterização do Pesquisado

Data de nascimento:

Em que ano estudou no Colégio?

Mais algum membro da sua família estudou no Colégio?

#### 2 – Cotidiano Escolar

Recorda-se das professoras? Elas eram brasileiras?

Como era o dia-a-dia em sala de aula? Existia alguma rotina? Como acontecia o recreio? Tinham contato com elementos de outra cultura?

Existiam festas no Colégio (dia das mães, dia dos pais, missas, festas religiosas, procissões, desfiles, palestras...)? O colégio era aberto para a comunidade?

Fizeram algum passeio fora da escola?

Que aulas tinham? Existiam aulas diferenciadas (bordado, pintura, música, costura, canto, teatro)? Tinha atividades na horta?

Lembra de algum livro didático que utilizou? O Colégio tinha biblioteca? Liam livros de literatura e revistas?

Como eram os exames? Tinham exames orais? As provas vinham prontas?

Que orações faziam na escola? Rezavam em outra língua?

#### 3 – O Colégio e as Famílias/Comunidade

A educação escolar convergia para a educação familiar? Os pais eram chamados na escola?

Existiam escolas públicas próximas ao Colégio que você estudou? A comunidade próxima a estas instituições optavam por qual escola?

Se recorda do motivo de ter sido matriculado em uma instituição católica?

Qual marca você acredita que o colégio passava a comunidade?

Fora do horário escolar, você participava de outras atividades na escola?

Havia leigos que trabalhavam no Colégio?

#### 4 – Resquícios de uma formação

Depois de estudar em uma instituição católica, que caminho profissional seguiu?

Continuou os estudos em outras escolas/colégios/universidades?

Existe alguma prática que você aprendeu na escola e mantém até hoje?

## **ROTEIRO PARA ENTREVISTA (PROFESSORES)**

As entrevistas serão baseadas em perguntas abertas, sendo divididas em 3 temáticas, conforme o roteiro abaixo:

### **1 – Caracterização do Pesquisado**

Data de nascimento:

Qual a sua formação?

Em que ano trabalhou no Colégio? Por quanto tempo permaneceu como docente nesta instituição?

Qual disciplina lecionava?

### **2 – Cotidiano Escolar**

Como era o dia-a-dia em sala de aula? Existia alguma rotina? Como acontecia o recreio? Lecionava em outra língua?

Qual era a média de alunos por sala? Como era a interação entre os alunos?

Como era a interação entre os alunos e os professores?

Existiam festas no Colégio (dia das mães, dia dos pais, missas, festas religiosas, procissões, desfiles, palestras...)? O colégio era aberto para a comunidade?

Fizeram algum passeio fora da escola?

Que aulas tinham? Existiam aulas diferenciadas (bordado, pintura, música, costura, canto, teatro)? Tinha atividades na horta?

Lembra de algum livro didático que utilizou? O Colégio tinha biblioteca? Liam livros de literatura e revistas?

Como eram os exames? Tinham exames orais? As provas vinham prontas? Qual era a média de reprovação?

Como eram tratados os casos de indisciplina?

Que orações faziam na escola? Rezavam em outra língua?

### **3 – O Colégio e as Famílias/Comunidade**

A educação escolar convergia para a educação familiar? Os pais eram chamados na escola?

Existiam escolas públicas próximas ao Colégio católico?

Qual marca você acredita que o colégio passava a comunidade?

Fora do horário escolar, existiam outras atividades na escola?

Havia leigos que trabalhavam no Colégio?

Apêndice B: Cartas de Sessão<sup>50</sup>

**Termo de consentimento  
para fins de pesquisa acadêmica**

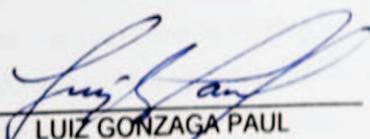
Após ter sido devidamente informado sobre os principais aspectos da pesquisa **"Histórias e memórias do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba: um percurso entre o ideário pedagógico e as práticas educativas na formação das normalistas"** e ter esclarecido minhas dúvidas, eu, LUIZ GONZAGA PAUL, portador da cédula de identidade n.º 249.779-4/PR, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos dos elementos de minha participação, depoimentos e informações fornecidos para a referida pesquisa, em realização na PUCPR pela mesetranda **MÁRCIA IZABEL DOS SANTOS**, sob a orientação acadêmica da Dr.<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando, do programa de Pós-graduação da mesma Universidade, para que tais elementos sejam usados parcial ou integralmente sem restrição de prazos e citações, a partir da presente data \_\_\_\_\_

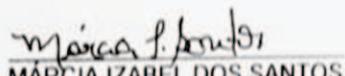
Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações, ficando vinculado o controle das informações a cargo dessas pesquisadoras da PUCPR. \_\_\_\_\_

Desejo que a autoria desses meus elementos de informação seja referida ao meu nome, abdicando de direitos autorais meus e de meus descendentes. \_\_\_\_\_

Por assim entender, subscrevo o presente Termo. \_\_\_\_\_

Curitiba, 27 de outubro de 2014.

  
LUIZ GONZAGA PAUL  
Participante da pesquisa

  
MÁRCIA IZABEL DOS SANTOS  
Pesquisadora

<sup>50</sup> Para uma melhor adequação à pesquisa o título da mesma foi alterado, entretanto, sem prejudicar as demais informações constantes na mesma.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ ESCOLA DE  
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES – MESTRADO E DOUTORADO EM  
EDUCAÇÃO

Sob o título "COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION DE CURITIBA: UM PERCURSO ENTRE O IDEÁRIO PEDAGÓGICO E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DAS NORMALISTAS" o estudo que, culminará na elaboração de uma dissertação de Mestrado pretende analisar o ideário pedagógico e as práticas educativas realizadas no colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, salvo se o autor expressar seu desejo de ser identificado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

As pesquisadoras responsáveis pela pesquisa são a professora Dr<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando do programa de Pós graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, orientadora, e a mestranda Márcia Izabel dos Santos, também do referido programa. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o /a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente.

Após ter sido devidamente informados /a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu, Luciana R. S. Veloso  
Identidade nº 427.285.12 PR declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na PUCPR, desenvolvida pela mestranda Márcia Izabel dos Santos, para que seja usada parcialmente ou integralmente sem restrição de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desses pesquisadores da PUCPR.

( ) solicito que seja resguardada minha identificação. (x) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes. Subscrovo a presentes declaração.

Curitiba, 02 / junho / 2015

Luciana R. S. Veloso

Márcia Izabel dos Santos

Participante da pesquisa

Pesquisador/a



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ ESCOLA DE  
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES – MESTRADO E DOUTORADO EM  
EDUCAÇÃO**

Sob o título "COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION DE CURITIBA: UM PERCURSO ENTRE O IDEÁRIO PEDAGÓGICO E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DAS NORMALISTAS" o estudo que, culminará na elaboração de uma dissertação de Mestrado pretende analisar o ideário pedagógico e as práticas educativas realizadas no colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, salvo se o autor expressar seu desejo de ser identificado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

As pesquisadoras responsáveis pela pesquisa são a professora Dr<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando do programa de Pós graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, orientadora, e a mestranda Márcia Izabel dos Santos, também do referido programa. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o /a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente.

Após ter sido devidamente informado /a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu, Mariana Lucia Trama Reis  
Identidade nº 661.422-90 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na PUCPR, desenvolvida pela mestranda Márcia Izabel dos Santos, para que seja usada parcialmente ou integralmente sem restrição de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desses pesquisadores da PUCPR.

( ) solicito que seja resguardada minha identificação. (  ) Desejo que a autora de meus depoimentos seja referida abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes.

Subscrevo a presentes declaração,

Curitiba, 02/1 Junho /2015.

Mariana Lucia Trama Reis

Participante da pesquisa

Márcia Izabel dos Santos

Pesquisador/a



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ ESCOLA DE  
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES – MESTRADO E DOUTORADO EM  
EDUCAÇÃO

Sob o título "COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION DE CURITIBA: UM PERCURSO ENTRE O IDEÁRIO PEDAGÓGICO E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DAS NORMALISTAS" o estudo que, culminará na elaboração de uma dissertação de Mestrado pretende analisar o ideário pedagógico e as práticas educativas realizadas no colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, salvo se o autor expressar seu desejo de ser identificado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

As pesquisadoras responsáveis pela pesquisa são a professora Dr<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando do programa de Pós graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, orientadora, e a mestranda Márcia Izabel dos Santos, também do referido programa. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o /a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente.

Após ter sido devidamente informados /a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu, MARIA BERNADETE P. CARUEIRA BETTEGA Identidade nº 741277-PR declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na PUCPR, desenvolvida pela mestranda Márcia Izabel dos Santos, para que seja usada parcialmente ou integralmente sem restrição de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desses pesquisadores da PUCPR.

( ) solicito que seja resguardada minha identificação. (X) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes. Subscribo a presentes declaração,

Curitiba, 21 Junho /2015.

Maria Bernadete P. Carueira Bettega Márcia Izabel dos Santos

Participante da pesquisa

Pesquisador/a



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ ESCOLA DE  
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES – MESTRADO E DOUTORADO EM  
EDUCAÇÃO**

Sob o título "COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION DE CURITIBA: UM PERCURSO ENTRE O IDEÁRIO PEDAGÓGICO E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DAS NORMALISTAS" o estudo que, culminará na elaboração de uma dissertação de Mestrado pretende analisar o ideário pedagógico e as práticas educativas realizadas no colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, salvo se o autor expressar seu desejo de ser identificado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

As pesquisadoras responsáveis pela pesquisa são a professora Dr<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando do programa de Pós graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, orientadora, e a mestranda Márcia Izabel dos Santos, também do referido programa. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o /a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente.

Após ter sido devidamente informados /a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu, Márcia

Identidade nº 390.021-5 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na PUCPR, desenvolvida pela mestranda Márcia Izabel dos Santos, para que seja usada parcialmente ou integralmente sem restrição de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desses pesquisadores da PUCPR.

( ) solicito que seja resguardada minha identificação. (X) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes.

Subscribo a presentes declaração,

Curitiba, 21 junho /2015.

Márcia A. Sant'Ana Puzzi

Participante da pesquisa

Márcia Izabel dos Santos

Pesquisador/a



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES – MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Autorizo a publicação, através de meios impressos e digitais, dos fatos e memórias por mim relatados, a fim de que os mesmos se tomem subsídios para a realização de pesquisa científica a ser efetivada através da Pontifícia Universidade Católica do Paraná pela mestranda Márcia Izabel dos Santos.

Ass: Maria de Joci Paffiatti Biscain

Curitiba, 15/08 /2014.

## ANEXOS

### Anexo A: Parecer Consubstanciado do CEP

	Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR	<b>ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE CULTURA - PUCPR</b>											
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>													
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>													
<b>Título da Pesquisa:</b> IGREJA CATÓLICA E CIRCULAÇÃO DE SABERES PEDAGÓGICOS: INTELLECTUAIS, IMPRESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS (1916-1970)													
<b>Pesquisador:</b> Evelyn de Almeida Orlando													
<b>Área Temática:</b>													
<b>Versão:</b> 1													
<b>CAAE:</b> 49107215 8.0000.0020													
<b>Instituição Proponente:</b> Pontifícia Universidade Católica do Paraná													
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio													
<b>DADOS DO PARECER</b>													
<b>Número do Parecer:</b> 1.247.267													
<b>Apresentação do Projeto:</b>													
<p>A presente pesquisa tem como objetivo elencar as ações pedagógicas cultivadas por intelectuais, educadores e congregações católicas, situando as mesmas na posição que a Igreja Católica ocupou no cenário educacional brasileiro. Neste contexto, tem-se a seguinte problematização: como a Igreja transitou no campo da produção, mediação e circulação dos saberes pedagógicos que acabaram por contribuir com a reconfiguração do campo educacional no Brasil ao longo dos anos de 1916 a 1970? Como seus projetos educacionais se articulavam com os projetos de organização da nação? A relevância desta pesquisa está em buscar entender a relação que se estabelece entre Igreja, sociedade e educação ampliando as lentes da pesquisa para a multiplicidade de ações desenvolvidas pela hierarquia eclesial e o laicato católico em diferentes setores da sociedade que, por diferentes caminhos, fizeram circular ideias, saberes e práticas que configuraram o pensamento educacional católico no Brasil. No âmbito teórico, a pesquisa faz emergir alguns conceitos basilares para a compreensão daquilo que se propõe no horizonte. Os conceitos de "campo</p>													
<table border="0"> <tr> <td><b>Endereço:</b> Rua Imaculada Conceição 1155</td> <td><b>CEP:</b> 80.215-901</td> </tr> <tr> <td><b>Bairro:</b> Prado Velho</td> <td></td> </tr> <tr> <td><b>UF:</b> PR</td> <td><b>Município:</b> CURITIBA</td> </tr> <tr> <td><b>Telefone:</b> (41)3271-2103</td> <td><b>Fax:</b> (41)3271-2103</td> </tr> <tr> <td></td> <td><b>E-mail:</b> nep@pucpr.br</td> </tr> </table>				<b>Endereço:</b> Rua Imaculada Conceição 1155	<b>CEP:</b> 80.215-901	<b>Bairro:</b> Prado Velho		<b>UF:</b> PR	<b>Município:</b> CURITIBA	<b>Telefone:</b> (41)3271-2103	<b>Fax:</b> (41)3271-2103		<b>E-mail:</b> nep@pucpr.br
<b>Endereço:</b> Rua Imaculada Conceição 1155	<b>CEP:</b> 80.215-901												
<b>Bairro:</b> Prado Velho													
<b>UF:</b> PR	<b>Município:</b> CURITIBA												
<b>Telefone:</b> (41)3271-2103	<b>Fax:</b> (41)3271-2103												
	<b>E-mail:</b> nep@pucpr.br												
Página 01 de 04													



Comitê de Ética  
em Pesquisa da  
PUCPR

ASSOCIAÇÃO PARANAENSE  
DE CULTURA - PUCPR



Continuação do Parecer: 1.247.267

intelectual" e "campo religioso" de Bourdieu, ambos como um sistema de linhas de força, de relações entre posições em que os agentes que o integram ora se opõem, ora se agregam (2004) são fundamentais para entender o lugar de pertença dos sujeitos dessa pesquisa. Nesse influxo, parte-se da tese de que o campo educacional se tornou uma das principais linhas de ação ofensiva do catolicismo, considerado como uma frente fundamental no projeto de recatolicização da sociedade. As redes de sociabilidade que se constituem em torno dessa frente de ação que se ramifica em diferentes segmentos é entendida na perspectiva de Sirinelli (1996). Para este autor, ao buscar compreender essas redes, o que aparece são as relações que se estabelecem em torno de afetos, partilhas e ideologias. No levantamento dos depoimentos a respeito de práticas educacionais, de congregações católicas femininas, ampara-se a análise metodológica em Alberti (2004). Nesta pesquisa busca-se apontar algumas ações desenvolvidas pela Igreja Católica como modo de demarcar um espaço na configuração do cenário educacional brasileiro.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

##### **Objetivo Primário:**

Compreender a ação pedagógica da Igreja Católica a partir de três eixos: a ação dos intelectuais, suas produções impressas e práticas educativas, atentando para as estratégias de circulação utilizadas para veicular saberes pedagógicos que acabaram por contribuir com a reconfiguração do campo educacional no Brasil ao longo dos anos de 1916 a 1970.

Refletir sobre a relação estabelecida entre projetos educacionais e projetos de organização da nação.

##### **Objetivo Secundário:**

Analisar o campo educacional como uma frente de ação da Igreja Católica.

Analisar as redes de sociabilidade constituídas entre os diferentes sujeitos envolvidos nos projetos educacionais da Igreja Católica.

Analisar as estratégias de circulação e de legitimação desses sujeitos no cenário educacional no âmbito nacional e internacional.

Analisar as estratégias de educação endereçadas às famílias e à escola por intelectuais e

Endereço: Rua Imaculada Conceição 1155  
Bairro: Prado Velho CEP: 80.215-901  
UF: PR Município: CURITIBA  
Telefone: (41)3271-2103 Fax: (41)3271-2103 E-mail: nep@pucpr.br



Comitê de Ética  
em Pesquisa da  
PUCPR

ASSOCIAÇÃO PARANAENSE  
DE CULTURA - PUCPR



Continuação do Parecer: 1.247.267

educadores que transitam em torno do campo educacional.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com a Resolução 466/12.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

De relevância histórica e social.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

De acordo com a Resolução 466/12.

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da Resolução 466/12, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê.

Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do estudo. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP-PUCPR de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoCNPQ.pdf	01/09/2015 20:40:44	Evelyn de Almeida Orlando	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEatualizado.docx	02/09/2015 11:18:56	Evelyn de Almeida Orlando	Aceito
Outros	Roteiro.docx	02/09/2015 11:19:39	Evelyn de Almeida Orlando	Aceito

Endereço: Rua Imaculada Conceição 1155  
Bairro: Prado Velho CEP: 80.215-901  
UF: PR Município: CURITIBA  
Telefone: (41)3271-2103 Fax: (41)3271-2103 E-mail: nep@puopr.br



Comitê de Ética  
em Pesquisa da  
PUCPR

ASSOCIAÇÃO PARANAENSE  
DE CULTURA - PUCPR



Continuação do Parecer: 1.247.267

Folha de Rosto	FolhaDeRostoAssinada.pdf	03/09/2015 18:43:33	Evelyn de Almeida Orlando	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_583307.pdf	03/09/2015 18:45:47		Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CURITIBA, 28 de Setembro de 2015

Assinado por:  
**NAIM AKEL FILHO**  
(Coordenador)

Endereço: Rua Imaculada Conceição 1155  
Bairro: Prado Velho CEP: 80.215-901  
UF: PR Município: CURITIBA  
Telefone: (41)3271-2103 Fax: (41)3271-2103 E-mail: nep@pucpr.br

## Anexo B: Quadro das madres superiores

<b>SUPERIORAS GERAIS DA CONGREGAÇÃO NOTRE DAME DE SION</b>		
M. Sophie	1851-1860	Sophie Stoulhen
M. Marie Louise Catherine	1860-1872	Louise Catherine Weywada
M. Rose	1872-1885	Rose Valentin
M. Paul	1885-1902	Léonice Hibon
M. Laure	1902-1911	Marie Grenier
M. Gonzalès	1911-1932	Marthe Beaudoin
M. Amédée	1931-1950	Marguerite Bertrand Maillefer
M. Félix III	1950-1963	Solange Bèchetoille
M. Laurice	1963-1975	Marjorie Gordon Cleather
Katherine Mac Donald (Kay)	1975-1987	
Patrícia Watson (Pat)	1987-1998	
Mechtild Vahle	1998-2004	
Maureen Cusick	2004-2010	
Oonah O'Shea	2010.....	

Fonte: COLOMBO, 2013, p. 63

## Anexo C: Programa do coral do colégio Nossa Senhora de Sion de 1961

PROGRAMA**SION DE ONTEM**

## I parte

- 1 - Piano M<sup>a</sup>. Leonor de Oliveira Mello
- 2 - Piano Ingrid Mueller Serafim
- 3 - Canto Sonia Mocellin †

★

## Intermezzo

## Cantos ao violão

- 1 - Vera Beatriz Piá de Andrade
- 2 - Dircélia de Macedo Ramos

★ ★

**SION DE HOJE**

## II parte

## CORAL N. S. DE SION

- |                           |                               |
|---------------------------|-------------------------------|
| 1 - Ecce quam bonum       | Florêncio de A. Lima          |
| 2 - Cronômetro            | Beethoven                     |
| 3 - Hino à noite          | Beethoven                     |
| 4 - Ave Maria             | Autor desconhecido do séc. XI |
| 5 - Meu boi barroso †     | Folclore brasileiro           |
| 6 - Tajapanema †          | Folclore brasileiro           |
| 7 - O sino da igrejinha   | Folclore brasileiro           |
| 8 - Gavião de penacho     | Folclore brasileiro           |
| 9 - Zum gali gali †       | Folclore israelita            |
| 10 - A la claire fontaine | Folclore canadense            |
| 11 - A rêde do jatobá     | Max Cardoso - harmonização    |
| 12 - Lasciatemi divertire | Pietro Montani                |

*dos, ré, mi - - -**Lamen - - -**Zum gali gali - - -***SION DE AMANHÃ**

## III parte

- 1 - A Formiguinha — Jardim da Infância †
- 2 - Brasília — Curso Primário

★ ★ ★

Anexo D: Boletim

**A AVALIAÇÃO E SÍNTISE, SEGUNDO EM CONDIÇÃO:**  
 -- Exatidão  
 -- Atitude

**LEGENDA**  
 C - Contencioso  
 A - Atitude  
 R - Recuperação  
 ADP - Admissão  
 CH - Cargo Histórico  
 F - Falta  
 % - Porcentagem de presença  
 CF - Conselho Fiscal

Insuficiente - de 0 a 3,9  
 Fraco - de 4,0 a 5,9  
 Regular - de 6 a 6,9  
 Bom - de 7 a 7,9  
 Muito bom - de 8 a 8,9  
 Ótimo - de 9 a 10

DISCIPLINAS	AVALIAÇÃO										FALTAS					
	1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.	5a Sit.	6a Sit.	7a Sit.	8a Sit.	9a Sit.	10a Sit.	1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.		
Formação Geral	C	A	A	A	R	C	A	C	A	R	ADP	CF	1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Ing. Matemática Básica	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Ing. Eletrônica	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Matemática Física	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Matemática Avançada	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Matemática Model. e Simul.	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Estudo Social	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Matemática	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Física	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Química	OT	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Biologia	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
História	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Geografia	OT	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Programa de Saúde	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Ensino Religioso	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
<b>FORMAÇÃO ESPECIAL</b>																
Expr. Gráfica	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Expr. Sonora	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Expr. Corporal	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Y. M. C. A. Educ.	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Psicologia	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Sociologia	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.
Psic. Edu. Cur. Adm.	B	OT	OT	OT	B	OT	OT	OT	OT				1a Sit.	2a Sit.	3a Sit.	4a Sit.

**SIGNATURA DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS**  
 1º Assinatura: *[assinatura]*  
 2º Assinatura: *[assinatura]*  
 3º Assinatura: *[assinatura]*  
 4º Assinatura: \_\_\_\_\_

**Resultado Final**  
 Menção: *FAA = 21,4%*

**Assinatura da Diretora**  
 1ª Assinatura: *[assinatura]*  
 2ª Assinatura: *[assinatura]*  
 3ª Assinatura: *[assinatura]*  
 4ª Assinatura: *[assinatura]*